

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

JOELMA VARÃO LIMA

**O JORNAL DAS SENHORAS, UM PROJETO PEDAGÓGICO:
MULHER, EDUCAÇÃO, MATERNIDADE E CORPO
(RIO DE JANEIRO NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX)**

DOUTORADO EM HISTÓRIA

**São Paulo
2012**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

JOELMA VARÃO LIMA

**O JORNAL DAS SENHORAS, UM PROJETO PEDAGÓGICO:
MULHER, EDUCAÇÃO, MATERNIDADE E CORPO
(RIO DE JANEIRO NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX)**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutora em HISTÓRIA, sob a orientação da Professora Dra. Maria Izilda Santos de Matos.

DOUTORADO EM HISTÓRIA

**São Paulo
2012**

BANCA EXAMINADORA

*Dedico esta pesquisa à memória do
meu tio Antônio José Moura Varão*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer à minha família, pelo apoio e carinho que me devotaram durante o processo da pesquisa histórica. Especialmente ao meu marido, Claudio, e minha filha, Alice.

Lembrando também a dedicação dos meus pais, Joel e Albanita, bem como da minha sogra, Maria Theodora.

Meu agradecimento especial à Professora Maria Izilda, que muito me ajudou como orientadora.

Sou grata também ao Programa de Estudos Pós-graduados em História da PUC/SP, pelo ambiente crítico para desenvolver as pesquisas historiográficas.

Agradeço aos colegas pelo apoio e suporte crítico com que discutimos várias pesquisas.

Agradeço também às professoras Mirtes de Moraes e Andrea Borelli, pelas sugestões e críticas na banca de qualificação.

Gostaria de agradecer à CAPES, pela bolsa modalidade tipo II, que propiciou a elaboração da pesquisa.

Agradeço também aos revisores deste trabalho Karina Cobo e Gustavo Ferreira.

A todas essas pessoas muito obrigada.

Valeu a pena? Tudo vale a pena se a alma não é pequena.

Fernando Pessoa

LIMA, Joelma Varão. **O Jornal das Senhoras, um projeto pedagógico: mulheres, maternidade, educação e corpo (Rio de Janeiro, segunda metade do século XIX)**. Tese (Doutorado em História Social), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

RESUMO

Esta pesquisa histórica busca questionar as mudanças e permanências na história das mulheres de elite e das relações de gênero na segunda metade do século XIX no Rio de Janeiro. Tem como fonte histórica principal *O Jornal das Senhoras*, primeiro periódico escrito por mulheres, direcionado ao público feminino.

Partindo da contextualização do Rio de Janeiro, da imprensa, das mulheres e da família patriarcal, debate-se a importância da educação feminina na visão positivista da redatora d'*O Jornal das Senhoras* Joana Paula Manso de Noronha e na visão cristã de Violante A. X. Bivar e Velasco, ambas visando à emancipação moral da mulher. Na sequência se discute a maternidade, tida como missão sagrada pelas redatoras do jornal, embora com pontos de vista diferentes. Por último, aborda-se a importância da imprensa na difusão da moda, dos cuidados com o corpo e do embelezamento da mulher.

A imprensa foi veículo de divulgação de novas ideias de progresso, tendo em vista, por meio de um discurso pedagógico, preparar as mulheres para o processo transformador pelo qual passava a cidade.

Palavras-chave: O Jornal das Senhoras, Gênero, Educação, Maternidade e Corpo

LIMA, Joelma Varão. **O Jornal das Senhoras, a pedagogical project: women, maternity, education and body (Rio de Janeiro, second half of the 19th Century)**. Tese (Doutorado em História Social), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

ABSTRACT

This aim of this historical research is to question the aspects of change and continuity in the history of women of the elite class, and gender relationships in the second half of the 19th Century in Rio de Janeiro. Its main historical source is *O Jornal das Senhoras*, the first magazine written by women and targeted at a female readership.

Based on the contextualization of Rio de Janeiro, the press, women, and the patriarchal family, it discusses the importance of education for women in the positivist vision of the writer of *O Jornal das Senhoras*, Joana Paula Manso de Noronha, and in the Christian vision of Violante A. X. Bivar e Velasco, both of whom desired the moral emancipation of women. It then goes on to discuss maternity, understood as a divine mission by the writers of the journal, although with different points of view. Finally, it addresses the importance of the press as a means of dispensing advice on fashion, care of the body and beauty for women.

The press was the media used to divulge new ideas of progress, with the aim, through its pedagogical discourse, of preparing women for the transforming process that the city was going through.

Keywords: O Jornal das Senhoras, Gender, Education, Maternity and Body

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	10
CAPÍTULO I - MULHERES MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS.....	16
1.1 RIO DE JANEIRO: MOVIMENTO E TRANSFORMAÇÃO.....	16
1.2 PERIODISMO FEMININO NA CORTE.....	40
1.3 MULHERES: EM PROCESSO.....	56
CAPÍTULO II - MULHERES E EDUCAÇÃO: PROGRESSO E ILUSTRAÇÃO.....	65
2.1 PROGRESSO: CIDADE E MULHERES.....	65
2.2 EDUCAÇÃO: UMA BANDEIRA DE LUTA.....	72
2.3 FEMINISMO: SENTIDO DA EDUCAÇÃO.....	89
2.4 TRABALHO: POTENCIALIDADE FEMININA.....	106
CAPÍTULO 3 - MULHERES E MATERNIDADE: SENTIDO E INSTRUÇÃO.....	112
3.1 EM DEFESA DA INSTRUÇÃO MATERNA.....	112
3.2 SACRALIZAÇÃO DA MATERNIDADE.....	125
3.3 SER MÃE E CHEFE DE FAMÍLIA: ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO.....	137
CAPÍTULO 4 - MULHERES: CORPO, BELEZA E MODA.....	142
4.1 CORPO FEMININO.....	143
4.2 CUIDADOS E BELEZA, SAÚDE DA MULHER.....	157
4.3 MODA, VETOR CIVILIZATÓRIO.....	165
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	176
FONTES E BIBLIOGRAFIA.....	179

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - "Um jantar brasileiro" (família com escravos), de Jean-Baptiste Debret (1827).....	21
Figura 2 - "Um funcionário a passeio com sua família", de Jean-Baptiste Debret (1837).....	24
Figura 3 - Primeiro número d'O <i>Jornal das Senhoras</i> (01/01/1852).....	48
Figura 4 - O <i>Jornal das Senhoras</i> , 08/02/1852.....	51
Figura 5 - O <i>Jornal das Senhoras</i> , 18/02/1855.....	84
Figura 6 - Partitura musical - O <i>Jornal das Senhoras</i> , 10/10/1852.....	86
Figura 7 - "O Piano", de Renoir (1892).....	88
Figura 8 - O <i>Jornal das Senhoras</i> , 08/02/1852.....	103
Figura 9 - Clotilde de Vaux.....	105
Figura 10 - O <i>Jornal das Senhoras</i> , 01/11//1852.....	115
Figura 11 - O <i>Jornal das Senhoras</i> , 11/01/1852.....	116
Figura 12 - "A Pátria", de Pedro Bruno.....	117
Figura 13 - O <i>Jornal das Senhoras</i> , 18/07/1852.....	127
Figura 14 - O <i>Jornal das Senhoras</i> , 26/09/1852.....	129
Figura 15 - O <i>Jornal das Senhoras</i> , 26/09/1852.....	130
Figura 16 - O <i>Jornal das Senhoras</i> , 04/04/1852.....	142
Figura 17 - Corset ou espartilho.....	146
Figura 18 - Resultado corporal do espartilho.....	148
Figura 19 - Mulher usando espartilho.....	150
Figura 20 - Desenho ilustrando o uso da crinolina e do espartilho.....	152
Figura 21 - Mãe com dois filhos - O <i>Jornal das Senhoras</i> , 26/12/1852.....	156
Figura 22 - Três moças elegantes no século XIX.....	164
Figura 23 - O <i>Jornal das Senhoras</i> , 15/01/1854.....	167
Figura 24 - "Colete de emancipação" - O <i>Jornal das Senhoras</i> , 21/03/1852.....	169
Figura 25 - O <i>Jornal das Senhoras</i> , 11/01/1852.....	170

APRESENTAÇÃO

Esta pesquisa histórica busca questionar as mudanças e permanências na história das mulheres e das relações de gênero na segunda metade do século XIX no Rio de Janeiro. O objeto de estudo é a imprensa feminina de meados do século XIX, especificamente o periódico *O Jornal das Senhoras*, que se constitui na fonte histórica principal da análise, sendo este um estudo de gênero que se propõe a resgatar a trajetória das mulheres de elite do século XIX, na Corte do Brasil Imperial. Procura-se alcançar:

Uma compreensão da realidade da linguagem, que, como consciência prática, está saturada por toda uma atividade social e satura inclusive, a atividade produtiva. [...] a linguagem é a articulação dessa experiência ativa em transformação, uma presença social e dinâmica no mundo.¹

Questiona-se como se deu essa “experiência ativa” no caso das mulheres envolvidas com *O Jornal das Senhoras* e, além disso, como se deu sua “presença social e dinâmica” no mundo da Corte Imperial no século XIX, numa sociedade assentada na economia agroexportadora de café e inserida no processo de urbanização do Rio de Janeiro.

Reflete-se sobre o público de leitoras do periódico daquele instante histórico como sujeitos ativos que construíam uma relação dialógica com os artigos de jornais e folhetins, analisando-se inclusive as cartas das leitoras publicadas no jornal.

¹ WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. p.43.

Desta forma compreende-se a circularidade: imprensa e leitores. As várias maneiras de ler e compreender, o que acaba por produzir usos e significações diferenciadas.²

Esse periódico foi o primeiro jornal escrito por mulheres direcionado ao público feminino. Possuía seções de Moda, Belas Artes, Teatro, Crítica, Música e Folhetins.

O jornal teve três redatoras-chefes durante os três anos em que circulou na Corte. No primeiro ano foi redatora Joana Paula Manso de Noronha. Ainda em 1852, Joana Paula deixou a editoria do periódico para Violante Atabalipa Ximenes Bivar e Velasco, viúva de João Boaventura. Dona Violante também deixou o jornal, assim como Joana, por motivos pessoais e financeiros. Dona Gervásia Neves foi a última redatora – ficou na direção do periódico de 1853 a 1855.

Havia muitas dificuldades para manter um periódico nesse período histórico. O público era restrito, pois a maioria da população era analfabeta – embora um leitor pudesse ler para o outro –, além do alto custo para confeccionar um jornal, já que a produção exigia maquinário importado e mão de obra qualificada.

Além d'O *Jornal das Senhoras* havia, em meados do século XIX, outros periódicos destinados ao público feminino. Essas importantes obras foram consultadas na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, desde 2006 – atualmente, se encontram em microfilmes, que foram digitalizados.

² CHARTIER, 1991. Apud: ALVES, Gislene. **Nas Sendas do Progresso: cidade, educação e mulheres (Pindamonhangaba - 1860-1888)**. Dissertação (Mestrado em História Social), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

Esta pesquisa parte da discussão sobre gênero inserida na produção historiográfica, que desde a década de 1970 privilegiou o trabalho das mulheres, especialmente o trabalho fabril. Há uma maior visibilidade do trabalho por ser importante para a sobrevivência, ocupando a maior parte da vida cotidiana, e por sua relevância nas reivindicações feministas.

Já nos anos 80, a produção historiográfica brasileira sobre as mulheres foi marcada pela diversidade das abordagens e dos aspectos questionados. Na temática do trabalho feminino foram resgatados o cotidiano fabril, as lutas e as greves, as variadas estratégias e resistências criadas e recriadas pelas mulheres na sua rotina diária, além da sua capacidade de encontrar brechas nas incoerências e inconsistências dos sistemas sociopolíticos para dar visibilidade à sua expressão e sobrevivência.

Na produção historiográfica recente poderes e lutas femininas foram resgatados, mitos foram analisados e novas leituras foram feitas dos estereótipos, sendo estes repensados. No bojo de várias correntes de interpretações historiográficas, recuperou-se a atuação das mulheres no processo histórico enquanto sujeitos ativos, questionando-se as imagens de pacificidade, ociosidade e confinamento no lar, o que revelou as esferas de influência da mulher e resgatou seus testemunhos.³

Na perspectiva do gênero, as diferenças e os preconceitos presentes na história da humanidade não são naturais, mas sociais e históricos, e, assim, o estudo das diversidades sociais entre os sexos

³ MATOS, Maria Izilda Santos de. **Por uma história da mulher**. 2ª ed. Bauru, SP: EDUSC, 2000. p.14.

masculino e feminino se constitui numa das inquietações presentes em diferentes épocas, questão marcada por aberturas e incertezas vivenciadas em desigualdades, culpas, preconceitos e violências.

Por sua característica basicamente relacional, a categoria gênero procura destacar que a construção dos perfis de comportamento feminino e masculino define-se um em função do outro, uma vez que se constituíram social, cultural e historicamente em um tempo, espaço e cultura determinados. Não se deve esquecer, ainda, que as relações de gênero são um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças hierárquicas que distinguem os sexos, e são portanto, uma forma primária de relações significantes de poder.⁴

Nesse sentido, a intenção deste estudo é questionar os intrincados mecanismos que, no século XIX, possibilitaram às mulheres de elite ampliar sua vida social e seu acesso à educação, passando elas a possuírem conhecimentos de puericultura e refinamento social. Busca-se evidenciar ainda que foi também no século XIX que se vislumbrou a importância da mulher como rainha do lar, se destacando as potencialidades femininas no espaço privado em oposição ao espaço público, considerado território masculino por direito, segundo o positivismo vigente na época.

As relações homem-mulher fazem parte das relações de gênero. Quando falamos em gênero, estamos falando da construção cultural do que é percebido e pensado como diferença sexual, ou seja, das maneiras como as sociedades entendem, por

⁴ MATOS, Maria Izilda Santos de. **Por uma história da mulher**. 2ª ed. Bauru, SP: Edusc, 2000. p.16-7.

exemplo, o que é *ser homem e ser mulher*, e o que é *masculino e feminino*.

Assim podemos tratar estas noções como conceitos históricos.⁵

Destarte, os conceitos de masculinidade e feminilidade, as oposições binárias “mulher anjo” / “mulher demônio”, os papéis de rainha do lar, serva do lar, mãe zelosa, mulher educada, são ideias e situações inseridas no bojo das transformações urbanas do século XIX na Corte, as quais propiciaram mudanças de valores socioculturais na antiga família patriarcal. São, ainda, conceitos mutáveis e variáveis de acordo com o contexto social.

Nesse sentido, houve um questionamento acerca dos universalismos, do natural, sobretudo da ideia de que o direito à educação seria preponderantemente masculino. Foram então destacadas certas diferenças entre os sexos, as quais se pretende estudar e caracterizar como históricas, sociais e culturais.

Tendo, entre as suas preocupações, o cuidado de evitar as oposições binárias e fixas e naturalizadas, os estudos de gênero procuram mostrar que as referências culturais são sexualmente produzidas por símbolos, jogos de significação, cruzamentos de conceitos e relações de poder, conceitos normativos, relações de parentesco, econômicas e políticas.⁶

⁵ BASSANEZI, Carla. **Virando Páginas, Revendo as Mulheres** - Revistas femininas e relações homem-mulher (1945-1964). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996. p.11.

⁶ MATOS, Maria Izilda Santos de. **Âncora de emoções** - Corpos, Subjetividades e Sensibilidades. Bauru, SP: Edusc, 2005. p.22.

Vale ressaltar ainda que:

As concepções relacionadas à diferença sexual tanto são produto das relações sociais quanto produzem e atuam na construção destas relações. Em outras palavras, assim como as idéias influenciam a vida das pessoas, as experiências e os elementos materiais da existência, por sua vez, influem na constituição do pensamento (moldando as formas de as pessoas interpretarem tudo o que relacionam de algum modo às diferenças sexuais). Gênero, portanto, refere-se tanto as idéias, concepções que têm como referência a diferença sexual (e que servem de base para outras interpretações do mundo), quanto às práticas sociais orientadas por essas idéias.⁷

Assim, este estudo de gênero inicialmente faz uma contextualização do Rio de Janeiro, a imprensa, as mulheres e a família patriarcal. Em seguida, no segundo capítulo, debate-se a importância da educação feminina na visão positivista da redatora d'O *Jornal das Senhoras* Joana Paula Manso de Noronha e na visão cristã de Violante A. X. Bivar e Velasco, ambas visando à emancipação moral da mulher.

Na sequência, se discute a maternidade como missão sagrada para as redadoras do jornal, embora com pontos de vista diferentes. Por último, o foco recai sobre a importância da imprensa na difusão da moda, cuidado com o corpo e embelezamento da mulher.

A imprensa foi o veículo de divulgação de novas ideias de progresso, tendo em vista, mediante um discurso pedagógico, colocar a nação no rumo do processo civilizador.

⁷ BASSANEZI, Carla. **Virando Páginas, Revendo as Mulheres** - Revistas femininas e relações homem-mulher (1945-1964). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996. p.12.

CAPÍTULO I - MULHERES, MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS

Este capítulo tem por objetivo discutir as transformações ocorridas no Rio de Janeiro no que diz respeito ao espaço privado e às relações familiares, examinando o movimento de valorização da mulher durante o século XIX.

O crescimento populacional veio acompanhado da necessidade de “civilizar” a capital brasileira, a partir de 1808, com a vinda da família real. A Corte, capital do Império, em meados do século XIX, período em que se deu o fim do tráfico negreiro, passava por um remodelamento espacial: houve a implantação do sistema de esgotos e da iluminação a gás.

Com isso, surgiram novas formas de sociabilidade para as mulheres e as crianças. As famílias de elite passaram a frequentar o Passeio Público, a Rua do Ouvidor, onde havia confeitarias e lojas elegantes, entre outros espaços da cidade. Nesse contexto nasceu *O Jornal das Senhoras*, primeiro periódico escrito por mulheres, com o intuito de propiciar leituras e levantar questões pertinentes ao universo feminino.

1.1 RIO DE JANEIRO: MOVIMENTO E TRANSFORMAÇÃO

O Rio de Janeiro apresenta a peculiaridade de ter sido capital desde a colônia, mas foi principalmente com a chegada da família real,

em 1808, que a cidade sofreu um conjunto de transformações no sentido civilizatório.⁸

O Rio de Janeiro do século XIX é um cenário propício para se estudar as mulheres da elite em meados do século XIX. A cidade foi capital do Império e, posteriormente, da República, e sua relevância durante os séculos XIX e XX se constitui num aspecto socioeconômico importante da história do Brasil.

A abertura dos portos dinamizou o comércio e a chegada de uma variedade imensa de produtos aos quais até então a colônia não tinha acesso.

A pauta de importações do Brasil, após 1808, era a seguinte: destacavam-se, antes de tudo, panos e ferragens inglesas e, além disso, bacalhau, azeite, vinho, sal, manteiga, farinha de trigo, vinagre, biscoitos (gêneros importados de Portugal); ferro, cobre, zinco, chumbo, tecidos de lã, linho e algodão, porcelanas e louças, armas, calçados (importados da Inglaterra); móveis, jóias, perfumaria, licores, velas de cera, medicamentos, pinturas e gravuras (importados da França); papel, cerveja, vidro, genebra (da Holanda); relógios, pianos, espingardas (da Áustria); brinquedos e objetos de latão (Alemanha); cereais, azeite de baleia, alcatrão, velas de espermacete, potassa, breu, tábuas, couros, móveis grosseiros (Estados Unidos); pimenta, ouro em pó, marfim e ébano (Moçambique); azeite-de-dendê, enxofre, goma-arábica (Angola); chá, seda, musselina, canela, cânfora (Macau).⁹

⁸ O Rio de Janeiro passou por um processo civilizador a partir de 1808, com a vinda da Família Real Portuguesa, processo esse que buscava disseminar a polidez e boas maneiras – desde o hábito de comer com pratos e talheres individuais até aprender a tocar piano e falar francês – no seio das elites.

⁹ LIMA, Heitor Ferreira. História Político-Econômica e Industrial do Brasil. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1970. p.137. Apud: MENDES JR., Antonio; RONCARI, Luiz; MARANHÃO, Ricardo. **Brasil História: Texto e Consulta - Império**. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1983. p.101.

A chegada da Corte, que ingressou no país trazendo um conjunto de funcionários, e ainda atraiu a visita de muitos estrangeiros, fez com que a cidade crescesse e adquirisse outro perfil.

No dia 29 de novembro de 1807 partia de Lisboa a esquadra composta de 36 embarcações, escoltadas por belonaves inglesas. Além de D. João e de D. Maria I, vinham D. Carlota Joaquina, seus sete filhos e uma comitiva de perto de quinze mil pessoas, entre as quais o Duque de Cadaval, os marqueses de Pombal, Angeja, Vagos, Aguiar, Alegrete, Lavradio e os condes de Linhares, Barca, Belmonte, Redondo, Caparica, Pombeiro, todos da mais alta linhagem da nobreza lusitana.¹⁰

Durante a administração joanina, muitas obras foram feitas tanto pelo poder público como por particulares, buscando criar condições para acomodar a Corte e todos que se transferiram com ela.

Houve a novidade do ensino leigo e superior, a introdução da Escola Superior de Medicina na Bahia e no Rio de Janeiro em 1808, da Biblioteca Nacional em 1810, aberta ao público em 1814, do Museu Nacional em 1818, do Jardim Botânico em 1809, do Real Teatro de São João em 1813. Houve ainda muitas melhorias no transporte com a criação de estradas ligando Minas Gerais ao Rio de Janeiro em março de 1808, o mapeamento de regiões distantes como Pará e Maranhão, além da fundação do Banco do Brasil em 1808.

¹⁰ FLEIUSS, Max. História Administrativa do Brasil. São Paulo: Melhoramentos, 1922. p.64. Apud: MENDES JR., Antonio; RONCARI, Luiz; MARANHÃO, Ricardo. **Brasil História: Texto e Consulta - Império**. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1983. p.98.

A cidade se dinamizou com o fluxo de pessoas, de atividades públicas, de negócios, inclusive com um número grande de escravos – a população de cativos triplicou. Os escravos estavam presentes no cotidiano da rua, exercendo múltiplas atividades: eram vendedores ambulantes, aguadeiros, lavadeiras etc.

Isso, no entanto, não ocorreu sem contrastes. A cidade cresceu com muitos problemas de epidemias e falta de infraestrutura.

Durante o Primeiro Reinado (1822-1831) e o período regencial (1831-1840), a Corte continuou seu crescimento urbano, caracterizado, por um lado, pela centralidade política e, por outro, pela expansão da economia cafeeira, que trouxe desenvolvimento para a atividade portuária, exigiu novos trabalhadores, fez crescer a presença de escravos nas cidades e também a de imigrantes, particularmente portugueses. Em contrapartida, os problemas de acomodação, infraestrutura e as epidemias, sobretudo no verão, também cresceram.

A expansão urbana foi um processo contínuo, mas se ampliou na segunda metade do século XIX, com o final do tráfico negreiro, a liberação de capitais e o crescimento dos negócios do café. No ano de 1872, a população da cidade do Rio de Janeiro era de 274.972 habitantes, sendo que a densidade populacional era de 247 indivíduos por km².

A percepção da importância da capitalidade da cidade do Rio de Janeiro emergiu no século XIX. Os monarcas e os presidentes residiam na cidade. Parlamentares, ministros e conselheiros de Estado, juízes do Tribunal Superior, além de funcionários e burocratas subalternos teciam a malha administrativa dos negócios estatais de forma rotineira. As elites cafeeiras e seus funcionários entravam com o produto por meio de firmas exportadoras e armazéns da capital, a fim de suprir o comércio atlântico, que incluía ainda trocas de escravos e importação de mercadorias de luxo vindas da Europa (estas últimas para satisfação das elites da Corte).

A elite da Corte impunha padrões de comportamento para a vida doméstica, suscitando verdadeiros modelos a serem copiados pelas famílias mais modestas, que por vezes queriam demonstrar um ar de nobreza. Havia necessidade de criados para suprir as necessidades diárias de sobrevivência e para exibir certo grau de distinção social.¹¹ Paralelamente, existiam na cidade locais miseráveis, sórdidos e insalubres, em ruas estreitas, fedidas, apinhadas de cortiços, habitados por escravos negros pobres e livres ou imigrantes europeus paupérrimos. Os criados domésticos uniam esses mundos sociais divergentes e justapostos.

¹¹ “Contudo, número substancial de lares mantinha um corpo de criados. Conselhos dados a jovens donas de casa tornavam claro que só o domicílio, os móveis ou a comida eram mais importantes que os criados. Visitantes estrangeiros que descreveram a vida do começo do século XIX no Brasil transmitiram em suas impressões casuais a idéia de que uma ‘casa decente’ contava, de modo geral, com seis ou mesmo dez ou doze criados.” GRAHAM, Sandra Lauderdale. **Proteção e Obediência** - criadas e seus patrões no Rio de Janeiro (1860-1910). São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.26.



Figura 1 - "Um jantar brasileiro" (família com escravos),
de Jean-Baptiste Debret (1827).¹²

No período entre 1850 e 1855, epidemias se espalharam pela cidade. As doenças eram repletas de significações, e aos empregados domésticos era atribuída a responsabilidade por transportar as moléstias, mesmo doenças como a febre amarela, cujo transmissor é o mosquito. Num primeiro momento, instituiu-se uma Junta Central de Higiene Pública, que deu início a projetos que previam a instalação de água encanada e a construção de sistema subterrâneo de esgotos – projetos esses que até o final do século alcançariam boa parte da cidade.

¹² TERRA MAGAZINE. A Corte no Brasil, luxo só. 22/03/2008. Disponível em: <<http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI2698754-EI6581,00-A+corte+no+Brasil+luxo+so.html>>. Acesso em: 28/02/2012.

A Corte, a partir de meados do século XIX, passou por diversas transformações. Com o fim do tráfico negreiro, os capitais acumulados com essa atividade econômica seriam investidos em infraestrutura, como na construção de ferrovias e na implantação de telégrafos. O Rio de Janeiro, em 1853, foi calçado com paralelepípedos e, no ano seguinte, ganhou sistema de iluminação a gás. O abastecimento domiciliar de água ocorreria 20 anos depois, e a rede de esgoto implantar-se-ia a partir de 1862.

Até 1854, quando a iluminação a gás começou a se tornar acessível em algumas poucas ruas, as famílias usavam lampiões de óleo de peixe ou de baleia, com seu odor desagradável e resíduo de carbono, ou contavam simplesmente com velas. Desde o começo da década de 1860, as famílias mais ricas solicitaram ligações a gás para suas casas; assim, em 1874 até 10 mil residências estavam providas de iluminação a gás em toda casa. [...]

A água encanada e o sistema subterrâneo de esgotos possibilitaram um fornecimento de água reforçado e mais confiável e, combinados a uma rede de transportes públicos, alteraram gradualmente a natureza do serviço doméstico e, a partir daí do trabalho exigido dos criados. Serviços urbanos aperfeiçoados apareceram pouco a pouco durante o espaço de várias décadas. As famílias mais ricas, ou as que viviam em subúrbios mais espaçosos e de povoação mais recente, desfrutavam esses serviços primeiro; outros somente mais tarde, e alguns nunca. No entanto, pode-se dizer que um espírito de mudança e renovação caracterizou o Rio de Janeiro nas décadas de 1860, e sobretudo, 1870. Na década de 1880, modificações substanciais eram amplamente visíveis. Casas com água dentro e gás ou com um quintal espaçoso e com tanque e repuxo [...] com abundância d'água encanada podiam ser obtidas já em 1875, ao passo que dez anos mais

tarde até os criados podiam contar com um banheiro para uso próprio.¹³

Todas essas medidas influenciaram o cotidiano da época. As confeitarias ofereciam cardápios a preços variados, e a Rua do Ouvidor, onde estava situada a redação d'*O Jornal das Senhoras*, acumulava lojas elegantes, ateliês de costura e livrarias.

Durante o Império, o crescimento das cidades e do poderio das elites influenciou na disposição do espaço no interior da casa, tornando-a mais aconchegante. Passava-se a entrever os limites do convívio e o distanciamento entre as elites e o povo, fazendo surgir um processo de privatização familiar voltado para a valorização da intimidade.

A interiorização da vida no lar ocorreu concomitantemente à abertura das casas das elites para a apreciação pública por um círculo restrito de pessoas, geralmente familiares, parentes e amigos. Assim, as salas de visitas e os salões, espaços intermediários entre a casa e a rua, foram abertos para a realização de saraus noturnos, jantares, bailes, festas, que passaram, então, a ser realizados de tempos em tempos. Nesses locais se ampliava a ideia de intimidade, e a família, sobretudo a mulher, submetia-se à opinião e avaliação dos outros.

Nessa mesma época, a mulher elegante passava a se fazer presente em confeitarias, bailes, teatros e acontecimentos sociais, ganhando, assim, mais visibilidade, já que a convivência social gerava uma maior expressão das emoções. Estas, no entanto, ainda eram vigiadas pelo marido, pelo pai e por toda a sociedade. Por conseguinte,

¹³ GRAHAM, Sandra Lauderdale. **Proteção e Obediência** - criadas e seus patrões no Rio de Janeiro (1860-1910). São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.49, 69-70.

fazia-se necessário que essas mulheres aprendessem a se comportar em público de maneira educada.



Figura 2 - “Um funcionário a passeio com sua família”,
de Jean-Baptiste Debret (1837).¹⁴

Nas residências havia cômodos públicos e privados. Salas de jantar e salões eram de domínio público, onde as máscaras sociais regulamentavam regras de etiqueta de como receber e se comportar diante das visitas. Além de almoços e jantares para convidados e familiares mais próximos, as salas abriam-se para reuniões com pessoas chegadas ou para saraus, durante os quais trechos de poesias

¹⁴ MACEDO, Ragnaia Coutinho. **A mulher como produtora de arte**. Universidade Federal de Uberlândia, Festival de Arte 2005. Disponível em: <<http://www.festivaldearte.fafcs.ufu.br/2005/comunicacao-23.htm>>. Acesso em: 28/02/2012.

e romances eram lidos em voz alta, acompanhados de sons de piano e harpa.

Nas alcovas havia um espaço para os segredos e a individualidade. Eram locais propícios para a privacidade, a explosão de sentimentos, a liberação de lágrimas de dor, ciúmes ou saudades, a realização de declarações amorosas, a confecção de cartas afetuosas e a leitura de romances proibidos às moças.

A máscara social figurava as contradições da sociedade imperial. Por causa da repressão aos sentimentos, o amor era, em geral, idealizado, ligado à alma e suprimido do corpo.

O modelo ideal pressupunha uma família patriarcal¹⁵ extensa e alicerçada no casamento legalizado. Portanto, família e casamento eram considerados a base da sociedade, sendo confirmados pelas leis civil e canônica. O status legal e moral do casamento era concedido somente mediante a celebração do matrimônio católico, quando se reuniam todos os requisitos para a realização da cerimônia.

Destarte, um ritual religioso recebia o caráter de lei secular. Ademais, o casamento determinava herdeiros, controlando a divisão e a distribuição das propriedades familiares. E as famílias de elite eram endogâmicas.

¹⁵ SAMARA, Eny de Mesquita. **Women's roles and work alternatives**. XVI International Congress - XIX, Century Brazil, LASA, Washington, 1991. Segundo a autora, a família patriarcal era alicerçada no pátrio poder vinculado ao matrimônio: "No Brasil, assim como na sociedade portuguesa, até o século XIX, o sexo também exercia influência nas relações jurídicas e autoridade do chefe da família sobre a mulher, os filhos e demais descendentes aparece com legítima na literatura e nos documentos, desde o período colonial, o que não significa que necessariamente essas relações devessem aparecer dentro da rigidez com que estavam estabelecidas. As funções de provedor e protetor garantiam a dominação masculina em um tipo de sociedade onde o poder de decisão estava na mão dos homens [...]." (tradução livre)

Assim, o casamento entre as famílias da elite era um instrumento de ascensão social ou manutenção do status – ainda que nos romances os relacionamentos matrimoniais se realizassem por amor. Foi nesse instante que se contestou o dote.

Nesse sentido, se observam mudanças na estrutura da família patriarcal, num processo que teve início no século XVIII em Minas Gerais. Sobre o costume, adotado a partir do século XVII entre as famílias de elite do Brasil, de dotar uma noiva, vale notar:

Uma vez que o dote da noiva, na São Paulo do século XVII, era maior do que os bens que o noivo trazia para o casamento, o pacto matrimonial pesava mais em favor da esposa e de sua família. Assim, a família da noiva era mais influente no arranjo do casamento para sua filha, na determinação sobre onde o casal iria morar e na fiscalização sobre como os bens eram administrados. Embora a noiva baixasse de nível econômico ao casar-se, o pacto se equilibrava graças ao sangue branco do noivo, ao fato de ele pertencer a uma classe importante, à sua nobreza, ou à sua capacidade como guerreiro, à sua perícia tecnológica, ou simplesmente por trabalhar duro. Porque o casamento de uma filha ampliava desse modo as alianças familiares, ao mesmo tempo que incorporava mais um homem aos projetos militares, políticos ou econômicos da família, o dote da filha tinha precedência entre outros gastos. Embora os irmãos suportassem o impacto do favorecimento das irmãs, eles também tinham a oportunidade de casar com mulheres com grandes dotes; o resultado final era uma igualdade aproximada entre irmãos casados e irmãs casadas. Essa situação iria mudar no século XVIII.¹⁶

¹⁶ NAZZARI, Muriel. **O desaparecimento do Dote** - Mulheres, famílias e mudança social em São Paulo, Brasil (1600-1900). São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p.82.

Nesse período, conforme indicam os inventários¹⁷, na maior parte dos casos os homens sabiam ler e escrever e as esposas eram analfabetas. Entretanto, apesar da sua ignorância, acredita-se que as mulheres gozavam de grande prestígio social, tanto que dificilmente se encontravam nas elites moças solteiras com mais de 25 anos, segundo dados levantados pela pesquisadora.

O favorecimento das filhas com grandes dotes ou legados funcionara bem para reproduzir a classe rica segundo o projeto do patriarca – na medida em que os filhos foram capazes de se casar com mulheres com dotes tão grandes quanto os de suas irmãs. O crescimento do comércio, porém, permitiu que alguns homens acumulassem capital, principalmente por meio de suas habilidades pessoais empreendedoras, dando vantagens aos comerciantes no pacto matrimonial, não só devido à sua riqueza, como também porque não precisavam casar-se para receber um dote a fim de estabelecer um empreendimento produtivo. Assim, tinham condições de casar-se com mulheres com dotes relativamente menores. O ingresso de comerciantes no conjunto de pretendentes às noivas paulistas alterou o mercado matrimonial, de modo que se tornou difícil que outros homens continuassem, como no século XVII, a desposar mulheres com dotes de valor maior do que seus próprios status econômico em comparação com o de seus genitores, enquanto o status de suas irmãs aumentou com o casamento. A mudança no pacto

¹⁷ NAZZARI, Muriel. **O desaparecimento do Dote** - Mulheres, famílias e mudança social em São Paulo, Brasil (1600-1900). São Paulo: Companhia das Letras, 2001. Os inventários analisados pela autora mostram que os homens sabiam ler e as esposas eram provavelmente analfabetas. “Utilizei inventários, os processos judiciais brasileiros para a legalização da transferência de bens *causa mortis*. Os inventários contêm não só a relação de bens, como também o testamento da pessoa falecida (caso exista), todos os litígios entre os herdeiros, lista de débitos do espólio, as reivindicações dos credores, os recibos de pagamento, os relatórios e as contas dos curadores de herdeiros menores de idade e a partilha final dos bens entre os herdeiros. Os inventários são inestimáveis para a documentação de mudança, porque seu formato sofreu poucas alterações no correr desses três séculos e todos eles proporcionam aproximadamente o mesmo tipo de informação, permitindo assim comparações entre parentes, famílias e períodos.” (p.17)

patrimonial levou à permanente desigualdade entre irmãos e irmãs, situação que não podia perdurar.¹⁸

Supõe-se que, com as mudanças na família patriarcal ao longo do século XVIII, foi se fazendo necessária a instrução feminina para que a esposa não fosse lesada pelo marido, já que os pretendentes podiam ser escolhidos fora do círculo de influência do patriarca e da matriarca, fugindo do controle da parentela. Segundo as amostras dos inventários do século XVIII, ao contrário do que indicavam aqueles do século anterior, tanto maridos como esposas sabiam ler e escrever.

A história da família possuidora de bens no Brasil, do século XVII a meados do XIX, não é, pois, uma história de mudança do título legal de propriedade de seus membros, o qual continuou a ser o mesmo, mas de mudança no relacionamento das famílias e dos membros das famílias com a produção e com o comércio. A família do século XVII era um grupo produtivo em que as relações familiares constituíam por si sós a estrutura do negócio, conduzido sob a direção e o controle do patriarca ou de seu representante. Como sociedades com parentes ou com estranhos tornaram-se mais comuns no início do século XIX, elas estruturaram os procedimentos dos negócios, de modo que dois homens, embora pudessem ser parentes, não necessariamente faziam negócios um com o outro como filho com o pai, como genro com sogro, mas sim como sócios cujos deveres e responsabilidades se estabeleciam em contratos, e não por consideração à hierarquia familiar.¹⁹

¹⁸ NAZZARI, Muriel. **O desaparecimento do Dote** - Mulheres, famílias e mudança social em São Paulo, Brasil (1600-1900). São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p.148.

¹⁹ Ibidem. p.187.

A família deixou de ser a base para a efetivação dos negócios e, com isso, o casamento se adaptou às mudanças socioculturais e econômicas. Embora o casamento até então gerasse perspectivas de contatos e de negócios promissores para o indivíduo e para a sua família, uma vez que propiciaria o aumento de vínculos de relacionamento, no início do século XIX o matrimônio passava a não ser mais garantia de que se estabeleceriam negócios entre parentes, como acontecia na época do Brasil Colônia. Paralelamente, notava-se um aumento das profissões liberais e das possibilidades de se conseguir sociedade fora da parentela, e, por conseguinte, o casamento deixava de ser vital para um homem se firmar na vida, passando a ser uma opção individual.

Nesse contexto, a família e o casamento tornavam-se privados, e o homem, o elo entre a família e os negócios. Embora as famílias abastadas mantivessem o domínio da produção, a administração das sociedades e companhias foi dissociada do controle da família. Com o crescimento das ações e apólices, as pessoas podiam obter rendimentos e lucros dos meios de produção sem se responsabilizarem pela sua administração.

Essas transformações afetaram a instituição matrimonial, diminuindo a relevância do dote e, concomitantemente, inserindo o papel da mulher na esfera privada, enquanto na época colonial ela havia sido membro ativo nos negócios de família.

A decadência na prática do dote foi acompanhada por uma inversão das prioridades dos pais. No início do século XVII, as filhas eram privilegiadas em relação aos filhos, recebendo em seus dotes um montante de bens maior do que aquilo que mais tarde

seus irmãos iriam herdar. Em meados do século XIX, os genitores tratavam filhos e filhas com mais eqüidade relativamente à herança, embora favorecessem os filhos nas despesas familiares *pré morte*, tais como educação.²⁰

As transformações na família patriarcal contribuíram para o desaparecimento do dote. Destarte, o poder patriarcal de controle sobre a prole adulta foi se diluindo paulatinamente, a partir do século XVII.

No século XVIII, os filhos migravam, conduziam mulas e bois para as minas ou dedicavam-se ao comércio em lugares longínquos, tornando mais difícil o controle deles pelos pais. Com o crescimento do individualismo no século XIX, os filhos tornaram-se ainda mais independentes dos pais em suas vidas de negócios, e tanto filhos como filhas adquiriram liberdade na escolha de um par com quem se casariam. Essa liberdade era ela própria consequência do declínio da prática do dote.²¹

Além disso, a família se transformou, passando de uma estrutura de empreendimento produtivo para uma instituição separada dos negócios da família. Assim, de unidade produtiva a família passou a unidade de consumo. Esse novo contexto fez com que os dotes, antes de desaparecer de vez, fossem compostos, na sua maioria, por bens de consumo (como escravas destinadas ao serviço doméstico e joias), e não mais por meios de produção (fazendas, escravos, casas, rebanhos, ferramentas etc.), como antes, na época colonial.

²⁰ NAZZARI, Muriel. **O desaparecimento do Dote** - Mulheres, famílias e mudança social em São Paulo, Brasil (1600-1900). São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p.264.

²¹ Ibidem. p.266.

Do século XVII ao XIX, as condições do pacto matrimonial haviam mudado de uma situação em que a noiva e sua família detinham a posição mais forte, para uma posição em que o noivo é quem tinha as melhores cartas na mão. Uma vez que os homens do século XIX, mesmo os da elite, eram capazes de ganhar a vida sem possuir os meios de produção e, por isso, não precisavam mais casar-se para receber esses meios graças ao dote de suas esposas, eles não estavam mais para serem comprados. Os dotes tornaram-se irrelevantes. Por outro lado, havia poucos modos de as mulheres (especialmente das classes média ou alta) se sustentarem, de modo que, ao menos que continuassem a depender de suas famílias, as que não houvessem recebido heranças ainda precisavam do casamento para se manter.²²

Se, por um lado, a situação se transformou no seio das mulheres das famílias da elite, por outro lado, aumentou a possibilidade de casamento para as mulheres populares. Assim, uma maior parte da população passou a se casar.

Se o dote fora um modo de garantir que as filhas permanecessem na classe social de seus pais, seu declínio significou uma mudança da mulher que mantinha o status de seu marido. Essa mudança fez-se visível, no Brasil, na alteração do costume relativo ao sobrenome das mulheres casadas. As mulheres casadas do período colonial levavam para o casamento um dote substancial e mantinham seus nomes de solteira, continuando membros de suas famílias de origem e mantendo o status de suas famílias. Em contraposição no século XIX, quando não levavam dote algum para o casamento, ou apenas um pequeno dote, as esposas passaram, cada vez mais, a adotar o sobrenome do marido,

²² NAZZARI, Muriel. **O desaparecimento do Dote** - Mulheres, famílias e mudança social em São Paulo, Brasil (1600-1900). São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p.269.

tornando-se mais independente de sua família de origem e mais dependente do marido.²³

As mudanças no uso do sobrenome e na obrigatoriedade de o pai sustentar os filhos sem o auxílio financeiro da mãe, vivenciadas durante o Império, foram incorporadas à legislação em 1890, com a Proclamação da República.

Nesse contexto de meados do século XIX, as esposas ganhavam uma função nova: contribuir para o projeto familiar de manutenção do *status quo*, por meio de sua postura nos salões como anfitriã excelente, e em casa, na vivência cotidiana, como esposa-modelo e boa mãe. Reforçava-se, dessa maneira, a ideia de que ser mulher é ser mãe dedicada e atenciosa dentro da família abastada e higiênica.

A atenção materna aos cuidados da prole durante a infância era salientada como alicerce do lar de elite. Defendia-se que os filhos não deveriam ser deixados soltos sob a influência de amas, negras ou estranhos, bem como que todo adulto que doasse atenção à criança teria de estar sob a orientação da mãe zelosa.

As esposas ou as governantas (estas presentes em lares mais abastados, em famílias de viúvos ou em casas de homens solteiros) comandavam vários criados, entre eles cozinheiras, copeiras, costureiras, lavadeiras, engomadeiras, mucamas, amas de leite e transportadores de água, entre outros.

Da mulher do rico comerciante, do profissional liberal, do investidor, do proprietário rural ou do alto funcionário do governo passava a depender o prestígio social da família. A ela cabia, portanto, a

²³ NAZZARI, Muriel. **O desaparecimento do Dote** - Mulheres, famílias e mudança social em São Paulo, Brasil (1600-1900). São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p.270.

tarefa de elevar o status do grupo familiar para um patamar mais alto. O homem, por sua vez, era muito dependente da imagem que sua mulher transmitia para os outros integrantes do seu círculo social. Ou seja, embora a autoridade fosse masculina, as mulheres representavam um capital simbólico importante.

Destarte, a esposa, as tias, as filhas, as irmãs, as sobrinhas e as empregadas domésticas (escravas) zelavam pela imagem do homem aparentemente autônomo e envolto em questões sociopolíticas e econômicas. Eram elas que o ajudavam a manter sua posição social.

A mulher de elite passava a ser considerada a base moral da sociedade. A esposa e mãe deveria, segundo os discursos médico e religioso da época, adotar regras castas no encontro sexual com o marido, vigiar a castidade das filhas, gerar descendentes saudáveis e cuidar do comportamento dos filhos. O romantismo se expandia, mas os casamentos ainda eram contratados.

Esse ideário das elites teve no discurso médico do século XIX uma importante representação, reforçando seu caráter hegemônico de controle na sociedade ao enfatizar a família monogâmica e, especialmente, salientando o papel da mulher no seio da família por meio de campanhas de aleitamento e contra doenças venéreas. Difundia-se, assim, o ideal de lar, local limpo, ordenado, higiênico e saudável.

A mulher, por seus atributos naturais, estaria apta a cuidar da infância e da família. Nesse sentido, os médicos do século XIX valorizavam a mulher, alargando seus poderes na esfera privada do lar e conferindo um novo estatuto feminino que possibilitou que as mulheres se percebessem dentro da família como agente civilizador e rainha do

lar. Entretanto, enquanto salientavam a importância feminina na família, reforçavam a preponderância masculina no espaço público.

O discurso médico definia os bons comportamentos femininos e masculinos baseando-se numa permanente oposição dos gêneros, com a mulher sendo sempre retratada como submissa ao homem. Essas representações femininas, se valendo da metodologia da ciência positivista difundida na época, desqualificavam a mulher enquanto ser humano, na medida em que a restringiam a uma função biológica vinculada à procriação, enfatizando ideias negativas sobre a condição feminina.

Assim, pode-se perceber a relevância do estudo d'*O Jornal das Senhoras*, já que evidenciava as mulheres como sujeitos plurais, questionando o discurso hegemônico da época.

Os índices de analfabetismo no século XIX eram altos, mesmo no seio das elites. Especialmente entre proprietários rurais, que moravam longe das escolas. Já no Rio de Janeiro, no ano de 1890, 43% das mulheres eram alfabetizadas.²⁴ Foi nesse contexto de transformações vivenciadas pela família patriarcal da região sudeste brasileira que se inseriu a relevância da educação feminina, como projeto que emancipava a mulher, projeto esse que seria assumido pelo *O Jornal das Senhoras*.

No século XIX as mulheres brasileiras das camadas privilegiadas passaram a ter uma vida social mais urbana do que aquelas das gerações anteriores. Na primeira metade do referido século, o padre Lopez Gama censurava as damas por lerem romances, em vez de dedicarem-se somente ao lar. Todavia, na segunda metade do século

²⁴ ARAÚJO, Rosa Maria Barbosa de. **A Vocação do Prazer**: a cidade e a família no Rio de Janeiro Republicano. 2ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1995. p.73.

despontaram mulheres como as escritoras Narcisa Amália e Nísia Floresta, autoras que se tornaram célebres, ainda que em meio a senhoras da nobreza imperial que mal sabiam ler. Aliás, convém destacar a Marquesa de Santos e Nísia Floresta como mulheres de relevo na sociedade do século XIX.

Dessa forma, evidencia-se que o comportamento da mulher durante o século estudado sofreu transformações. Acredita-se que ela tornava-se mais vinculada às coisas do mundo, levantava mais tarde porque à noite frequentava teatros e bailes, lia romances, ficava na janela ou na varanda olhando a rua, passava horas se penteando, tocando piano, tinha aulas de dança e de francês, ia menos à Igreja, se confessava menos, conversava menos com os criados, ouvia com menor intensidade as histórias da Preta Velha.

Pode-se afirmar ainda que ocorreram mudanças com relação à moral tradicional. O médico tornou-se mais presente que o padre, o teatro e os bailes eram mais convidativos que a Igreja e a mulher de elite podia ser vista em bailes de máscaras.

No século XIX o carnaval já era festejado no Rio durante os quatro dias que precedem a quarta-feira de Cinzas, antecedendo a tradição da Quaresma, período dedicado à penitência e ao arrependimento. A prática mais adotada nos festejos era o entrudo, de origem portuguesa, seguido pelos bailes de máscaras venezianos e desfiles de carros, os préstitos e o “corso”. O carnaval era então uma festa comandada pelas famílias da classe dominante, com uma participação restrita dos setores pobres. O entrudo era a diversão mais popular, já que as brincadeiras de jogar água, farinha, lama e cinzas entre os conhecidos era acessível a quase todos. Conta-se que no Império tanto D. Pedro I quanto D. Pedro II eram grandes apreciadores da folia.

Os bailes de máscaras realizados em teatros e hotéis eram animados pelas cocottes, atrizes, cantoras e prostitutas francesas que alegravam a vida mundana da cidade. As senhoras consideradas honestas assistiam de longe ou dançavam em bailes familiares, podendo no máximo, participar do corso vespertino, dentro dos carros, protegidas do contato com as massas.²⁵

A vida urbana contava com novas perspectivas de convivência social, conferindo importância às mulheres, que agora marcavam presença nos bailes, saraus, concertos e espetáculos teatrais. A mulher, por conseguinte, necessitava aprender a se comportar em público e a estar atenta aos eventos socioculturais; esses eram passos importantes da emancipação feminina. Nesse contexto surgiu *O Jornal das Senhoras*, periódico que convocava as mulheres a se emanciparem moralmente, não ficando exclusivamente fechadas em seus lares.

Os banhos de mar tinham um caráter mais medicinal do que lúdico ou de interação social. As praias eram desertas e o acesso a elas, difícil. Além de informações sobre o banho de mar com caráter terapêutico, para as senhoras da elite alfabetizadas, já que a instrução básica se constituía num privilégio, havia também n' *O Jornal das Senhoras* a seção do romance de Alexandre Dumas Filho – “A Dama das Camélias” –, possibilitando que a mulher lesse enquanto estivesse bordando. No mesmo jornal havia ainda partituras de modinhas, lundus e xotes para piano. No dizer do poeta e crítico de arte Araújo Porto Alegre, o Rio de Janeiro da época era a “cidade dos pianos”, e por isso não poderia faltar a parte musical no periódico.

²⁵ ARAÚJO, Rosa Maria Barbosa de. **A Vocação do Prazer**: a cidade e a família no Rio de Janeiro Republicano. 2ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1995. p.370-1.

Além da seção dedicada à música, n'O *Jornal das Senhoras* havia ainda espaço para a moda, no qual eram apresentadas as últimas novidades de Paris e do interior da França. Aliás, o interior francês, com sua sociedade rural, conservadora e equilibrada, entrelaçada de pequenas cidades e aldeias, nas quais o padre e o militar eram prestigiados, aparecia como parâmetro de civilização para a sociedade tropical e escravista do período imperial.

Além da moda, outro assunto destacado no jornal eram as doenças. Apesar de toda a modernização, o Rio de Janeiro continuava tendo graves problemas de saneamento básico e de proliferação de epidemias como cólera, varíola e febre amarela, graças ao ambiente insalubre da cidade, principalmente no verão, estação em que a família imperial se dirigia a Petrópolis desde 1847.

O *Jornal das Senhoras* indicava que, mesmo entre as famílias abastadas, havia problemas relacionados à saúde do corpo. Até mesmo os piolhos não afligiam somente as crianças pobres e escravas, também eram uma praga na elite carioca. O periódico prescrevia a seguinte receita contra piolhos e lêndeas:

[...] Pise-se e misture-se bem uma gema de ovo com uma pouca de manteiga fresca e uma colher de azeite doce, esfregue-se bem a cabeça com esta pomada. Passadas 24 horas lave-se bem com água morna e vinagre, e penteia-se com pente fino o cabelo. Não só os bichos, mas também as lêndeas ficarão inteiramente destruídos.²⁶

²⁶ O JORNAL DAS SENHORAS. Rio de Janeiro - RJ, jan. de 1854. Apud: MAUAD, Ana Maria. A Vida das Crianças de Elite durante o Império. In: PRIORE, Mary del (Org.). **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006. p.162.

Era nesse contexto de modernização do Rio de Janeiro, capital do Império, ainda envolvida com epidemias e pragas no século XIX, quando as elites estavam se afirmando na sua hegemonia, que circulava *O Jornal das Senhoras*, propondo uma emancipação moral da mulher, salientando a importância da sua educação e criticando a ideologia dominante de que a mulher seria propriedade masculina, ser inferior ao homem.

Além da cidade do Rio de Janeiro em si, as famílias também estavam passando por um processo de mudanças. Em meados do século XIX, na mesma época em que *O Jornal das Senhoras* circulava na Corte, existiam as ordenações do Código Filipino, que estabelecia:

[...] nascendo algum filho de legítimo matrimônio, enquanto durar o matrimônio entre marido e mulher, eles ambos o devem criar às suas próprias despesas e dar-lhe as coisas que lhe forem necessárias segundo seu estado e condição.²⁷

Essa igualdade de deveres diante dos filhos entre homens e mulheres foi substituída em 1890 pela obrigatoriedade do homem de sustentá-los. Já o Código Civil de 1917 obrigou as esposas a usarem o sobrenome do marido, assinalando ainda que caberia ao homem o sustento não só dos filhos, como também da esposa.

Como se pode observar na legislação, gradativamente surgiu a separação das esferas pública e privada, ficando a mulher com a responsabilidade do cuidado do lar e dos filhos, sendo valorizada como

²⁷ NAZZARI, Muriel. **O desaparecimento do Dote** - Mulheres, famílias e mudança social em São Paulo, Brasil (1600-1900). São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p.270.

“rainha do lar”, em oposição à esfera pública, o mundo do trabalho, de domínio masculino.

O surgimento do amor como razão principal para o casamento passou a ocorrer à medida que a família mudava de unidade primordialmente de produção para unidade de consumo, o que foi facilitado pela existência de profissões liberais ou outras carreiras que permitiam que os homens sustentassem as esposas sem herdar bens ou sem receber grandes dotes, e lhe proporcionava a opção viável de se casarem com moças sem nenhuma expectativa. Essa possibilidade fez aumentar o poder de negociação do futuro marido da noiva, mesmo que ela pertencesse a uma família rica, pois significava que ele *não precisava de* um dote para se casar. Não há dúvida de que essa independência masculina contribuiu para o declínio da prática do dote.²⁸

Foi no século XIX, com o desaparecimento da prática do dote, que começou a surgir um interesse pela educação feminina. A educação da noiva passava a ser vista como um atrativo no novo pacto patrimonial, já que a auxiliaria a ser uma boa mãe, além de protegê-la contra as incertezas de um casamento sem dote, possibilitando que ela optasse por lecionar, já que a profissão de professora era tida como digna para uma senhora. Os homens da elite consideravam uma noiva alfabetizada mais atrativa que uma sem instrução, pois poderia ensinar os filhos a ler e escrever, ajudando a erradicar o analfabetismo no país.

A imprensa participou do processo de emancipação feminina, como também teve participação no processo de independência do país, como será tratado no próximo item.

²⁸ NAZZARI, Muriel. **O desaparecimento do Dote** - Mulheres, famílias e mudança social em São Paulo, Brasil (1600-1900). São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p.239.

1.2 PERIODISMO FEMININO NA CORTE

Teve início a imprensa no Brasil sob o jugo do oficial.

Os primeiros prelos e material tipográfico introduzidos no país foram encomendados em Londres, destinando-se a princípio a uma repartição do governo português em Lisboa. Vieram na bagagem do Príncipe Regente. Em 13 de maio de 1808 Dom João fundou a Impressão Régia que se destinava a publicação de legislação e dos papéis diplomáticos. Nela surgiu a 10 de setembro do mesmo ano, a Gazeta do Rio de Janeiro sob os cuidados de D. Rodrigo de Souza Coutinho, secretário dos negócios estrangeiros e de Guerra.²⁹

A Impressão Régia atendia às demandas de uma freguesia variada, desde agentes do jogo de baralho até livrarias com obras literárias. Produzia, por exemplo, avisos para serem fixados nas ruas, além, é claro, dos papéis oficiais e do jornal *Gazeta do Rio de Janeiro*.

Não havia nesse período liberdade de imprensa; a censura era severa, nada podia ser escrito sem o aval das autoridades. Assim sendo, só eram impressas notícias favoráveis ao governo do príncipe regente, sem críticas ou reclamações.

A *Gazeta do Rio de Janeiro* foi pioneira no sistema de assinaturas pagas com antecipação – além da distribuição aos que pagavam de forma avulsa, entregava os jornais com regularidade aos assinantes.

²⁹ BICALHO, Maria Fernanda Baptista. **O Bello Sexo** - Imprensa e Identidade feminina no Rio de Janeiro em fins do século XIX e início do XX. Dissertação (Mestrado Antropologia Social), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988. p.81-2.

Com o aparecimento da imprensa, mudou o antigo hábito que existia no Rio de Janeiro e demais cidades da colônia referente aos anúncios. Antes eles eram feitos pelo padre na missa e pregados nas portas da igreja, ou fixados em outros locais pelos cegos que vendiam folhinhas.

Era gratuita a publicação de anúncios, que variavam entre venda de casas, cavalos, navios, leilões, objetos perdidos, serviços médicos, professores, empregados. Entretanto, os anúncios mais comuns eram relacionados aos escravos (venda e fugas).

Segundo Gondim da Fonseca de 1808 á 1888 foram publicados cerca de um milhão de anúncios de escravos. A prosperidade do Jornal do Comércio se deveu a eles pois cobrava 80 réis a linha e não dava conta das encomendas.³⁰

Paralelamente, além da *Gazeta do Rio de Janeiro*, outro jornal foi fundado em 1808, o *Correio Brasiliense* ou *Armazém Literário*. Tendo como redator Hipólito José da Costa, o periódico era:

Noticioso, político, vigoroso, independente [...] tinha características profundamente diversas das da *Gazeta do Rio de Janeiro*. Sem atrativos gráficos, seu conteúdo era de nível superior. Dedicava-se aos problemas do Brasil analisando-os de modo atual, e liderava, tanto quanto possível os passos da vitória em 1822. Se foi o primeiro a enfrentar o jornalismo

³⁰ FONSECA, Gondim da. Biografia do Jornalismo Carioca. Rio de Janeiro: Quaresma, 1941. p.28. Apud: BICALHO, Maria Fernanda Baptista. **O Bello Sexo** - Imprensa e Identidade feminina no Rio de Janeiro em fins do século XIX e início do XX. Dissertação (Mestrado Antropologia Social), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988. p.84 (nota 32).

lusitano, audaciosamente, o obscurantismo, também reúne as virtudes de mártir da palavra escrita. Hipólito da Costa acabou aos quarenta e nove anos, depois de combatido, perseguido e humilhado, vítima da Inquisição. Maçom, ilustrado, decidido e consciente do papel histórico que desempenhava.³¹

O *Correio Brasiliense* circulou durante 14 anos, de 1808 a 1822. Havia quatro seções no periódico: Política, Comércio e Arte, Literatura e Ciências e Miscelânea. Era proibido no Brasil, por seu teor nacionalista, e entrava no território brasileiro pelas mãos dos contrabandistas ingleses e da maçonaria.

No ano de 1813 apareceu no Rio de Janeiro a primeira revista de cultura, chamada *O Patriota*. Foi ela a responsável por publicar as primeiras ilustrações entre os periódicos nacionais. Posteriormente, o desenho, a charge e a caricatura introduziriam tonalidades diferentes nos periódicos.

De 1808 a 1820 esses foram os periódicos brasileiros. Até 1820 a cidade do Rio de Janeiro possuía somente uma tipografia, a Impressão Régia, embora surgissem outras gráficas, que publicavam periódicos moderados.

A partir de 1822 o jornalismo brasileiro sofreu consideráveis modificações, adquirindo características mais amplas, focalizando os temas políticos e sociais. Com a abolição da censura prévia um ano antes da Independência, proliferaram os órgãos, folhetos e pasquins. Veículos de plataformas

³¹ BAHIA, Juarez. *Jornal - História e Técnica*. Rio de Janeiro: Ibrasa, 1972. p.18. Apud: BICALHO, Maria Fernanda Baptista. **O Bello Sexo** - Imprensa e Identidade feminina no Rio de Janeiro em fins do século XIX e início do XX. Dissertação (Mestrado Antropologia Social), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988. p.85.

de governo, de opiniões de grupos, de críticas à administração, de programas e sugestões de reformas sociais, esses novos periódicos tornaram-se famosos por suas campanhas cívicas e por sua função agitadora.³²

Na sua maior parte, esses periódicos possuíam cerca de quatro laudas, e não contavam com local de redação. O cidadão que tinha a intenção de lançar um jornal redigia um texto em casa, mandava uma pessoa com o texto para imprimir numa oficina e não assumia a autoria do jornal publicado. Assim, não se sabia o verdadeiro nome do autor do periódico.

Nesse período surgiram os primeiros periódicos ilustrados. Em 1839 foi lançado no Rio de Janeiro um periódico dedicado ao público feminino, chamado *Correio das Modas*. Os figurinos vindos da Europa ilustravam a publicação. O jornal tratava de literatura – contos, versos, charadas – e notícias do mundo elegante e das modas. Trazia ainda reportagens sobre os salões da Corte.

O Rio de Janeiro civiliza-se... E os jornais acompanhavam essas mudanças. Segundo Gondim Fonseca um dos acontecimentos que mais contribuíram para polir a sociedade do Império foi a introdução da polca em 1845. O *Jornal do Comércio* recomendou a novidade e logo surgiu um anúncio de professor de polca...³³

³² BICALHO, Maria Fernanda Baptista. **O Bello Sexo** - Imprensa e Identidade feminina no Rio de Janeiro em fins do século XIX e início do XX. Dissertação (Mestrado Antropologia Social), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988. p.86.

³³ FONSECA, Gondim da. Biografia do Jornalismo Carioca. Rio de Janeiro: Quaresma, 1941. Apud: BICALHO, op. cit., p.88.

Os anúncios, por sua vez, mudaram também, passando a propagar produtos de luxo e moda nos jornais, além de aulas de polca e bailes de máscaras.

Em 1843 foi fundado outro jornal de moda, uma variação do *Correio das Modas* com melhor apresentação. O *Espelho Fluminense*, mensário do Laemmert, reproduzia quatro figurinos em cores em cada exemplar. Também publicava poesias e contos que agradavam ao público feminino.

Em 1850 o *Jornal do Comércio*, pensando em cativar não somente o pai de família, mas também a mulher da casa, lançou *A Semana*, revista amena, que circulava dominicalmente, acompanhando o jornal, com literatura, moda e folhetins.

Nessa década de 50 a publicação de folhetins entrou em voga entre os jornais, tanto aqueles destinados à família como os periódicos para o público feminino. Escritores nacionais e estrangeiros tinham seus textos transcritos nas páginas dos jornais.

O *Jornal das Senhoras*, periódico semanal, foi publicado no século XIX durante três anos consecutivos, entre 1852 e 1855, e seus exemplares se encontram disponíveis para consulta na Seção de Obras Raras da Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro. Esse periódico foi o primeiro jornal feminino no Rio de Janeiro, ou seja, o primeiro periódico escrito por mulheres e direcionado para o público feminino. Contava com seções de Moda, Belas Artes, Teatro e Crítica, além de espaços dedicados a partituras de piano e a romances publicados em forma de folhetim, como “A Dama das Camélias”, de Alexandre Dumas.

A vida efêmera do jornal deveu-se, em parte, ao fato de que ele esteve inserido no contexto da primeira fase do jornalismo brasileiro.³⁴ Nesse período, a incipiente imprensa imperial sobrevivia com várias dificuldades, entre as quais um público leitor restrito (já que a maioria da população era analfabeta), o alto custo da produção (que exigia maquinário importado e mão de obra qualificada e cara para os padrões da época) e a falta de recursos das máquinas, que, em geral, eram de segunda mão, importadas de países industrializados, como Inglaterra e Alemanha. Todos esses fatores afetavam o crescimento da imprensa no Brasil.

Somavam-se a esses problemas os poucos recursos técnicos:

Velhos prelos, máquinas compradas de segunda mão em países adiantados, na Alemanha e na Inglaterra, pesadas e modestas impressoras como a *Alauzet*, de retirada, e a *Stanhope*, de ferro fundido, mais caixas de tipo e outras peças rústicas melhor destinadas a tipografias de obras constituíam o potencial com que se compunha, paginava e imprimia o jornal.³⁵

Só a partir de 1880 o jornalismo brasileiro entrou em sua segunda fase. Nesse momento, os jornais se industrializaram, se transformando num empreendimento mercantil, e a tipografia perdeu seus ares artesanais, passando a se caracterizar como indústria gráfica de determinada capacidade econômica.

³⁴ BAHIA, Juarez. *Jornal - História e Técnica*. Rio de Janeiro: Ibrasa, 1972. Apud: BICALHO, Maria Fernanda Baptista. **O Bello Sexo** - Imprensa e Identidade feminina no Rio de Janeiro em fins do século XIX e início do XX. Dissertação (Mestrado Antropologia Social), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988. p.85.

³⁵ Ibidem. p.85.

O *Jornal das Senhoras* estava, portanto, entre os periódicos da primeira fase do jornalismo brasileiro, conhecida como uma fase efêmera e artesanal da produção jornalística no país. Joana Paula de Manso de Noronha atuou como redatora do periódico durante seis meses. Essa jornalista era argentina, havia se separado do marido e morava na Corte, onde lecionou, atuou em vários jornais e publicou diversos trabalhos literários.

A primeira redatora foi substituída por Violante Atalipa Ximenes de Bivar e Velasco, viúva de João Antônio Boaventura e filha de um membro do Conselho Imperial, fundador e diretor do Conservatório Dramático Brasileiro do Rio de Janeiro, Diogo Soares da Silva de Bivar. Antes de ser redatora d'O *Jornal das Senhoras*, dona Violante traduziu comédias italianas e francesas e fez críticas a algumas peças para o Conservatório Dramático. Depois de um ano de circulação do jornal, dona Violante deixou a editoria, passando o cargo a Gervásia Nunes.

Uma mesma razão levou as duas primeiras jornalistas a deixarem a redação do jornal: a falta de recursos financeiros para manter a publicação de um periódico semanal que sobrevivia graças às assinaturas e aos recursos próprios das suas diretoras.

Dona Gervásia Neves, casada recentemente com o senhor Antônio José dos Santos Neves, contou com o apoio financeiro do marido. No número de 30 de dezembro de 1855, alegando motivos pessoais a redatora avisa as leitoras que o *Jornal das Senhoras* não circulará em 1856, e que espera voltar em 1857.³⁶

Além d'O *Jornal das Senhoras*, havia, em meados do século XIX, outros periódicos destinados ao público feminino. Circulando ao lado de outros periódicos voltados ao público feminino, *O Jornal das Senhoras* dirigia-se a uma mulher “rainha do lar”, e não mais “serva do lar”.

A partir da leitura d'O *Jornal das Senhoras*, podem-se perceber vários aspectos do movimento de mudanças e permanências que caracterizou a segunda metade do século XIX nas relações homem-mulher. Nesse período de transição, segundo depoimentos de viajantes europeus³⁷, conviviam lado a lado nas elites da Corte um modelo de mulher tradicional, ainda vinculada à família patriarcal, e a nova mulher, que se emancipava dentro do contexto da sua época.

³⁶ HAHNER, Juhne. *A Mulher Brasileira e suas lutas sociais e políticas, 1850 -1937*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1981. p.34, 40. Apud: BICALHO, Maria Fernanda Baptista. **O Bello Sexo** - Imprensa e Identidade feminina no Rio de Janeiro em fins do século XIX e início do XX. Dissertação (Mestrado Antropologia Social), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988. p.102.

³⁷ Cf.: LEITE, Miriam Moreira (Org.). **A Condição Feminina no Rio de Janeiro, século XIX**: antologia de textos de viajantes estrangeiros. São Paulo: Hucitec; Brasília: INL/Pró-Memória, 1984. p.33. “Quanto à contribuição da literatura de viagem, como documentação primária, a respeito das condições de vida da mulher, esta Antologia é uma amostra de suas potencialidades. [...] Para a Antologia foram selecionados principalmente trechos de J. B. Debret, de Kidder e Fletcher, de Adèle Toussaint-Samson, de Ina Von Binzer e de Marie Robson Wright. Mas a escolha não foi feita por autor e pelas características gerais das obras, mas através do conteúdo referente aos aspectos da condição das mulheres encontradas. Foi o conjunto dos autores examinados que permitiu compor o quadro social das relações que os viajantes podiam perceber, e extrair os critérios que orientaram a seleção dos textos.”

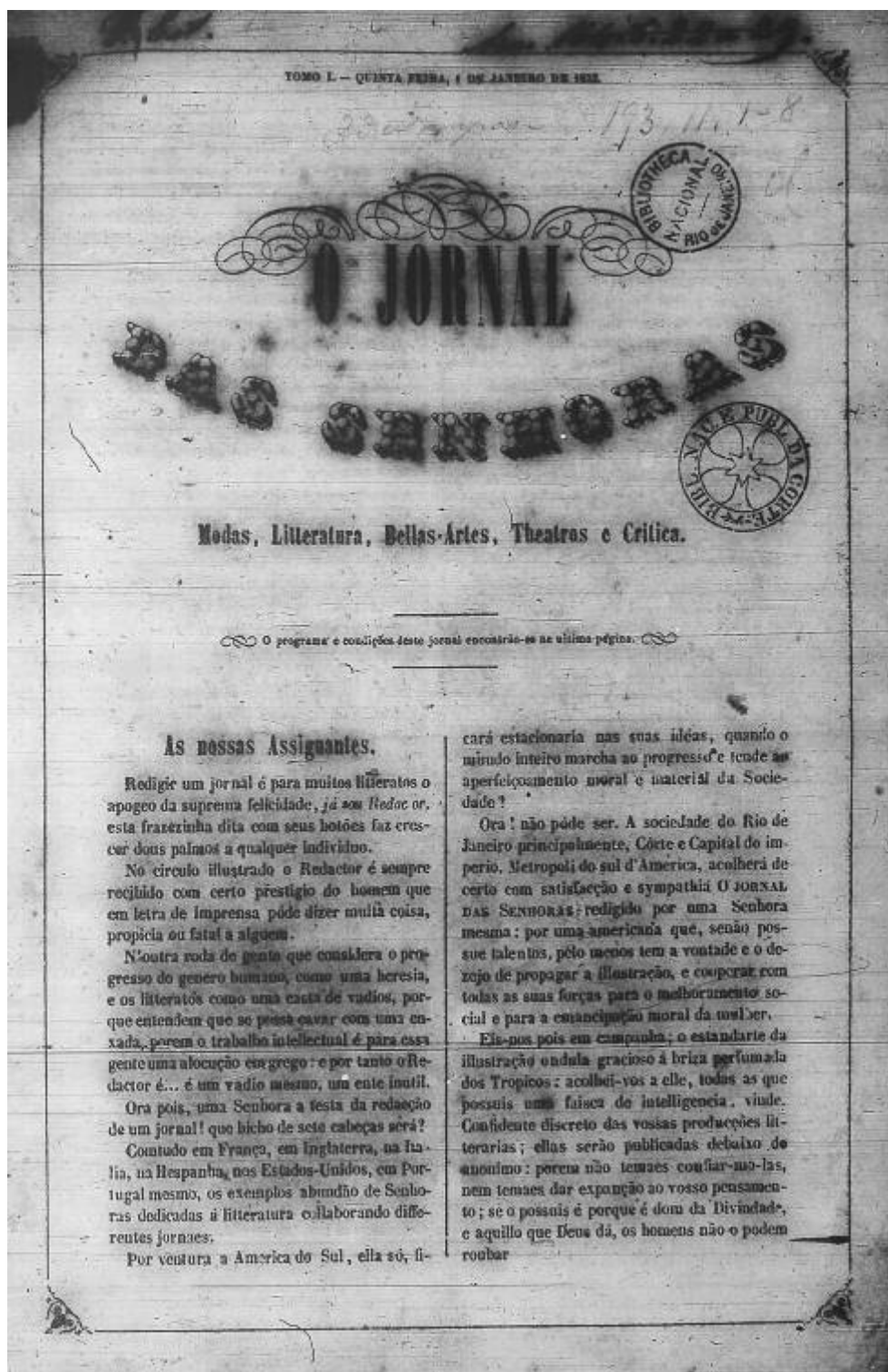


Figura 3 - Primeiro número d'O Jornal das Senhoras (01/01/1852).³⁸

³⁸ O JORNAL DAS SENHORAS. Rio de Janeiro - RJ, 01/01/1852. Documento consultado na Seção de Obras Raras da Biblioteca Nacional - Rio de Janeiro.

Assim, quando Joana Paula Manso de Noronha propunha a emancipação moral da mulher mediante a educação, ela reivindicava uma nova forma de encarar a feminilidade e a maternidade, privilegiando a mulher no espaço privado e atribuindo-lhe novas potencialidades, em detrimento da participação feminina no espaço público, que deveria continuar sendo ocupado pelo homem, o provedor do lar. Esses conceitos foram formulados no século XIX, mediante a expansão do pensamento positivista.

Os jornais femininos veiculavam no século XIX o que era específico do *mundo da mulher*. O conteúdo d'O *Jornal das Senhoras* era marcado pela História. As ideias difundidas no periódico, ainda que fossem de certo modo inovadoras para os padrões da época, não apareciam como ideias “revolucionárias”, não possibilitavam a abertura de caminhos, mas suas redatoras não podiam ficar longe das mudanças de seu tempo, pois correriam o risco de perder o seu público de leitoras.

O Jornal das Senhoras possivelmente pretendia formar gostos, opiniões, padrões de consumo e códigos de conduta, e, como se pode observar em cartas enviadas por leitoras à redação do jornal e transcritas nas publicações, algumas vezes, também atuava como guia de ação, já que suas redatoras assumiam o papel de conselheiras persuasivas e companheiras de lazer. Pode-se entrever essa relação entre as jornalistas e o público na seguinte carta:

Senhora redatora,

A vossa coragem, senhora, tem-me de tal modo impressionado, que não posso deixar de felicitar-vos pela alta consideração que mereceis. Não é porque fosseis a primeira senhora que empreendeu a difícil tarefa do jornalismo, nem pelo útil entretenimento que dás às do nosso sexo sobre modas: não; é pelos sublimes e tocantes pensamentos com que desenvolveis as nossas inteligências, no perfeito conhecimento do que nos cumpre saber para o desempenho da nossa missão como filhas, esposas e mães.³⁹

³⁹ O JORNAL DAS SENHORAS. Rio de Janeiro - RJ, 08/02/1852. Apud: BICALHO, Maria Fernanda Baptista. **O Bello Sexo** - Imprensa e Identidade feminina no Rio de Janeiro em fins do século XIX e início do XX. Dissertação (Mestrado Antropologia Social), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988. p.100.

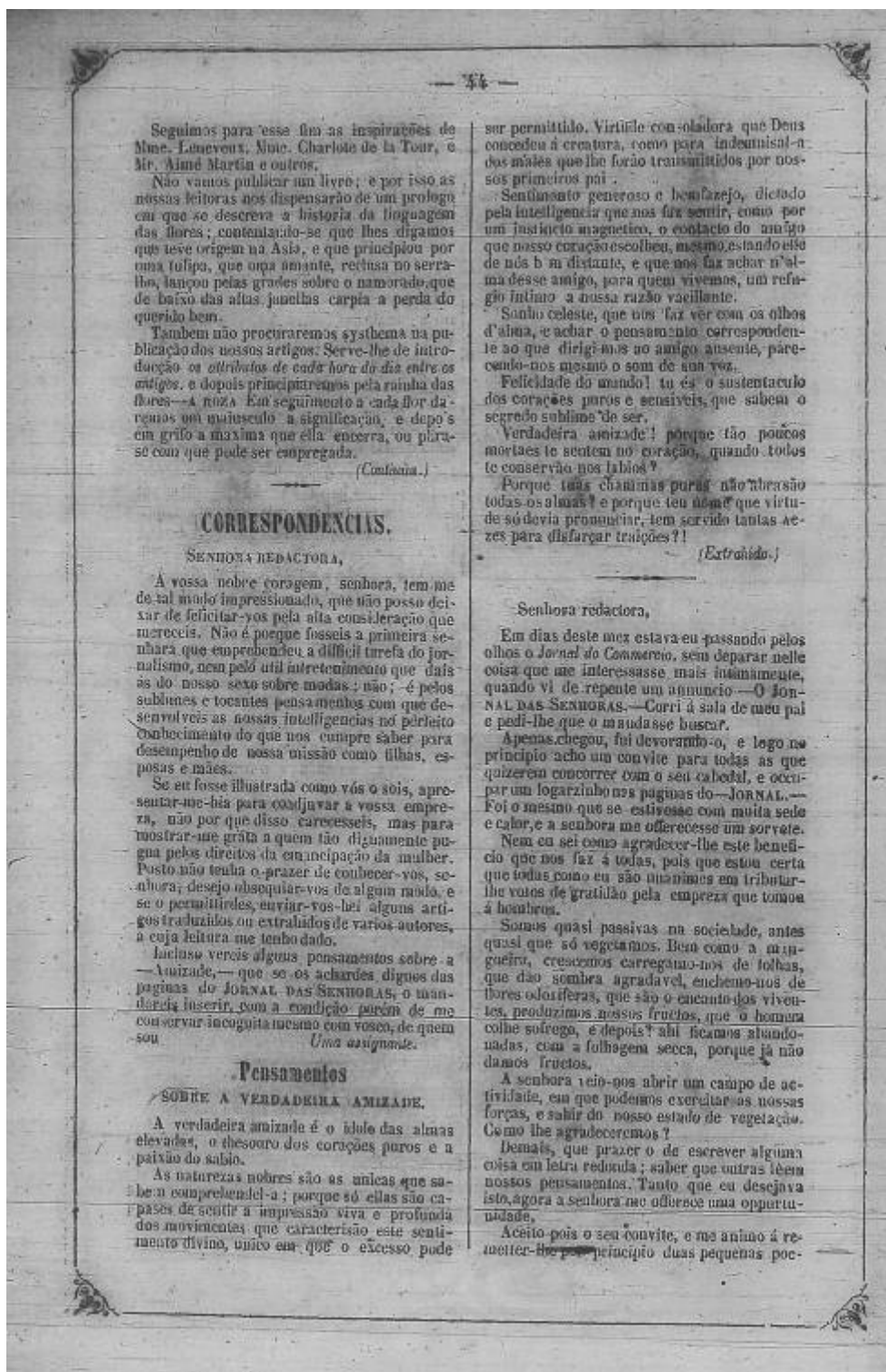


Figura 4 - O Jornal das Senhoras, 08/02/1852.⁴⁰

⁴⁰ O JORNAL DAS SENHORAS. Rio de Janeiro - RJ, 08/02/1852. Documento consultado na Seção de Obras Raras da Biblioteca Nacional - Rio de Janeiro.

A partir da segunda fase do jornalismo brasileiro, os periódicos passaram a acumular uma nova função: obter lucros. Embora o mercado jornalístico ainda fosse incipiente, o objetivo d'*O Jornal das Senhoras* era veicular as ideias das redatoras e, se possível, auferir recursos para suprir as contas das publicações, fazer a manutenção do maquinário e efetuar o pagamento dos empregados da tipografia, garantindo a sua circulação semanal.

Tendo em vista a necessidade da obtenção de lucros advindos da venda dos exemplares, os jornais femininos

[...] tendem a reproduzir as idéias predominantes em sua época e o equilíbrio da ordem social. Desta forma, acabam mantendo e legitimando as relações de poder existentes. Atuando ao lado de instituições estatais, educacionais, religiosas, jurídicas, familiares etc., seu discurso convive e se relaciona com vários outros, influenciando e sendo influenciado por eles.⁴¹

O Jornal das Senhoras procurava refletir um consenso social sobre homens e mulheres e suas relações. Portanto, o jornal era um espaço em que se ponderava sobre as relações de gênero. A exemplo disso, a jornalista Joana Paula Manso de Noronha, em uma das edições do periódico, sugeria que a mulher se emancipasse moralmente mediante a educação, mas, concomitantemente, reconhecia e reafirmava a hierarquia entre os gêneros dentro do casamento ao entender que o homem deveria exercer a chefia da família.

⁴¹ BASSANEZI, Carla. **Virando Páginas, Revendo as Mulheres** - Revistas femininas e relações homem-mulher - 1945-1964. 1ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996. p.15.

Sua proposta, então, era estimular as mulheres a se educarem para tornarem-se boas mães, e não para competir com o homem no espaço público ou no mercado de trabalho. Assim, a separação entre as esferas pública e privada e a hierarquia entre os sexos dentro do casamento eram apresentadas como naturais, universais.

Por outro lado, as redatoras do jornal se colocavam como amigas das leitoras, buscando dar uma sensação de bem-estar a elas e corresponder às suas expectativas, não se constituindo apenas em instrumento de defesa e reprodução do *status quo*.

O *Jornal das Senhoras* tentava, dessa maneira, atender à demanda do seu público leitor, levando em conta sua maneira de agir e pensar e, ao mesmo tempo, procurando discipliná-lo e moldá-lo nas relações de poder presentes nos meados do século XIX. Atuava como ponto de referência, propondo receitas de vida, impondo regras de conduta e, em alguns casos, chegando a evitar ou descaracterizar conflitos e insatisfações, propiciando certa coesão social.

Aliás, quando a redatora Joana Paula Manso de Noronha comentava sobre a necessidade da educação feminina, visando a amenizar decepções com o casamento, afirmava com veemência que seu intuito não era provocar rebelião.

O discurso das três redatoras do jornal era permeado de ambiguidades, na medida em que propunha a educação da mulher para torná-la uma melhor mãe e esposa, e não para inseri-la no mercado de trabalho.

Os textos produzidos n'O *Jornal das Senhoras* pelas redatoras bem como as poesias escritas pelas leitoras, são representações

individuais da realidade partilhadas pelos sujeitos históricos, por isso são perpassadas pela sociedade, ou seja, pelo coletivo.

A esse respeito, cumpre notar que a linguagem – compreendida como a capacidade humana de comunicação – é de importância primordial para a habilidade de representar.

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinados pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por ela menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação.⁴²

No caso específico d'*O Jornal das Senhoras*, pode-se afirmar que tinha um discurso positivista, durante o século XIX, calcado na ideia de progresso da humanidade alcançado pelas civilizações mais evoluídas, nas quais havia um maior espaço para a participação feminina na educação e no trabalho.

⁴² CHARTIER, R. A história cultural: entre práticas e representações. Lisboa, 1998. p.17. Apud: CAMPOS, Raquel Discini de. **Mulheres e crianças na imprensa paulista (1920-1940): educação e história**. São Paulo: UNESP, 2009. p.29.

Pensando as relações entre imprensa feminina e seu tempo, faz-se necessário ressaltar que os jornais se transformaram de acordo com as mudanças sociais, bem como que sofreram impacto do contexto histórico, agindo como termômetro dos costumes históricos. Nesse sentido, os jornais femininos, durante o Segundo Reinado,

[...] não são o espelho fiel (ou mesmo distorcido) d'Realidade, apenas contém uma visão desta (ao mesmo tempo em que fazem parte da própria realidade social). Muitos dos aspectos e conflitos do contexto social podem ser abafados em função da manutenção da dinâmica das relações de poder existentes.⁴³

Assim, os jornais têm como missão:

[...] agarrar a história em andamento, afirmou o jornalista Howards Simons. Essa tarefa exige perícia maior do que se imagina, pois o profissional da imprensa se movimenta entre o tempo longo da história e o tempo curto do cotidiano. A combinação de atualidade-permanência é que dá conteúdo ao jornalismo; esses dois fatores se entrecruzam, caracterizando a imprensa de todas as épocas.⁴⁴

As três redatoras d'*O Jornal das Senhoras* fizeram esse trajeto entre o tempo longo da história (século XIX) e o tempo curto do cotidiano (1852-1855) semanalmente, debatendo a emancipação moral

⁴³ BASSANEZI, Carla. **Virando Páginas, Revendo as Mulheres** - Revistas femininas e relações homem-mulher - 1945-1964. 1ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996. p.17.

⁴⁴ CAPELATO, Maria Helena. **Imprensa e História do Brasil**. 1ª ed. São Paulo: Contexto/Edusp, 1988. p.59.

da mulher e a importância da sua educação e discorrendo sobre moda, música, teatro, romances, bailes e puericultura, num discurso inovador para a época – ao propor a emancipação moral da mulher mediante a educação – e ambíguo, na medida em que reiterava que a mulher reinava no lar, no espaço privado, em oposição ao espaço público, prioridade do sexo masculino.

Assim, em se tratando de pesquisar a imprensa feminina voltada para as mulheres de elite em meados do século XIX, há de se examinar o que se passava nos salões, nos lares abastados, na Rua do Ouvidor, nos consultórios médicos, enfim, na Corte Imperial.

1.3 MULHERES: EM PROCESSO

As mulheres durante o século XIX foram aos poucos se constituindo em público leitor. Para tanto, se fez necessária a ampliação da oferta de escolas na Corte, para que a elite pudesse desfrutar os benefícios da escrita.

As instituições formais da elite tiveram papel de relevo na configuração desse campo da cultura letrada, como o estabelecimento de uma rede escolar, que foi uma das bases para formar leitores e transformar as condições de transmissão e recepção do texto escrito. A multiplicação das escolas na cidade transmitiu a capacidade de ler e escrever, o que possibilitou a familiarização da sociedade com a cultura escrita e, a partir dessa alfabetização, acessou-se uma cultura, um mundo de obras que passaram a permear a mente e o imaginário individual e social. Logo, para compreender as mudanças da cultura escrita, foram relevantes os

espaços do ensino escolar, tal como de variados outros atrelados a formação de um público de leitores e de propagação de signos ligados a essa esfera da cultura impressa.⁴⁵

A partir da década de 1820, segundo Debret⁴⁶, as mulheres de elite iniciaram um processo de alfabetização. Desenvolveu-se a prática de mandar a filha estudar para abrilhantar os salões, além de aprender trabalhos manuais e noções de francês. A partir de meados do século XIX, as mulheres se tornaram público-alvo dos jornais, que passaram a ter um espaço para a publicação de folhetins, almejando não só agradar ao homem da casa, mas também às mulheres.

Dentre as transformações que sofreu o ensino em meados do século XIX, a educação da mulher, a qual era anteriormente reduzida a algum trabalho de agulha, a calcular de cabeça e rezar de cor, melhorava com as primeiras letras e algum francês. Ela “ia ficando mais livre e mais desembaraçada em seus movimentos”, ao passo que se ampliavam os estudos. Com a expansão das instituições que constituíram a rede educacional, fosse pública ou privada, leiga ou religiosa, e dos conteúdos estudados, aumentavam na sociedade aqueles que sabiam ler, e certamente, os que se tornavam leitores no seu dia-a-dia. Com a alfabetização e a escolarização, difundiam-se equipamentos intelectuais de base da cultura escrita, como ler e escrever, a leitura possibilitava que o leitor se desvinculasse dos saberes até então adquiridos apenas oralmente, mesmo que advindos do universo da cultura do texto escrito, passando a ter acesso a

⁴⁵ BORGES, Valdeci Rezende. **Histórias românticas na Corte Imperial**. O Romance urbano de José de Alencar (Rio de Janeiro - 1840-1870). Tese (Doutorado em História), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004. ps 66 e 67.

⁴⁶ Cf.: LEITE, Miriam Moreira (Org.). **A Condição Feminina no Rio de Janeiro, século XIX**: antologia de textos de viajantes estrangeiros. São Paulo: Hucitec; Brasília: INL/Pró-Memória, 1984. p.69.

obras desconhecidas e diversas. Mesmo com todos os problemas, os estabelecimentos de ensino proliferavam na Corte, o contribuiu para diminuir o alto índice de analfabetismo, para iniciar e inserir um número maior de pessoas no mundo da cultura letrada e impressa, formando um público de leitores.⁴⁷

Nesse momento de gestação do público leitor foi que se estabeleceu uma relação de confiança entre o público de leitoras e as jornalistas do periódico *O Jornal das Senhoras*. Essa experiência ativa se deu, portanto, por intermédio de um periódico que circulava todo domingo, em meados do século XIX, numa presença social e dinâmica da Corte, assentada numa economia agrário-exportadora de café, com a cidade do Rio de Janeiro sendo palco de desenvolvimento sociocultural.

Cabe destacar que as leitoras do jornal também se tornaram sujeitos ativos ao estabelecerem uma relação dialógica com os artigos dos jornais e dos folhetins. Elas encaminhavam cartas à redação do jornal com elogios, poesias, pensamentos, críticas e sugestões. Como se pode perceber pela carta da leitora publicada em 08/02/1852:

A vossa nobre coragem, senhora, tem de tal modo impressionado, que não posso deixar de felicitar-vos pela alta consideração que mereceis. Não é porque foste a primeira senhora que empreendeu a difícil tarefa do jornalismo, nem pelo útil entretenimento que da as do nosso sexo sobre modas: não é pelos sublimes e tocantes pensamentos com que desenvolveis as vossas inteligências no perfeito conhecimento do que nos cumpre saber para

⁴⁷ BORGES, Valdeci Rezende. **Histórias românticas na Corte Imperial**. O Romance urbano de José de Alencar (Rio de Janeiro - 1840-1870). Tese (Doutorado em História), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004. p.68.

desempenho de nossa missão como filhas, esposas e mães.⁴⁸

Como se pode ver, as jornalistas em questão cativaram as leitoras da sua época. Além disso, as duas redatoras-chefes, Joana Paula e Violante, eram chefes de família – Joana era separada do marido e Violante, viúva. Nesse sentido, ambas podem ser consideradas enquanto sujeitos com subjetividades, estratégias de sobrevivências e táticas.

Buscavam-se atitudes tidas como civilizadas; polidez e boas maneiras significavam fazer parte do mundo civilizado. A mulher devia ser refinada, culta, tocar piano e falar francês. Assim, a Corte tornava-se parâmetro de civilidade, local de boas maneiras dentro das elites do século XIX.

Desse modo, percebe-se que existem processos constitutivos do social de transformação conjuntural. Podia-se considerar arcaica a prática do dote no século XIX, entretanto, faziam parte do residual os casamentos dentro do grupo familiar, endogamia no seio das elites, com a valorização da esposa dentro do clã. Além disso, havia estratos emergentes alternativos, na medida em que se defendia a educação feminina nos jornais como fator de progresso e com vistas a erradicar o analfabetismo no país. Concomitantemente, havia aspectos do emergente que reforçavam a dominação do homem sobre a mulher, como a valorização masculina no espaço público, em detrimento do espaço privado feminino do lar, reforçando a dominação do homem sobre a mulher.

⁴⁸ O JORNAL DAS SENHORAS. Rio de Janeiro - RJ, 08/02/1852.

Assim, percebe-se a relevância dos estudos de gênero, já que propiciam uma análise histórica do “ser” mulher – possibilitando a abordagem, inclusive, com foco no discurso d’*O Jornal das Senhoras* –, evidenciando as mulheres como sujeitos plurais e questionando o discurso hegemônico da época.

Vale lembrar que, ainda nos inícios do século XIX, era comum as mulheres serem ignorantes. Não sabiam ler nem escrever porque os maridos e pais temiam a correspondência amorosa. Isso é comentado nos relatos de viajantes estrangeiros.

Seria absurdo pretendermos um relato igualmente detalhado das diferentes ordens de mulheres e de suas várias ocupações. Têm estas que ser, fatalmente de natureza particular e é preciso que se lembre que as mulheres das classes altas e médias, e especialmente as mais moças, vivem muito mais reclusas que em nossa própria terra. O pouco contato que os costumes com elas permitem, põem a nu a sua falta de educação e instrução.

Isto, aliás, fazia parte do sistema declarado; estava assentado que o saber ler para elas não devia ir além do livro de rezas, pois isso lhes seria inútil, nem tampouco se desejava que escrevessem a fim de não fizessem, como sabiamente se observava, um mau uso dessa arte. A ignorância entre elas predominava, ao tempo que vieram o Regente com seu séquito, era enorme, de todos reconhecida e muito lamentada pelos recém-vindos, transcorridos poucos anos, talvez que a coisa estivesse de algum modo remediada, mas a melhora, não foi substancial.⁴⁹

⁴⁹ John Luccock, 1813. Cf.: LEITE, Miriam Moreira (Org.). **A Condição Feminina no Rio de Janeiro, século XIX**: antologia de textos de viajantes estrangeiros. São Paulo: Hucitec; Brasília: INL/Pró-Memória, 1984. p.68.

A partir da década de 1820, apareceram as escolas para a elite, ainda que entre os 13 e 14 anos as meninas saíssem do colégio para se casar. Paulatinamente, notaram-se pequenas transformações: meninas deixavam a escola um pouco mais tarde, com 17 ou 18 anos, para se casar, pois pais mais esclarecidos deixavam suas filhas estudando mais tempo.

EDUCAÇÃO DIFERENCIADA

Em geral, no Brasil, pouco se cuida da educação das mulheres, o nível de ensino dado nas escolas femininas é pouquíssimo elevado; mesmo nos pensionatos freqüentados pelas filhas das classes abastadas, todos os professores se queixam de que lhes retiram as alunas justamente na idade em que a inteligência começa a se desenvolver. A maioria das meninas enviadas à escola aí entram com a idade de sete ou oito anos; aos treze ou quatorze anos são consideradas como tendo terminado os estudos. O casamento as espreita e não tarda a tomá-las. Há exceções, sem dúvida. Alguns pais mais esclarecidos prolongam a permanência no pensionato ou fazem dar instrução em casa até dezessete ou dezoito anos; outros mandam as filhas para o estrangeiro. Habitualmente, porém, salvo uma ou duas matérias bem estudadas, francês e música, a educação das jovens é pouco cuidada e o tom geral da sociedade disso se ressentente. Claramente, na sociedade brasileira há mulheres cuja inteligência recebeu alto grau de cultura; mas a minha afirmação não é menos verdadeira; são meras exceções [...].⁵⁰

A viajante Agassiz comenta no seu relato que havia exceções, como no caso das princesas imperiais. O imperador ensinava suas

⁵⁰ Agassiz, 1865. Cf.: LEITE, Miriam Moreira (Org.). **A Condição Feminina no Rio de Janeiro, século XIX**: antologia de textos de viajantes estrangeiros. São Paulo: Hucitec; Brasília: INL/Pró-Memória, 1984. p.74.

próprias filhas; não só supervisionava as professoras, como também ele mesmo ministrava aulas para as princesas. Era uma exceção, embora servisse de exemplo para a nação, defendendo uma educação liberal para as mulheres.⁵¹

O Governo também estimulava o gosto pela ópera, trazendo espetáculos que haviam triunfado em Nova York, como “Thalberg”. A música e a dança se disseminavam entre a elite na Corte Imperial. Na cidade do Rio de Janeiro viam-se pianos por toda parte. O estrangeiro dizia que a música combinava com o temperamento volúvel do brasileiro, e que os amadores cariocas e baianos eram melhores que os italianos.

Já os livros eram censurados para o público feminino. Principalmente romances que tivessem como temática o adultério feminino ou a prostituição.⁵² Durante o ano em que ficou no Brasil (1865), a viajante Agassiz encontrou apenas uma boa biblioteca, numa casa no Rio de Janeiro.⁵³ Ela relata:

⁵¹ Cf.: LEITE, Miriam Moreira (Org.). **A Condição Feminina no Rio de Janeiro, século XIX:** antologia de textos de viajantes estrangeiros. São Paulo: Hucitec; Brasília: INL/Pró-Memória, 1984. p.72.

⁵² Ibidem. p.30-1. “É variável a acolhida da literatura de viagem, junto aos intelectuais brasileiros. Alguns autores teriam sido ridicularizados pela percepção inadequada da realidade; outros foram mal recebidos pelos letrados, da camada dominante da população, identificada com a cultura européia, que freqüentemente reagiu negativamente à inclusão das demais camadas da população, nos retratos do Brasil, traçados por viajantes. Apesar dessas diferentes reações, os viajantes foram responsáveis por uma série de representações que se incorporaram à historiografia do século XIX, possivelmente por reforçarem as representações nacionais. Algumas das mais conhecidas são: a reclusão da mulher brasileira, considerar mulher de ‘condição’ unicamente a branca rica, a brandura do regime de trabalho escravo no Brasil, a escravidão como instituição civilizadora, a hospitalidade e a indolência do brasileiro, a imoralidade dos negros que depravava crianças a seu cargo. [...] Na verdade, apesar dos estereótipos introduzidos e do prosaísmo cientificista, o viajante escritor permitiu, no Brasil, uma possibilidade, ainda que imperfeita, de autoconhecimento.”

⁵³ Cf.: Ibidem. p.75.

Efetivamente, nunca conversei com as senhoras brasileiras com quem mais perto privei no Brasil sem delas receber as mais tristes confidências acerca de sua existência estreita e confinada. Não há uma só mulher brasileira, que, tendo refletido um pouco sobre o assunto, não se saiba condenada a uma vida de repressões e constrangimento. Não podem transpor a porta de sua casa, senão em determinadas condições, sem provocar escândalo. A educação que lhes dão, limitada a um conhecimento sofrível de Francês e Música, deixa-as na ignorância de uma multidão de questões gerais; o mundo dos livros lhes está fechado, pois é reduzido o número de obras portuguesas que lhe permitem ler, e menor ainda o das obras a seu alcance escritas em outras línguas. Pouca coisa sabem da história de seu próprio país, quase nada da de outras nações, e nem parecem suspeitar que possa haver outro credo religioso além daquele que domina no Brasil; talvez mesmo nunca hajam ouvido falar da “Reforma”. Não imaginam que um oceano de pensamentos se agita fora de seu pequeno mundo e provoca constantemente novas fases na vida dos povos e dos indivíduos. Em suma, além do círculo estreito da existência doméstica, nada existe para elas.⁵⁴

Dom João, quando chegou ao Brasil, proibiu o uso das rótulas ou gelosias, as “janelas de treliças”, instituindo nas casas o uso das vidraças. As casas ficaram mais arejadas e as mulheres, mais visíveis.

Não tão céptico como Agassiz, outro viajante chegou a perceber as mudanças com relação ao comportamento feminino ocorridas na Corte, mas notava que ainda eram insuficientes.

⁵⁴ E. C. e L. R. Agassiz, 1865. Cf.: LEITE, Miriam Moreira (Org.). **A Condição Feminina no Rio de Janeiro, século XIX**: antologia de textos de viajantes estrangeiros. São Paulo: Hucitec; Brasília: INL/Pró-Memória, 1984. p.74-5.

As senhoras saem com os maridos ou pais e são sempre tratadas delicadamente; são alegres e espirituosas, mas freqüentemente, superficiais. Foi-se o tempo em que as mulheres eram segregadas como freiras, por trás de janelas de treliças, invisíveis para rua; quando só eram mostradas nos bailes, em cerimônias oficiais. Mas uma liberdade social verdadeira ainda mal lhes é concedida, mais do que era uns anos atrás. Se o costume de arranjar o casamento de crianças não existe, ainda é verdade que uma mulher tem muito pouca escolha, à disposição. A maioria das moças, suponho, aceita cegamente os desejos dos pais, casando com os maridos que lhes são oferecidos, como fato consumado; e ficam felizes com qualquer mudança que possa aliviar a monotonia de suas vidas. Pode haver um entendimento anterior entre os jovens, mas a sociedade não o reconhece; até o casamento, o destino da mulher é dirigido pelo pai ou guardião; a mãe pouco tem a dizer sobre isso.⁵⁵

Como se vê, houve todo um “processo civilizatório” que estimulou as transformações na Corte Imperial. Almejava-se o progresso na cidade, assim como mudanças no sentido da polidez e educação feminina, já que cabia à mãe educar os filhos, importante missão, como será analisado nos próximos capítulos.

⁵⁵ Herbet Smith, 1873. Cf.: LEITE, Miriam Moreira (Org.). **A Condição Feminina no Rio de Janeiro, século XIX**: antologia de textos de viajantes estrangeiros. São Paulo: Hucitec; Brasília: INL/Pró-Memória, 1984. p.77-8.

CAPÍTULO II - MULHERES E EDUCAÇÃO: PROGRESSO E ILUSTRAÇÃO

Neste capítulo se debaterá a importância da educação feminina segundo as redatoras e colaboradoras d'O *Jornal das Senhoras*, mulheres essas que entendiam que a ilustração feminina era fator de progresso social e civilidade no século XIX, durante o Segundo Reinado. O início do capítulo trata da remodelação da Corte durante o século XIX, mostrando que o progresso material devia ser vinculado a um progresso dos costumes e hábitos civilizatórios, incluindo a educação das mulheres de elite.

2.1 PROGRESSO: CIDADE E MULHERES

A elite que se queria progressista tinha mais um símbolo: "os trilhos" que contribuíam para a ampliação das referências de modernidade. Era um momento de mudanças no cotidiano das pessoas, novas regras eram criadas e veiculadas pelos fluxos da ferrovia. Nas proximidades da estação exigiam-se boas condutas; com o trem, as cidades ampliaram suas fronteiras, assim todos estavam expostos aos olhos dos outros, sendo necessária manter uma aparência de civilidade.⁵⁶

⁵⁶ TRIGO, Maria Helena Bueno. **Os paulistas de quatrocentos anos: ser e parecer**. São Paulo: Annablume, 2001.

No dia 30 de abril de 1854, foi inaugurada a primeira ferrovia do Brasil, que ligava a Praia da Estrela a Petrópolis (RJ), na serra. A locomotiva chamava-se Baronesa, e o então Barão de Mauá era um dos sócios da companhia. Uma das colaboradoras da redação d'*O Jornal das Senhoras* assistiu à inauguração, viajou de trem e saudou a iniciativa de Mauá como um passo necessário para o progresso da nação. Christina, a colaboradora, elogiou tal empreitada com muito entusiasmo, ufanismo e crença no progresso, como se pode atestar no seguinte texto, publicado no dia 07 de maio de 1854:

A hora em que me congratulo com minhas queridas leitoras por mais um fato glorioso, por mais um ato magnânimo, por mais um passo dado para o engrandecimento do nosso país, nascente, belo e cheio de vida, é uma hora feliz, de verdadeiro prazer para nós outras que desejamos ansiosamente a prosperidade do Brasil, nossa pátria, e que lhe admiramos os passos agigantados do seu progresso. Qual de nós, que presenciamos a majestosa inauguração da estrada de ferro de Mauá, não sentiu pular-lhe o coração de alegria ao correr por um caminho de ferro, ali construído, pertinho da Corte, sentadas nos coxins de uma cômoda carruagem, voando rápida de Mauá ao Fragoso em 25 minutos.

[...]

Aceite o Sr. Barão de Mauá nossos parabéns pelo êxito feliz da sua empresa: [...] [que, além de] ser útil à Pátria – é um dos mais belos brasões que pode enobrecer um nome.⁵⁷

⁵⁷ O JORNAL DAS SENHORAS. Rio de Janeiro - RJ, 07/05/1854. Texto assinado por Christina.

No texto supracitado percebe-se claramente uma influência do romantismo, bem como do nacionalismo, que foi uma das principais características do movimento literário.⁵⁸

José de Alencar era contemporâneo das jornalistas do periódico. Tanto o autor como as mulheres da imprensa da época saudaram as demonstrações de progresso e civilidade com relação ao Passeio Público, principalmente após sua iluminação a gás, em dezembro de 1854. José de Alencar escreveu crônicas no *Correio Mercantil* versando sobre o Passeio Público e o Carnaval, assuntos também mencionados n' *O Jornal das Senhoras*.

Como foi dito, algumas das disposições interiorizadas pelo grupo na vivência de suas posições de classe foram traduzidas em sinais perceptíveis; em sua atitude e postura o grupo guarda distância, não permite maiores aproximações e intimidades, seleciona aqueles a quem concede algum contato. Toda essa atitude tem o sentido de deixar clara a posição que ocupa na hierarquia social – identificar-se através de sinais de distinção.⁵⁹

⁵⁸ Com a vinda da família real portuguesa e da Corte em 1808, ocorreram várias modificações no Brasil. Houve a abertura dos Portos e muitos artistas estrangeiros vieram para o país, onde retrataram e descreveram a natureza, os hábitos e costumes dos nobres, dos homens livres, dos negros escravos e dos índios. Com a independência em 1822, os brasileiros passaram a viver um momento novo. Um ambiente nacionalista se inseriu no contexto nacional. Foi nesse ambiente que o Romantismo se instalou. O Romantismo europeu se contrapunha ao Neoclassicismo, enquanto no Brasil o movimento se baseava no nacionalismo. A liberdade era vista como autonomia política conquistada. A volta ao passado medieval era considerada na exaltação do herói nativo ou pela liberdade do povo. A natureza vista como espaço puro do homem se transformava na expressão da nacionalidade, pois ela era melhor e mais bela.

⁵⁹ TRIGO, Maria Helena Bueno. **Os paulistas de quatrocentos anos: ser e parecer**. São Paulo: Annablume, 2001. p.36.

As redatoras d'*O Jornal das Senhoras* e o romancista José de Alencar faziam parte das elites, não só da elite econômica, mas também da cultural, e estavam dispostos a levantar a bandeira da civilização e do progresso por intermédio dos jornais e romances, visando a formar códigos específicos.

As jornalistas d'*O Jornal das Senhoras* tratavam muito do Passeio Público, assim como Alencar. O local transformara-se em passatempo do estudante, do caixeiro viajante, além de ponto de encontro da Boa Sociedade. Era citado também pelas autoras d'*O Jornal das Senhoras* como local de encontros e caminhadas das famílias respeitáveis.

Enquanto matriz prática, o gosto permite sentir e pressentir as chances objetivas presentes e futuras, funcionando como um sentido de orientação no espaço social, levando os agentes a agir e fazer opções dentro das conveniências de sua posição de classe.⁶⁰

Nesse sentido, formou-se o gosto por andar no Passeio Público, local de encontro das elites. Caminhar à noite no Passeio Público tornou-se um ato de bom tom, um sinal de distinção para as elites, seguindo o modelo da civilização francesa, na qual existia o hábito das caminhadas. Os periódicos, no caso o *Correio Mercantil* por meio das crônicas de José de Alencar, e *O Jornal das Senhoras* por meio da sua redatora-chefe Gervásia Neves e suas colaboradoras, atestavam a importância desse novo símbolo de progresso e civilidade.

⁶⁰ Pierre Bourdieu, 1983. Apud: TRIGO, Maria Helena Bueno. **Os paulistas de quatrocentos anos: ser e parecer.** São Paulo: Annablume, 2001. p.36.

[...] Passeio Público foi freqüentado no decurso desta semana, com especialidade na tarde e noite de domingo, em que nos achamos, e aí nos demoramos até as 9 horas da noite.⁶¹

[...] houve grande companhia no Passeio Público, onde uma banda de música executou escolhidas peças, enquanto a multidão enchia a extrema varanda, ou se espalhava por entre as poéticas alamedas, ou descansava sob a folhagem de arvoredos, onde brincavam os zephiros, que se haviam espalhado nessa bela tarde.⁶²

Ressaltando que para José de Alencar:

A posição assumida por Alencar, ao tratar do Passeio Público e do Carnaval, nos seus folhetins, me parece reveladora. Seus escritos explicam a idéia de que "as pessoas elegantes" da sociedade fluminense da época precisavam passar por um processo de europeização dos costumes, pressuposto indispensável para a inserção na "civilização".⁶³

José de Alencar era membro dessa elite refinada intelectualmente, da qual também faziam parte as mulheres redatoras e jornalistas. No entanto, *O Jornal das Senhoras* apregoava, numa coluna intitulada "Pequenos Abusos", na qual se comentavam as gafes da alta sociedade, como encher as mãos ao ver a bandeja de guloseimas, pois a elite intelectual não era considerada polida em matéria de cultura, nos termos em que se entendia a civilidade.

⁶¹ O JORNAL DAS SENHORAS. Rio de Janeiro - RJ, 18/02/1855. Texto assinado por Alina (pseudônimo).

⁶² O JORNAL DAS SENHORAS. Rio de Janeiro - RJ, 25/03/1855. Texto assinado por Alina (pseudônimo).

⁶³ SOUZA, Silvia Cristina Martins. Ao Correr da Pena: uma leitura dos folhetins de José de Alencar. In: CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Orgs.). **A História Contada**: capítulos de história social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. p.132.

As boas maneiras da civilização ocidental foram introduzidas no Brasil a partir do século XIX, tendo como ponto de partida emblemático a vinda da família real em 1808 e a instalação da Corte. Fazia-se necessário aprender a comer de garfo e faca e se comportar bem à mesa e nas festas, denotando fator de progresso social as boas maneiras.

Assim, os homens e as mulheres da elite letrada entendiam que progresso significava:

[...] acumulação de aquisições materiais e de conhecimentos objetivos, capazes de transformar a vida social e de conferir-lhe maior significação e alcance no contexto da experiência humana, civilização, desenvolvimento.⁶⁴

José de Alencar criticava a prática do entrudo no Carnaval carioca – folguedo que, entre as famílias da boa sociedade, consistia em lançar uns aos outros água de cheiro e limões, enquanto que nos festejos populares jogava-se lama e até urina. O entrudo era de origem portuguesa, mas, para o grupo de intelectuais da época, fazia-se necessário civilizar o Carnaval, ou seja, coibir a participação das boas famílias no entrudo, inclusive com o uso da polícia para tanto, além da instituição do baile de máscaras como modelo de Carnaval civilizado nos padrões europeus.

Isso ocorreu no ano de 1855, quando tanto *O Jornal das Senhoras* como José de Alencar saudaram, com muitos elogios, o Baile

⁶⁴ Cf.: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Positivo, 2001.

de Máscaras do Congresso das Sumidades Carnavalescas, com confeitos e flores.

Pelo que observei este ano, por ocasião do Carnaval, parece que se pode considerar extinto e para sempre proscrito o velho entrudo com suas brutas caldeiradas d'água e jogo de limões, laranjas, e com todos os demais objetos que faziam parte do material deste divertimento. Espero que no próximo ano, o gosto por máscaras seja mais geral e tão delicado como o das *Sumidades Carnavalescas*; que as elegantes senhoras da nossa sociedade tomaram lindos disfarces para passear em suas carruagens; que os confeitos e flores serão preparados com mais antecedência para esses dias de alegria geral na cidade e os quais se passaram com tanta paz.⁶⁵

Ou seja, o Carnaval tornou-se "civilizado", como o italiano. Nesse processo buscava-se difundir no seio das elites hábitos e costumes europeus, incluindo a introdução do padrão civilizador na cultura carnavalesca.

O *habitus* é com efeito princípio gerador de práticas objetivamente classificáveis e, ao mesmo tempo, *sistema de classificação* (principium divisionis) de tais práticas. Na relação entre duas capacidades que definem o *habitus*, ou seja, capacidade de produzir práticas e obras classificáveis, além da capacidade de diferenciar e apreciar essas práticas e esses produtos (gosto), é que se constitui o mundo social representado, ou seja, o espaço dos estilos de vida.⁶⁶

⁶⁵ O JORNAL DAS SENHORAS. Rio de Janeiro - RJ, 25/02/1855. Texto assinado por Alina (pseudônimo).

⁶⁶ BOURDIEU, Pierre. **A Distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre: Zouk, 2008. p.162.

Portanto, nesse Carnaval de 1855 estabeleceu-se o gosto legítimo pelo baile de máscaras ao estilo europeu na sociedade da Corte Imperial, com aprovação d'O *Jornal das Senhoras* e do escritor José de Alencar, bem como outros intelectuais da época que acreditavam no progresso rumo à civilização a partir da aquisição de costumes europeus.

No próximo item será analisado como as elites se empenharam no sentido de civilizar a nação, não só o carnaval, mas focalizando a educação, principalmente a tentativa de erradicação do analfabetismo.

2.2 EDUCAÇÃO: UMA BANDEIRA DE LUTA

Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz lutas ou sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta o poder do qual nos queremos apoderar.⁶⁷

O desejo da jornalista Joana Paula Manso de Noronha, bem como das duas redatoras que a sucederam na direção do Jornal, Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Velasco e Gervásia Neves, era que fosse dada às mulheres a oportunidade de se educarem. Esse ideal esteve presente nos discursos jornalísticos das três senhoras e de suas colaboradoras.

⁶⁷ FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 18ª ed. São Paulo: Loyola, 2009. p.10.

Essas intelectuais do século XIX acreditavam no progresso e, para elas, quanto maior o número de pessoas alfabetizadas, mais civilizada e progressista se tornaria a nação. Nessa conjuntura, as mulheres deveriam ser instruídas e denotariam os vetores civilizatórios, pois, como eram responsáveis pela educação das crianças, ajudariam a erradicar o analfabetismo no país.

O sentido de civilizar passou a ser uma noção muito presente na ação de intelectuais do século XIX, e a se refletir não apenas nos textos eruditos, mas também naqueles que pretendiam sua disseminação através de textos que atingiram o conhecimento vulgar. Essa tradição manteve-se no Brasil da segunda metade do século XIX, quando muitos se deram conta de que seriam de muita valia para a sedimentação da cidadania, e poderiam tornar-se também um elemento de fortalecimento da nação brasileira.

No entanto como tornar esses elementos armas eficazes de reparação para as novas gerações encontrarem, com facilidade, os elementos que as aproximassem do saber e; por desdobramento, da civilização? Haveria que se promover no Brasil, um grande esforço coletivo, considerando os índices de analfabetismo e as dificuldades inerentes aos grandes espaços geográficos que permaneciam intocados, com poucas bibliotecas, escolas rareadas, em municípios distantes, livros com baixa circulação, além de poucos exemplares por edição. Essa noção de urgência ficava patente nas correspondências, em textos na imprensa e nos escritos em geral, de letrados e intelectuais brasileiros.⁶⁸

⁶⁸ FERREIRA, Tânia Tavares Bessone da Cruz. Os livros na imprensa, as resenhas e a divulgação do conhecimento no Brasil na segunda metade do século XIX. In: CARVALHO, José Murilo (Org.). **Nação e Cidadania no Império**: novos horizontes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p.191.

Essa urgência se fazia presente n’O *Jornal das Senhoras*, pois, durante os três anos em que o periódico circulou na Corte, foram constantes os artigos de redatoras e colaboradoras se empenhando em disseminar a necessidade da emancipação moral da mulher por meio da educação, já que havia pressa em colocar a nação brasileira nos trilhos do progresso e da civilização.

Cumpre lembrar que o conceito de “emancipação feminina” no século XIX é distinto do conceito nos séculos XX e XXI. “A emancipação moral da mulher” estava ligada à sua instrução, figurando o direito à instrução básica e o refinamento social como fatores de progresso social inerentes ao processo civilizador. Tal posicionamento fica claro no texto da colaboradora que assinava indicando somente as iniciais do seu nome, L. C. d’A., no artigo do dia 24 de outubro de 1852.

Que filhos pretendeis dar ao mundo, que de vós reclama cidadãos ilustrados? Pensais que uma mãe ignorante, não deve ser um objeto de compaixão, na sociedade ilustrada do século atual?

Compreendei; não queremos que façais doutores de todas as mulheres; mas dai-lhe a teoria daquilo que todo o homem tem de saber, conforme as circunstâncias e posição de cada um. Pensai; não são nos bailes que se ilustrarão vossas filhas, mas nos bons, nos ilustrados colégios, ou de preferência em vossas casas. A educação e instrução, que vossas mulheres derem a vossas filhas serão inimitáveis.

Tremei; vossas filhas ignorantes estão expostas a perigos imensos; porque sendo ignorantes, ellas procurarão senão a materialidade dos prazeres banais da sua vaidade [...].

Fazei a mulher com instrução igual ao homem, e os vindouros falarão com respeito desta geração; eis o que é o verdadeiro progresso, aquele que tem de trazer os outros.

Emancipai a mulher, mas não lhe deis a licença; porque a mulher tem tanto o direito a procurar sua subsistência como o homem e as famílias não conservarão na ociosidade tantas filhas maiores. Antes de tudo porém bons costumes e instrução.⁶⁹

A ignorância feminina era combatida n' *O Jornal das Senhoras*, que tratava a mulher ignorante como digna de pena. Segundo a jornalista, o perigo estava justamente na ignorância, condição em que a mulher não teria conhecimento básico dos seus direitos e deveres. Era considerado de bom tom que a mulher tivesse uma instrução básica, não para competir com o homem no mercado de trabalho, mas para ter um refinamento social, para se portar bem como mãe e esposa no lar, nos bailes da Corte.

A mulher não só devia ter vaidade, mas instrução para cooperar com o homem na educação das crianças e, na falta do marido, não ser ociosa, mas diligente.

Mesmo limitada em seu escopo, a educação feminina criou raízes na elite brasileira já em meados do século XIX, embora circunscrevendo a mulher aos espaços de socialização consentidos – o lar e o salão. Se, no início do século XIX, a educação feminina das famílias nobres era realizada em colégios particulares para aquelas que moravam na cidade, ou pela contratação de preceptoras a fim de ensinar as moças que viviam nas fazendas, nas últimas décadas daquele século, o processo educacional incluiu temporadas na Europa. O mesmo processo de inserção cultural e de absorção dos códigos de conduta, pelos quais os membros masculinos da elite se diferenciavam mutuamente,

⁶⁹ O JORNAL DAS SENHORAS. Rio de Janeiro - RJ, 24/10/1852. Texto assinado por L. C. d'A.

passou a ser adotado pelas mulheres, embora elas não se dirigissem ao continente europeu para obter educação universitária.⁷⁰

No caso específico das redatoras d'*O Jornal das Senhoras*, cabe notar que Joana Paula Manso de Noronha viajou pela Europa e pelos Estados Unidos antes de escrever no periódico, bem como a colaboradora Cristina, que compôs artigos de moda para as duas redatoras posteriores, Violante e Gervásia. Por sua vez, Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Velasco foi educada por uma preceptora que lhe ensinou francês, inglês e italiano. Culta, fez várias traduções nessas línguas estrangeiras.

Para o conjunto mais amplo da sociedade a concepção da educação feminina como um valor social foi um processo simultâneo ao surgimento dos setores médios. Podemos datar da década de 1840 o início das transformações na economia e na administração pública brasileiras, conforme o Estado ganhava organicidade e se fazia presente nas províncias mais distantes. Por conta disso, surgiu um contingente urbano, ocupado com funções na burocracia pública e privada, bem como provimento de serviços, que também se interessava em educar suas filhas. Uma vez consolidada como um grupo social definido no interior das cidades decorreu a elaboração de um *ethos* próprio, assim como a emanção de discursos simbólicos peculiares. No entanto, os setores médios brasileiros que emergiram naquele tempo não trouxeram inovações às relações de gênero. Bem ao contrário espelharam-se nas práticas culturais da nobreza brasileira, como nos livros de Machado de Assis são pródigos em ilustrar. Desse modo, também a pequena burguesia emergente buscou educar suas filhas para que elas

⁷⁰ MARQUES, Tereza Cristina de N. Elas também desejam participar da Vida Pública: várias formas de participação política feminina entre 1850 e 1932. In: PISCITELLI, Adriana (Org.). **Olhares feministas**. Brasília: MEC/ UNESCO, 2009. p.441.

pudessem demonstrar, no espaço apropriado do salão, o domínio da etiqueta do convívio social.⁷¹

Percebe-se que havia a necessidade de educar as crianças e os adultos, mas para isso seria fundamental a instrução. Por isso, mobilizavam-se as camadas médias para apoiar a divulgação do conhecimento por intermédio das escolas.

Nesse sentido, fazia-se necessário que as mães educadas e de fino trato pregassem a importância da escola, visando ao progresso social, no intuito de fazer o país atingir o nível de nação civilizada.

Entre as leis sociais que modelam a necessidade ou a capacidade de leitura, as de escola estão entre as mais importantes, o que coloca o problema, ao mesmo tempo histórico e contemporâneo, do lugar da aprendizagem escolar numa aprendizagem da leitura, nos dois sentidos da palavra, isto é, a aprendizagem da decifração e do saber ler em seu nível elementar e, de outro lado, esta outra coisa de que falamos, a capacidade de uma leitura mais hábil, que pode se apropriar de diferentes textos.⁷²

Joana Paula Manso de Noronha não foi somente jornalista, mas também professora. Ela fundou em Buenos Aires a primeira escola mista, para meninos e meninas, após deixar a editoria d'O *Jornal das Senhoras*, retornando à Argentina.

⁷¹ MARQUES, Tereza Cristina de N. Elas também desejam participar da Vida Pública: várias formas de participação política feminina entre 1850 e 1932. In: PISCITELLI, Adriana (Org.). **Olhares feministas**. Brasília: MEC/ UNESCO, 2009. p.441.

⁷² CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas de Leitura**. 4ªed. São Paulo: Estação Liberdade, 2009. p.240.

Joana fazia uma crítica aos métodos educacionais da época, sugerindo que fossem abolidos os castigos físicos e que houvesse uma relação de amizade entre o mestre e os alunos. Além disso, defendia que as meninas pobres deveriam aprender não só prendas domésticas e religião, mas ter acesso a um ensino que as profissionalizasse.

A jornalista e professora entendia que, mediante a brincadeira, o aspecto lúdico, se aprendia com maior facilidade: “Uma verdade de que todos os mestres devem compenetrar-se é, que deve ensinar-se as crianças brincando.” Ela possuía uma proposta pedagógica: “Esse amor respeitoso que o mestre inspira ao discípulo, é o mais belo atributo da nobre carreira de professor da educação.”⁷³

O afeto entre o professor e os alunos seria de suma importância para a aprendizagem. Paralelamente, as meninas pobres deveriam ter uma educação que as emancipasse, para serem boas filhas, mães e esposas.

Contudo, essa menina pobre, poderá assim mesmo, fruir os benefícios de uma educação mais ampla e melhor adaptada às necessidades da nossa época; para, em falta dessas prendas, ser boa filha, boa esposa e boa mãe. A aplicação do método politécnico gráfico, ou melhor dito sistema enciclopédico, proporcionado às inteligências das meninas, deveria adotar-se tantos nos estabelecimentos de educação nacionais como nos particulares.⁷⁴

⁷³ O JORNAL DAS SENHORAS. Rio de Janeiro - RJ, 29/02/1852.

⁷⁴ O JORNAL DAS SENHORAS. Rio de Janeiro - RJ, 22/02/1852.

As jornalistas em questão empenharam-se em transformar as práticas culturais de sua época no Brasil, e tiveram como influência dialógica a população letrada da Corte Imperial, pois o periódico buscava, e forneceu, modelos e padrões de vida para as mulheres do século XIX.

O poder sobre o livro é o poder sobre o poder que exerce o livro. Eu evoco ali alguma coisa que todos historiadores lembraram, isto é, o poder extraordinário que tem o livro quando se torna um modelo de vida [...].

Mas o intelectual é também alguém que pode agir à distância ao transformar visões de mundo e as práticas cotidianas, que pode agir sobre a forma de aleitar as crianças, a forma de pensar e de falar à namorada, etc. Assim, penso que a luta pelos livros pode ser uma cartada extraordinária, uma cartada que os próprios intelectuais subestimam. Eles estão de tal maneira impregnados de uma crítica materialista de sua atividade que terminam por subestimar o poder específico do intelectual, que é o poder simbólico, o poder de agir sobre as estruturas mentais e, através da estrutura mental, sobre as estruturas sociais. Os intelectuais esquecem-se de que por meio de um livro se pode transformar a visão do mundo social e, através da visão de mundo, transformar também o próprio mundo social.⁷⁵

As três chefes de redação do periódico faziam parte de uma elite e, por meio da imprensa, difundiam ideais positivistas e religiosos. Além disso, as três redatoras d'*O Jornal das Senhoras* e suas colaboradoras buscavam ditar moda, isso tanto no que se referia à maneira de se vestir como ao modo de se educar as crianças. Foram modelos de padrão de

⁷⁵ BOURDIEU, Pierre. A leitura: uma prática cultural. In: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas de Leitura**. 4ªed. São Paulo: Estação Liberdade, 2009. p.243.

comportamento, como se pode perceber nessa carta de leitora publicada no jornal:

Nem sei como agradecer-lhe este benefício que nos faz a todas, pois estou certa que todas como eu são unânimes em tributar-lhe votos de gratidão pela empresa que tomou a ombros.

A senhora veio-nos abrir um campo de atividade, em que podemos exercitar nossas forças, e sair do nosso estado de vegetação. Como lhe agradeceremos?⁷⁶

A gratidão da leitora em questão nos remete ao fato de que a leitura tem diferentes apropriações pelos leitores.

De qualquer modo, as apropriações dos textos pelo leitor implicam sempre a consciência de que a possibilidade de leitura efetua-se por um processo de aprendizado particular, de que resultam competências muito diferentes.

Quer dizer embora os estudos de leitura remetam inevitavelmente a circunstâncias e usos em que a sua prática se constrói, a idéia subjacente a eles é que a pragmática em que se inserem seja constitutiva do produto cultural e não um elemento exterior que se ajunta superficialmente a ele em situações dadas. Outra vez: reconhecer os traços das práticas no cerne das próprias representações e seus suportes é a pedra de toque da investigação ambicionada por Chartier.⁷⁷

⁷⁶ O JORNAL DAS SENHORAS. Rio de Janeiro - RJ, 08/02/1852.

⁷⁷ PÉCORA, Alcir. Introdução. In: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas de Leitura**. 4ªed. São Paulo: Estação Liberdade, 2009. p.13-4.

A primeira competência deveria ser o saber ler, ser alfabetizado, o que nesse momento estudado era de exclusividade duma elite, já que no Rio de Janeiro havia apenas 1.532 crianças matriculadas na escola pública, e mais ou menos 4.000 na escola privada.⁷⁸

As leituras são sempre plurais, são elas que constroem de maneira diferente o sentido dos textos, mesmo se esses textos inscrevem no interior de si mesmos o sentido de que desejariam ver-se atribuídos. E é justamente essa diferenciação da leitura, desde suas modalidades mais físicas até seu trabalho intelectual, que pode constituir um instrumento de discriminação entre leitores, muito mais do que a repartição supostamente diferencial deste ou daquele tipo de objeto manuscrito ou impresso. É preciso, portanto, insistir-se sobre o que há de criador e distintivo na leitura.⁷⁹

Nesse sentido, saber ler e escrever significava um sinal de distinção e privilégio, era parte do caminho para fazer parte de uma elite letrada.

⁷⁸ BORGES, Waldecy. **Histórias românticas na Corte Imperial**: o romance urbano de José de Alencar (Rio de Janeiro, 1840-1870). Tese (Doutorado em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004. p.70.

⁷⁹ CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas de Leitura**. 4ªed. São Paulo: Estação Liberdade, 2009. p.242.

Assim, durante o século XIX, quando se acreditava no progresso da humanidade, diante da necessidade de civilizar a nação brasileira, as mulheres e boa parte da elite ilustrada do país pregavam a urgência da alfabetização das crianças e adultos. Nesse contexto, as redatoras, colaboradoras e leitoras d'O *Jornal das Senhoras* se ocupavam em disseminar a campanha em prol da emancipação moral da mulher mediante a educação, de uma maneira criativa e distintiva, escrevendo poesias e textos literários, criticando os métodos educacionais vigentes no país e o atraso da ignorância a que estavam submetidos homens e mulheres durante o Segundo Reinado.

Portanto, a emancipação moral da mulher estava vinculada à sua educação, à possibilidade de ler e escrever, à possibilidade de adquirir hábitos civilizados por intermédio da leitura de manuais de etiqueta, à possibilidade de consumir livros e jornais, ampliando o mercado consumidor das editoras e jornais. A esse respeito:

“Penso que os intelectuais se sentem no dever de dar a todos o direito de leitura, isto é, o direito de lê-los.”⁸⁰

Assim, nota-se que os intelectuais não eram somente altruístas ao disseminarem o conhecimento, já que havia uma necessidade cultural e econômica na difusão do saber.

⁸⁰ BOURDIEU, Pierre. A leitura: uma prática cultural. In: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas de Leitura**. 4ªed. São Paulo: Estação Liberdade, 2009. p.239.

De fato, o positivismo foi a primeira ideologia de ampla difusão cultural que concebeu um papel afirmativo para a mulher na sociedade. O ranço misógino da sociedade luso-brasileira e, junto com ele, o costume de se excluir as mulheres das letras foi, a partir da difusão do positivismo, definitivamente lançado no rol das heranças indesejáveis e incompatíveis com o projeto de se inserir o país no seio das nações civilizadas do Ocidente.⁸¹

Nessa conjuntura atuaram as três redatoras-chefes d'*O Jornal das Senhoras* e suas colaboradoras, difundindo a necessidade da educação feminina para que o país pudesse encontrar o caminho do progresso e da civilização.

Outro fator de civilidade, progresso, refinamento e bom tom social era a música. Por isso *O Jornal das Senhoras* publicava partituras de modinhas, e valorizava a educação musical das mulheres, se referindo ao Rio de Janeiro como cidade dos pianos.

Que o Brasileiro é músico, isso é indubitável; e porque não o aproveitaremos n'este elemento civilizador, como é devido, e como reclama o nosso estado de progresso, mormente na cidade dos pianos.⁸²

⁸¹ MARQUES, Tereza Cristina de N. Elas também desejam participar da Vida Pública: várias formas de participação política feminina entre 1850 e 1932. In: PISCITELLI, Adriana (Org.). **Olhares feministas**. Brasília: MEC/ UNESCO, 2009. p.443-4.

⁸² O JORNAL DAS SENHORAS. Rio de Janeiro - RJ, 18/01/1852. Texto assinado por Joana Paula Manso de Noronha.

refinamento. Assim, no seio da elite, virou um elemento necessário de sociabilidade, como atestava Olavo Bilac em uma crônica em 1907:

Aqui tudo se faz por música ou com música. No Rio de Janeiro as crianças já nascem sabendo martelar no piano a gama natural dos sete sons! [...] O Rio de Janeiro é a cidade dos pianos. Não encontrareis uma só casa em que não haja um piano pelo menos. Porque há casas que têm dois: um, de cauda, para as pessoas grandes, e outro de meio armário, para crianças principiantes. E há casas que têm três: um para dona da casa e as filhas mais velhas, outro para a pirralhada e outro para as criadas! No lar mais pobre sempre achareis um desses "monstros negros de dentes brancos". Talvez não vejais, na mais humilde habitação carioca, panelas no fogão, nem comida nos pratos, nem louça no armário, nem roupa na cômoda [...] mas haveis de ver, por força, um piano. O piano é cercado de amor e desvelo. É a última coisa de que o pobre se desfaz... Quando se diz de um chefe de família: "vendeu o piano", está dito tudo: nessa frase se resumem e definem a miséria suprema e o supremo sacrifício: depois disso... o suicídio! A mania do piano é brasileira. As meninas todas aprendem piano. Não há espanto quando uma criança de 10 anos é ainda analfabeta e sim uma menina de oito anos que não toque piano.⁸³

Pode-se observar certo exagero na fala de Olavo Bilac, já que o instrumento musical mencionado era muito caro e, por conseguinte, de difícil acesso à maioria da população. Entretanto, a crônica mostra o grau de disseminação do piano no seio das elites cariocas, um indício (segundo os positivistas no século XIX) da civilidade e do progresso alcançados pela cidade do Rio de Janeiro e referendados pel'*O Jornal*

⁸³ Olavo Bilac. Apud: ARAÚJO, Rosa Maria Barboza. **A Vocação do prazer:** a cidade e a família no Rio de Janeiro Republicano. Rio de Janeiro: Rocco, 1995. p.251.

das Senhoras, na pessoa da sua redatora Joana Paula Manso de Noronha.



Figura 6 - Partitura musical - O Jornal das Senhoras, 10/10/1852.

Nesse sentido, foi instituído um *habitus* de classe⁸⁴, com um estilo de vida, refinado e culto, marcado por sinais de distinção que separavam quem era instruído e civilizado de quem não era.

Analizada a partir dos *habitus* de classe, a aparente dispersão das práticas cotidianas revela sua organicidade, sua sistematicidade. Onde não havia senão o caos e o vazio de sentido, descobre-se uma homologia estrutural entre as práticas e ordem social nelas se expressa. Nessa estruturação da vida cotidiana a partir do *habitus* é que se faz presente a eficácia da hegemonia *programando* as expectativas e os gostos segundo as classes.⁸⁵

A música era a arte na qual mais se denotava o fenômeno social da distinção, estabelecendo um distanciamento entre os que possuíam aquele que era considerado o gosto legítimo, refinado, e os populares.

Essa dualidade entre solidez e beleza expressava uma grande divisão entre o material e o ideal, o corpóreo e o espiritual, muito típica do mundo burguês, já que espírito e idéia dependiam da matéria, ou pelo menos através do dinheiro que pudesse comprá-la. Nada era mais espiritual do que a música, mas a forma característica em que ela entrava no lar burguês era o piano, um aparato excessivamente grande, rebuscado e caro [...]. Nenhum interior burguês era completo sem ele; todas as filhas diletas da burguesia eram obrigadas a praticar escalas sem fim naquele instrumento.⁸⁶

⁸⁴ *Habitus* é um conceito de Pierre Bourdieu. Cf.: BOURDIEU, Pierre. **A Distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre: Zouk, 2008.

⁸⁵ MARTIM-BARBIERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: Comunicação, Cultura e Hegemonia. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997. p.112.

⁸⁶ HOBBSBAWM, Eric. **A era do capital** – 1848-1875. 3ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p.243.

Destarte, os valores da civilização ocidental eram aspirados pelas elites cariocas, criando práticas e hábitos femininos que circulavam n'O *Jornal das Senhoras*, mediante, por exemplo, a publicação de partituras musicais no periódico. As mulheres refinadas tocavam piano na Corte Imperial e desejavam a emancipação moral da mulher, sendo consideradas membros da primeira onda feminista do Brasil, ou seja, as precursoras do movimento feminista no século XIX.



Figura 7 - “O Piano”, de Renoir (1892).⁸⁷

⁸⁷ PEQUENA INFANTE. **Sublime piano**. 30/03/2011. Disponível em: <<http://www.pequenainfante.info/2011/03/sublime-piano.html>>. Acesso em: 28/02/2012.

2.3 FEMINISMO: SENTIDO DA EDUCAÇÃO

Tendo em vista o caráter efêmero do jornal (1852-1855), pretende-se compreender aspectos do século XIX na Corte Imperial, dentro das elites, especificamente entre as mulheres, por intermédio da imprensa feminina, principalmente do discurso feminino d'*O Jornal das Senhoras*. O que se busca é:

[...] uma compreensão da realidade da linguagem, que, como consciência prática, está saturada por toda uma atividade social, inclusive a atividade produtiva. [...] a linguagem é a articulação dessa experiência ativa em transformação, uma presença social e dinâmica no mundo.⁸⁸

Procura-se questionar de que forma se deu essa experiência ativa no caso específico das mulheres envolvidas com *O Jornal das Senhoras*, um periódico semanal que circulou na Corte em meados do século XIX. Além disso, indaga-se como se deu a presença social e dinâmica da mulher no mundo oitocentista da Corte, numa sociedade assentada na economia agrária exportadora de café e com uma urbanização ainda incipiente na capital do Império.

Pode-se pensar o público de leitoras do periódico daquele momento como sujeitos ativos que construíam uma relação dialógica com os artigos de jornais e folhetins, o que se nota inclusive na análise das cartas das leitoras publicadas no jornal.

⁸⁸ WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. p.43.

Em correspondência remetida à redação do periódico, uma leitora que afirmava ter 14 anos questionava, em meados do século XIX, a educação ministrada às alunas da época:

Quando a maior parte dos pais de família procurarão dar educação a suas filhas, franca, completa e liberal? Quando não se desapreciarão as suas faculdades intelectuais e quando finalmente tentar-se-á cultivar a sua inteligência, deixando que a liberdade do pensamento flutue em seus escritos?

Não entendo que uma mulher por saber música, tocar piano, coser, bordar, marcar e escrever, tenha completada a sua educação [...]. Maria Clementina da Cruz⁸⁹

Nas elites, no caso das mulheres chefes de família, como as duas redatoras d'O *Jornal das Senhoras* (Joana Paula Manso de Noronha, separada do marido, e Violante Atabalipa Ximenes de Bivar, viúva), seria possível pensar em sua atuação como estratégia de sobrevivência e de dar voz às subjetividades femininas. Seria possível considerar as jornalistas enquanto sujeitos que configuravam alternativas e práticas de liberdade, tendo em vista que:

[...] nas suas malhas [dos micropoderes] os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são alvos inertes ou consentidos do poder, são sempre centros de transmissão.⁹⁰

⁸⁹ O JORNAL DAS SENHORAS. Rio de Janeiro - RJ, 20/08/1852. Apud: BERNADES, Maria Thereza Caiuby Crescenti. **Mulheres de ontem?** Rio de Janeiro - século XIX. São Paulo: T. A. Queiroz, 1989. p.137-8.

⁹⁰ RAGO, Elizabeth. **Outras falas:** feminismo e medicina na Bahia (1836-1931). São Paulo: Annablume/ FAPESP, 2007. p.61.

Nesse sentido, podem-se observar as práticas femininas oitocentistas na Corte (presentes nas trajetórias de vida e nos artigos das redatoras do jornal, bem como nas cartas das leitoras) tendo em vista os conceitos de residual e emergente⁹¹.

O que temos realmente a dizer, como uma maneira de definir os elementos importantes tanto do residual como do emergente, e como um meio de compreender o caráter dominante, é que nenhum modo de produção e, portanto, nenhuma ordem social dominante e, portanto, nenhuma cultura dominante, nunca na realidade, inclui ou esgota toda a prática humana, toda energia humana e toda intenção humana.⁹²

Considerando que desde a vinda da família real (1808) muitas mudanças sociais e urbanas haviam ocorrido, e que em meados do século XIX estavam sendo implantados os sistemas de esgoto e iluminação a gás, que possivelmente propiciaram uma vida mais cosmopolita para as elites – as quais, segundo as crônicas de José de Alencar de meados do século XIX, passaram a frequentar o Passeio Público, antes lugar dos escravos e pobres –, pode-se questionar ainda sobre como se deu a inserção feminina no espaço público ou como as mulheres deveriam circular pela Corte. Por que era importante ser considerado civilizado? Por que era necessário civilizar o Carnaval, proibindo o entrudo?

⁹¹ WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

⁹² Ibidem. p.128.

A análise do conceito de "civilização" mostra que o termo:

[...] expressava dois sentidos que estavam historicamente unidos, um Estado realizado, que se podia contrastar com a barbárie, mas também agora um estado realizado de desenvolvimento que implicava processo histórico e progresso. Foi essa nova racionalidade de fato com uma celebração que se auto referia de uma condição realizado de refinamento e ordem.⁹³

Por que se aplicava a essa situação estudada o conceito de civilização? Seria porque, na época analisada, havia a imitação dos modelos franceses de comportamento refinado e elegante. Nesse contexto se enquadrava *O Jornal das Senhoras*, com seções de moda, de figurino francês e folhetins de autores franceses como Alexandre Dumas.

Segundo os escritores românticos do período, falar francês e tocar piano eram requisitos necessários à boa educação feminina. Diante dessas leituras, cumpre questionar: qual era a importância da educação feminina para o progresso e a civilização?

Nesse cenário histórico em que houve a separação das esferas pública e privada, em que a mulher devia se ocupar da família e o homem, ser o provedor, era importante a relação entre maternidade e educação. Essa nova mulher, rainha do lar, educada, deveria se vestir com bom gosto e recato, dando a devida importância à moda francesa. Destarte, debates sobre a condição feminina, o casamento e o lugar da mulher na sociedade foram empreendidos durante o Segundo Reinado,

⁹³ WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. p.19.

época em que se verificou um processo de desenvolvimento urbano, principalmente na Corte.

Se as diferenças de gênero não podem ser consideradas naturais, mas sociais e históricos, pode-se afirmar que o estudo das diversidades sociais entre o masculino e o feminino se constitui numa das inquietações presentes em diferentes épocas e marcada por aberturas e incertezas vivenciadas em desigualdades, culpas, preconceitos e violências.

Por sua característica basicamente relacional, a categoria gênero procura destacar que a construção dos perfis de comportamento feminino e masculino define-se um em função do outro, uma vez que se constituíram social, cultural e, historicamente, em um tempo, espaço e cultura determinados. Não se deve esquecer, ainda, que as relações de gênero são um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças hierárquicas que distinguem os sexos, e são, portanto, uma forma primária de relações significantes de poder.⁹⁴

Nesse sentido, procura-se entender os intrincados mecanismos que, no século XIX, possibilitaram às mulheres de elite ampliar sua vida social e adquirir direito à educação, passando a possuir conhecimentos de puericultura e refinamento social. Busca-se evidenciar, ainda, que foi também no século XIX que se vislumbrou a importância da mulher como rainha do lar, se ampliando as potencialidades femininas no espaço privado, em oposição ao espaço público, considerado território masculino por direito, segundo o positivismo vigente na época.

⁹⁴ MATOS, Maria Izilda Santos de. **Por uma história da mulher**. Bauru - SP: EDUSC, 2000. p.16-7.

As relações homem-mulher fazem parte das relações de gênero. Quando falamos em gênero, estamos falando da construção cultural do que é percebido e pensado como diferença sexual, ou seja, das maneiras como as sociedades entendem, por exemplo, o que é *ser homem* e *ser mulher*, e o que é *masculino* e *feminino*. Assim, podemos tratar estas noções como conceitos históricos.⁹⁵

Os conceitos de masculinidade e feminilidade, a oposição binária mulher anjo/mulher demônio, os papéis de rainha do lar, serva do lar, mãe zelosa, mulher educada, foram ideias e situações inseridas no bojo das transformações urbanas do século XIX na Corte. Tais princípios propiciaram mudanças de valores socioculturais na antiga família patriarcal, e ainda são conceitos mutáveis e variáveis de acordo com o contexto social.

Desse modo, houve um questionamento acerca dos universalismos e do natural, sobretudo da ideia de que o direito à educação seria preponderantemente masculino. Foram então destacadas certas diferenças entre os sexos, as quais se pretende estudar e caracterizar como históricas, sociais e culturais.

Tendo, entre as suas preocupações, o cuidado de evitar as oposições binárias e fixas e naturalizadas, os estudos de gênero procuram mostrar que as referências culturais são sexualmente produzidas por símbolos, jogos de significação, cruzamentos de conceitos e relações de poder, conceitos normativos, relações de parentesco, econômicas e políticas.⁹⁶

⁹⁵ BASSANEZI, Carla. **Virando Páginas, Revendo as Mulheres** - Revistas femininas e relações homem-mulher (1945-1964). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996. p.11.

⁹⁶ MATOS, Maria Izilda Santos de. **Âncora de emoções** - Corpos, Subjetividades e Sensibilidades. Bauru - SP: EDUSC, 2005. p.22.

Vale ainda ressaltar que:

As concepções relacionadas à diferença sexual tanto são produto das relações sociais quanto produzem e atuam na construção destas relações. Em outras palavras, assim como as idéias influenciam a vida das pessoas, as experiências e os elementos materiais da existência, por sua vez, influem na constituição do pensamento (moldando as formas das pessoas interpretarem tudo o que relacionam de algum modo às diferenças sexuais). Gênero, portanto, refere-se tanto às idéias, concepções que têm como referência a diferença sexual (e que servem de base para outras interpretações do mundo), quanto às práticas sociais orientadas por essas idéias.⁹⁷

Portanto, os intrincados mecanismos sociais das relações entre as mulheres e os homens são definidos pela forma como os indivíduos interpretam suas experiências, dando significado a elas e percebendo as diferenças sexuais em contextos históricos específicos, agindo de acordo com a construção dos significados.

Pode-se perceber que existem processos sociais constitutivos e de transformação. Podia-se considerar arcaica a prática do dote no século XIX, entretanto, faziam parte do residual os casamentos dentro do grupo familiar, bem como a endogamia dentro das elites, com a valorização da esposa dentro do clã.

Além disso, havia extratos emergentes alternativos, na medida em que se defendia a educação feminina nos jornais como fator de progresso visando a erradicar o analfabetismo no país.

⁹⁷ BASSANEZI, Carla. **Virando Páginas, Revendo as Mulheres** - Revistas femininas e relações homem-mulher (1945-1964). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996. p.12.

Concomitantemente, existiam aspectos emergentes que reforçavam a dominação do homem sobre a mulher, como a valorização masculina no espaço público em detrimento do espaço privado feminino do lar.

Quando se resgatam, analisam e comparam os discursos das três jornalistas (Joana Paula Manso de Noronha, Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Velasco e Gervásia Neves) que foram redatoras d'O *Jornal das Senhoras*, pode-se ter uma noção de como se configuravam as relações homem-mulher em vários aspectos. Contudo, várias inquietações emergem da perspectiva da subjetividade do sujeito:

[...] constituído no gênero, sem dúvida, mas não apenas pela diferença sexual, e sim por meio de códigos lingüísticos e representações culturais; um sujeito "engendrado" não só na experiência de relações de sexo, mas também nas de raça e classe: um sujeito, portanto, múltiplo em vez de único e contraditório em vez de simplesmente dividido.⁹⁸

A redatora Joana acreditava no progresso social inscrito nas teorias positivistas do século XIX, ligado à emancipação da mulher fundamentada na sua educação. Ideia difundida no período.

A concepção de progresso adveio da influência de várias concepções que circulavam no Segundo Reinado, preponderantemente o Positivismo. A Doutrina Positivista era o vetor guiado pelo saber, dirigindo para o progresso no caminho do moderno, apregoava que o passado era inferior comparado ao presente, projetando para o futuro uma sociedade transformada com a crença nas Ciências e na

⁹⁸ Tereza Lauretis, 1994. Apud: RAGO, Elizabeth Juliska. **Outras falas**: feminismo e medicina na Bahia (1836-1931). São Paulo: Annablume/ FAPESP, 2007. p.59.

Filosofia Positiva. O desejo de ser moderno e progressista fazia com que o passado fosse reescrito, projetando transformações para o futuro, gerando dicotomias: *velho X novo, rural X urbano, atraso X progresso*.⁹⁹

Nesse sentido, Joana Manso advertia, já no primeiro número do jornal, em 01/01/1852, a respeito da necessidade do progresso mediante a educação feminina e a emancipação moral da mulher, enfatizando que as demais nações civilizadas já haviam alcançado esse grau de evolução social. Então, caberia à Corte, capital do Império, seguir o mesmo rumo:

Ora, pois, uma Senhora a testa da redação de um jornal! Que bicho de sete cabeças será?

Contudo em França, em Inglaterra, na Itália, na Hespanha, nos Estados Unidos, em Portugal, mesmo, os exemplos abundam de senhoras dedicadas à literatura collaborando em diferentes jornais.

Por ventura a América do Sul, ella só, ficará estacionaria nas sua idéias, quando o mundo inteiro marcha ao progresso e tende ao aperfeiçoamento moral e material da Sociedade?

Ora não pode ser. A Sociedade do Rio de Janeiro principalmente, Corte e capital do império, Metrópole do sul d'América, acolherá de certo com satisfação e sympathia o JORNAL DAS SENHORAS, redigido por uma Senhora mesma: por uma americana que, senão possui talentos, pelo menos tem a vontade e o dezejo de propagar a ilustração, e cooperar com todas as suas forças para melhoramento social e emancipação moral da mulher.¹⁰⁰

⁹⁹ ALVES, Gislene. **Nas Sendas do Progresso: cidade, educação e mulheres** (Pindamonhangaba - 1860-1888). Dissertação (Mestrado em História Social), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003. p.19.

¹⁰⁰ O JORNAL DAS SENHORAS. Rio de Janeiro - RJ, 01/01/1852. Texto assinado por Joana Paula Manso de Noronha.

Uma mulher redatora-chefe de um jornal era ainda um “*bicho de sete cabeças*”, expressão que denota seu pioneirismo. O periódico foi o primeiro de que se teve notícia dedicado ao público feminino e escrito pelas próprias mulheres, e seu objetivo consistia em divulgar a necessidade da ilustração feminina ligada à “emancipação moral da mulher”, pois se fazia necessário retirar do analfabetismo muitas senhoras e meninas, e proporcionar um refinamento social.

A emancipação moral, portanto, não tinha o significado de autonomia e independência econômica, conceitos que emergiriam no universo feminino a partir do século XX, no Brasil e no Ocidente, mas sim de complementação. Entendia-se que homens e mulheres eram diferentes, mas cada qual tinha a sua função na sociedade. Nesse sentido, não se pregava a “rebelião”, mas o bom desempenho do bom papel de esposa e de mãe na sociedade evoluída e progressista. Sendo assim, a Corte, capital do Império, deveria ser o centro de propagação das novas ideias progressistas e evoluídas socialmente.

O Rio de Janeiro passava por um remodelamento espacial. Com o fim do tráfico negreiro, os capitais acumulados com essa atividade econômica passaram a ser investidos, por exemplo, em infraestrutura, como na construção de ferrovias e implantação de telégrafos. Em 1853, a cidade foi calçada com paralelepípedos e, em 1854, passou a ser iluminada a gás. A rede de esgoto foi implantada em 1862, e já no ano de 1873 teve início na cidade o abastecimento domiciliar de água.

Na primeira edição d’*O Jornal das Senhoras*, ficava claro que, além dessas transformações, deveriam acontecer também mudanças nas mentalidades, já que, para acompanhar o progresso urbano, haveria de ocorrer um progresso social, advindo da ilustração feminina, da

emancipação moral da mulher mediante a sua educação, se elevando assim o grau de civilidade dos brasileiros.

Neste sentido os jornais foram um dos pontos de difusão para o que se acreditou serem atitudes progressistas e civilizadas. No entanto, os discursos jornalísticos permitem múltiplas análises, entre elas: o objetivo do jornal e as leituras dos leitores.¹⁰¹

O *Jornal das Senhoras* reservava um espaço para publicar cartas, diários, poesias, acrósticos etc. que as leitoras enviavam para a redação do periódico. Joana Paula Manso de Noronha, no primeiro número do jornal, deixou claro que desejava a participação das leitoras nas páginas do seu periódico, como manifestação de ilustração e progresso feminino:

Eis-nos, pois em campanha; o estandarte da ilustração, ondula gracioso à briza perfumada dos Trópicos: acolhei-vos a elle, todas as que possuis uma faísca de intelligência, vinde. Confidente discreto das vossas produções literárias, ellas serão publicadas debaixo do anônimo: porem não temaes confiar-mo-las, nem temaes dar expansão ao vosso pensamento; se o possuis é porque é dom da Divindade, e aquilo que Deus dá, os homens, não podem roubar.

Por carta fechada à redação do Jornal podem dirigir-se todas as Senhoras que desejarem honrar as nossas paginas.

¹⁰¹ ALVES, Gislene. **Nas Sendas do Progresso:** cidade, educação e mulheres (Pindamonhangaba - 1860-1888). Dissertação (Mestrado em História Social), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003. p.25.

Feliz mil vezes se a minha dedicação alcançar a vossa cooperação.¹⁰²

As leitoras enviavam poesias, traduções e vários trabalhos literários à redação do jornal, além de cartas de apoio às jornalistas. Uma das correspondências atesta o grau de aceitação d'*O Jornal das Senhoras*:

Em dias deste mez estava eu passando pelos olhos o Jornal do Commercio, sem deparar nelle coisa que me interessasse mais intimamente, quando vi o annuncio - O JORNAL DAS SENHORAS. Corri à sala de meu pai e pedi-lhe que o mandasse buscar. Apenas chegou, fui devorando-o, e logo no princípio acho um convite para todas as que quizerem concorrer com seu cabedal, e ocupar um lugarzinho nas paginas do – JORNAL. Foi o mesmo que se estivesse com muita sede e calor, e a senhora me offerecesse um sorvete. Nem sei como agradecer-lhe este benefício que nos faz a todas, pois que estou certa que todas como eu são unânimes em tributar-lhe votos de gratidão pela empreza que tomou a ombros.¹⁰³

Como se pode observar, as leitoras desejavam uma oportunidade para expor seus pensamentos. O uso de pseudônimos garantia a privacidade das colaboradoras, além de libertá-las do jugo crítico masculino, mantendo seu ocultamento.

¹⁰² O JORNAL DAS SENHORAS. Rio de Janeiro - RJ, 01/01/1852. Texto assinado por Joana Paula Manso de Noronha.

¹⁰³ O JORNAL DAS SENHORAS. Rio de Janeiro - RJ, 08/02/1852. Texto assinado por Lina (pseudônimo) - carta de leitora.

A prática da escrita, assim como a da leitura, alargou continuamente os horizontes das mulheres, contribuindo sobremaneira para a inserção delas na cultura letrada do país. Num ritmo lento de modificações no campo dos costumes e dos valores, as mulheres obtiveram certa visibilidade em uma sociedade acostumada a submetê-las à tradição senhorial, na qual o recato familiar e o abandono das suas vocações e interesses eram exigidos em nome do equilíbrio da ordem social que hierarquizava saberes e lugares para os sexos.¹⁰⁴

Todavia, houve também reações contrárias às ideias da jornalista. A redatora recebeu uma carta anônima de um homem que contestava seus argumentos. Joana Paula Manso de Noronha respondeu no jornal se defendendo das críticas feitas por um indivíduo que, na época, se sentiu ameaçado pelas atitudes e pelo discurso da jornalista. Em sua defesa, Joana deixou mais uma vez claro seu discurso em prol do progresso e da ilustração feminina, se colocando como agente civilizadora, com bons padrões de sociabilidade e de comportamento, criticando a ignorância em que eram mantidas várias mulheres – ignorância essa que indicava como fator de atraso social e falta de civilidade.

Vos pertenceis a escola materialista, absolutista e inimiga do progresso humano.
Eu pertenço, desde minha mais tenra mocidade, à propaganda humanitária e progressista.
[...] Sois vos por ventura o único materialista que pugna contra a natureza, contra vontade do Creador, e que supõe parar a roda incessante do progresso humano.

¹⁰⁴ Márcia Maria da Silva Barreiros Leite, 2005. Apud: RAGO, Elizabeth Juliska. **Outras falas**: feminismo e medicina na Bahia (1836-1931). São Paulo: Annablume/ FAPESP, 2007. p.82.

[...] Porque considerando o matrimônio não como uma venda infamante do corpo e da alma da mulher, dessa a quem Deus tanto distinguiu fazendo della a Mãe, porque considerando o matrimonio simplesmente como um contrato social, quiz que a mulher entrasse no gozo de seus direitos, que a bondade de Deus doou e que o estúpido egoísmo do homem lhe nega!

Vós falaste senhor da China e da Turquia mas esqueceste que é o Brasil o único local da America e da Europa onde a maior parte das mulheres são domesticamente tyranizadas! Onde vegetam como a planta, onde foram despojadas até dos mais remotos direitos, onde a sua intelligência é quasi sempre considerada como um crime, e donde, se levantássemos o véu mysterioso que encobre a sociedade, recuaríamos espantados!

[...] E que diríeis vós Sr. se vísseis nos Estados Unidos a mulher ter uma vida tão laboriosa, tão activa, e mais intelligente que a do homem?

Pensaes que além da costura, do engomado e outros pequenos trabalhos não existem outras profissões para as mulheres?

Quanto mais civilizada estiver a sociedade, mais largo será o circuito das profissões que pode exercer a mulher: porque menores e mais raros serão os preconceitos que tolhem os caminhos da industria e da intelligencia, e os recursos que a subtraem à miséria às privações e as mais vezes à perdição.

[...] Acredita e só no que vos digo – quanto mais ilustrada for a mulher – melhor comprehenderá os seus deveres, mais amplamente preencherá, essa missão sagrada de esposa e mãe; missão cujas bases principais são terna adhesão, uma abnegação profunda, prudência, doçura e paciência.¹⁰⁵

¹⁰⁵ O JORNAL DAS SENHORAS. Rio de Janeiro - RJ, 08/02/1852. Texto assinado por Joana Paula Manso de Noronha.



Figura 8 - O Jornal das Senhoras, 08/02/1852.

Percebe-se pelo texto jornalístico que, em meados do século XIX, as mulheres reivindicavam o direito à instrução, defendendo que tal prerrogativa não deveria ficar restrita aos homens. Nesse sentido, elas lutavam pela necessidade de instrução, denunciando o egoísmo masculino dentro do casamento, não pregando o divórcio, mas defendendo a educação feminina, para o melhoramento do papel de mãe e esposa. Nisso percebem-se as ambiguidades do discurso diante das inquietações femininas da época.

Joana Paula intitula-se humanitária e progressista já nas primeiras linhas do texto, marcas da forte influência do positivismo nos pensamentos da jornalista. Segundo as ideias comtianas, a mulher tinha a providência de amar. Em 1852, quando a redatora-chefe escreveu a supracitada resposta, Auguste Comte, que faleceu em 1857, ainda estava em atividade. Esse filósofo francês encontrara-se com Clotilde de Vaux em 1844, quando:

A guinada "clotildeana" foi indiscutível na elaborada visão da mulher e de seu papel na evolução social. No *Cours de philosophie*, sua posição em relação à mulher não discrepava da visão tradicional de inferioridade em relação ao homem. Agora, misturando descobertas da biologia e visões católico-feudais, ele terminou por afirmar a superioridade social e moral da mulher sobre o homem. Tal superioridade se basearia no fato de a mulher representar o lado afetivo e altruístico da natureza humana, ao passo que o homem seria o lado ativo e egoísta. A mulher, como demonstraria a biologia, seria o principal responsável pela reprodução da espécie, enquanto o homem se prestaria mais à transformação do ambiente, à atividade industrial. Na preservação da espécie, o papel da mulher não se limitaria à reprodução, mas se daria especialmente na família, em que como mãe, ela teria a

responsabilidade da formação moral do futuro cidadão.¹⁰⁶

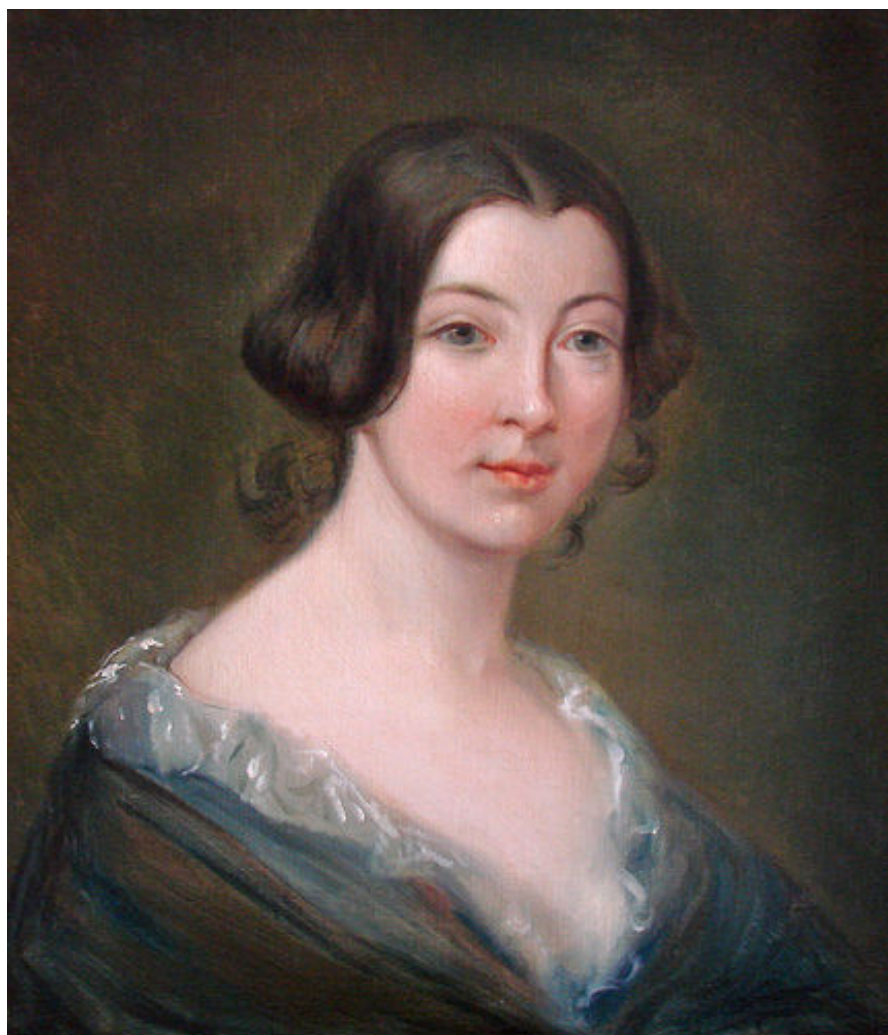


Figura 9 - Clotilde de Vaux.¹⁰⁷

Joana acreditava no progresso da humanidade e via no egoísmo masculino as raízes da discriminação feminina. Entendia como sagrada a missão maternal e de esposa, que exigiria "adesão, abnegação,

¹⁰⁶ CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas**: o imaginário da República no Brasil. 20ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p.130.

¹⁰⁷ PASTOR HAFNER. **Clotilde de Vaux, a virgem-mãe intercessora de Comte**. 18/05/2011. Disponível em: <<http://pastorhafner.blogspot.com.br/2011/05/clotilde-de-vaux-virgem-mae.html>>. Acesso em: 28/02/2012.

profunda prudência, doçura e paciência". Defendia a emancipação feminina para melhorar a atuação da mulher como mãe e esposa.

2.4 TRABALHO: POTENCIALIDADE FEMININA

De resto, os positivistas defendiam a elevação cultural da mulher como forma de se garantir a inteireza moral dos filhos, sem, contudo, admitir a participação da mulher no mundo público, a mulher deveria permanecer, assim, educada minimamente, mas circunscrita ao lar.¹⁰⁸

Na Era Vitoriana (1837-1901) havia a separação entre o público e o privado, cabendo ao homem a esfera pública do trabalho, restando à mulher a esfera privada, do lar. Nesse sentido, tanto os positivistas como as jornalistas do periódico *O Jornal das Senhoras* entendiam que o reinado feminino era no lar.

Joana Paula Manso de Noronha, embora fosse uma mulher independente economicamente, separada do marido, defendia no jornal a emancipação feminina por intermédio da educação, mas entendia que essa educação deveria preparar a mulher para o casamento e a maternidade, e não para competir com o homem no mercado de trabalho.

¹⁰⁸ MARQUES, Tereza Cristina de N. Elas também desejam participar da Vida Pública: várias formas de participação política feminina entre 1850 e 1932. In: PISCITELLI, Adriana (Org.). **Olhares Feministas**. Brasília: MEC/ UNESCO, 2009. p.443.

Não entendo por emancipação moral da mulher, a suspensão da obra das gerações; querer isto seria querer entronizar os vícios mais degradantes da humanidade.

Não entendo por emancipação moral da mulher subtraí-la a sua missão marcada pelo Criador – mãe e esposa.

Nem quero tampouco que a mulher seja soldado, nem empregado público, nem oficial de marinha, nem ministro de Estado, nem doutor graduado em leis. Conquanto deva ela conhecer as de seu próprio país, porque tem de educar seus filhos no espírito da lei.

Nem quero se gradue em Medicina; conquanto deva ela conhecer medicina doméstica, porque a mãe de família faz a irmã de caridade junto de seu esposo, de seus filhos, de seus domésticos, quando estão doentes. [...]

Não entendo por emancipação moral da mulher, que abandone o lar doméstico e marche à campanha, enquanto o marido em casa trata da cozinha. [...]

Emancipação moral da mulher no meu limitado entender é: Sua ilustração. Não entendo por ilustração habilidades fúteis. A ilustração da mulher deve entender-se em primeiro lugar: uma religião. [...]

O verdadeiro conhecimento dos deveres que cada criatura tem para consigo mesmo, e as subdivisões desses deveres da mulher: como filha, como esposa, como mãe, como ser formado para obra imensa do progresso social.¹⁰⁹

Como se vê, o conceito de emancipação moral da mulher não tinha o sentido de autonomia financeira, como em outros momentos (década de 70 do século XX no Brasil). A emancipação feminina pregada na época destacava que as mulheres eram diferentes dos homens, e que elas deviam complementá-los na sua missão de

¹⁰⁹ O JORNAL DAS SENHORAS. Rio de Janeiro - RJ, 25/01/1852. Apud: BICALHO, Maria Fernanda B. **O Bello Sexo** – Imprensa e identidade feminina no Rio de Janeiro em fins do século XIX e início do século XX. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988. p.98.

promover a evolução e o progresso da humanidade, sendo que para tanto teriam de se instruir.

Percebe-se entre as muitas inquietações presentes no discurso da jornalista que, para Joana Paula Manso de Noronha, a mulher devia ilustrar-se para ser uma boa mãe, dona de casa e esposa. Joana se inseria no grupo de positivistas que acreditavam na importância da educação feminina para garantir o progresso social, erradicando o analfabetismo da nação.

Analisando-se o texto, fica claro que a autora era partidária das Propostas Positivistas, nas quais a mulher era vista como expoente de solidariedade e altruísmo, mas sem desafiar materialmente o homem, que seria o princípio ativo e material da sociedade, segundo os positivistas comtianos.

Mas foi sobretudo a partir do encontro com Clotilde que Comte desenvolveu os elementos utópicos e religiosos de seu pensamento. O sentimento foi colocado em primeiro plano, deslocando a razão, base de sua obra anterior, para uma posição subordinada. Em vez de uma simples filosofia ou uma filosofia da história, o positivismo comtiano evoluiu na direção de uma religião da humanidade, com sua teologia, seus rituais, sua hagiografia. Pretendendo ser uma concepção laica, fundia o religioso com o cívico, ou melhor o cívico se tornava religioso. Os santos da nova religião eram os grandes homens da humanidade, os rituais eram as festas cívicas, a teologia era sua filosofia e sua política, os novos sacerdotes eram os positivistas. Na base da nova humanidade, Comte colocou o sentimento do altruísmo, substituto da caridade católica. Ainda na esteira do comunitarismo católico, salientou as instituições de solidariedade, hierarquizando-as. Na

base, ficava a família, seguida da pátria e, como culminação do processo, a humanidade.¹¹⁰

Comte valorizou a mulher enquanto companheira do homem no processo de evolução da humanidade. O filósofo francês entendia que a mulher era por sua natureza altruísta e solidária. Essas qualidades femininas foram ressaltadas pela segunda redatora d'O *Jornal das Senhoras*.

Violante Atabalipa Ximenes Bivar e Velasco era a mais religiosa das três editoras-chefes, defendendo a maternidade e a educação feminina mediante a religião Católica Apostólica Romana. Ela era viúva e já havia trabalhado na tradução de diversas Óperas – falava com fluência o francês, o inglês e o italiano. Foi a primeira jornalista brasileira.

Durante os seis meses em que esteve à frente da redação do jornal, destacou-se um texto escrito sob o pseudônimo de Viscondessa, no qual defendia as irmãs de caridade francesas no seu trabalho de enfermagem, apoiando inclusive a vinda dessas religiosas ao Brasil.

E se esta utilidade se conhece em todos os países, que têm reclamado a vinda desses anjos de consolação, muito mais se fará ela sentir no Brasil, onde ainda os hospitais, em algum atraso, apenas ministram aos seus doentes, grosseiras mãos de homens para curar suas chagas [...]
E uma verdade reconhecida, para evitar tantos males, é que no seio do Brasil devem existir as irmãs de caridade. [...]

¹¹⁰ CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas**: o imaginário da República no Brasil. 20ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p.130.

Que venham essas donzelas francesas adotar brasileiros por filhos, e mostrar-lhes mais de perto de quanto é capaz uma alma onde impera a caridade cristã, essa caridade que faz de moças belas, formosas e delicadas - virgens mães de filhos enjeitados.

Viscondessa de...

"As irmãs de caridade"¹¹¹

Percebe-se pelo texto que foram reforçadas as representações sociais de homens e mulheres. Era reclamada a supremacia feminina na profissão de enfermagem, pois a mulher, por sua "natureza", estaria mais apta a cuidar dos doentes que os homens. Reforçavam-se preconceitos em matéria de trabalho: seria mais adequado a mulher se dedicar a atividades como lecionar, já que poderia ser considerada uma segunda mãe para as crianças, e cuidar de enfermos, dedicando-se à enfermagem, uma vez que seria mais delicada no trato com os doentes.

Havia vozes dissidentes, como a da senhora que usava o pseudônimo "Baronesa", no tempo de Gervásia Neves como redatora-chefe. Para ela, era preciso que as meninas frequentassem também aulas de ciências e contabilidade, não apenas aprendessem trabalhos de agulha. Poderiam ainda aprender algumas frases em francês e a tocar piano. Devia-se dar uma educação mais completa e científica. Dizia ela: "Eis como no Brasil se educa geralmente a mulher de dever um dia depender o futuro de uma família inteira. Tudo superficialidade, nada de ciência."¹¹²

¹¹¹ O JORNAL DAS SENHORAS. Rio de Janeiro - RJ, 14/11/1852. Apud: BERNADES, Maria Thereza Caiuby Crescenti. **Mulheres de ontem?** Rio de Janeiro - século XIX. São Paulo: T. A. Queiroz, 1988. p.142.

¹¹² O JORNAL DAS SENHORAS. Rio de Janeiro - RJ, 28/01/1855. Texto assinado por Baronesa (pseudônimo).

Na prática, as redatoras d'*O Jornal das Senhoras* eram mulheres independentes economicamente. No caso de Joana Paula Manso de Noronha, após se separar do marido, em 1853, deixou a redação d'*O Jornal das Senhoras*, retornando a Buenos Aires, onde atuou como jornalista e professora da primeira escola mista da capital argentina.

Já Violante continuava a traduzir peças teatrais e, após ter ficado viúva, além de assumir a redação d'*O Jornal das Senhoras*, dirigiu também o jornal *O Domingo*, em 1873. Enquanto que Gervásia Neves ficou praticamente dois anos na redação d'*O Jornal das Senhoras*, apoiada pelo marido, Antonio José das Neves, em seus investimentos no periódico.

Ou seja, as redatoras eram mulheres educadas, de fino trato e independentes economicamente, durante o século XIX, época em que a mulher era valorizada no espaço privado, como rainha do lar, ao passo que ao homem correspondia o espaço público.

Nesse sentido, no próximo capítulo serão discutidas as influências positivistas e católicas sobre a visão acerca da maternidade tanto por parte de Joana Paula Manso de Noronha como de Violante A. Bivar e Velasco n'*O Jornal das Senhoras* (ano de 1852), salientando a importância da instrução materna.

CAPÍTULO III - MULHERES E MATERNIDADE:

SENTIDO E INSTRUÇÃO

Uma mãe instruída, disciplinada, bem conhecedora dos seus deveres, marcará, fundo, indiscutivelmente, no espírito de seu filho, o sentimento da ordem, do estudo e do trabalho, de que tanto carecemos. Parece-me que são esses os elementos do progresso e da paz para as nações.¹¹³

Neste capítulo o intuito é discutir os sentidos da maternidade e sua ligação com a instrução feminina, tendo em vista o progresso social segundo a evolução positivista e o cristianismo.

3.1 EM DEFESA DA INSTRUÇÃO MATERNA

Um elo mantém as mulheres e os homens pobres atados a um destino comum, o mesmo círculo de ferro os aprisiona à esfera da vida privada, ocupados com tarefas necessárias à reprodução da espécie. Seres dominados pelos atributos restritivos do campo da necessidade, neles prevalecem os instintos, a irracionalidade, os sentimentos. Seres incapazes de se sobreporem aos imperativos da natureza, a eles fica vedado o acesso ao domínio da palavra, da razão e da ação política, em uma palavra, ao campo das convenções que racionalizam a convivência entre os homens, tornando possível a própria sociedade civilizada. Sem dúvida estamos frente a um raciocínio fechado, não fosse ele estar imerso numa estrutura de pensamento que retira sua legitimidade do ideal iluminista que abre uma brecha, pois prevê o progresso do espírito [grifos meus] como condição de aperfeiçoamento da sociedade. [...]

¹¹³ A MENSAGEIRA. Edição fac-similar. 2 vols. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1897. p.3 – Texto escrito por Júlia Lopes Almeida. Apud: BRESCIANI, Maria Stella. **O anjo da casa**. n.29. Campinas - SP: IFCH/UNICAMP, 1991. p.40.

É essa brecha que me parece importante explorar na busca dos argumentos formadores do campo de noções do pensamento burguês triunfante e de sua concepção altamente restritiva de direitos políticos.¹¹⁴

Essa brecha era explorada por Joana Paula Manso de Noronha. Ela incorporava o discurso progressista do século XIX, defendendo a emancipação moral da mulher mediante a sua ilustração, não para competir no mercado de trabalho com o homem, mas para ser uma mãe melhor. Para a jornalista, a maternidade era como uma "missão sagrada", sendo essa uma grande inquietação das mulheres de elite no século XIX.

Dessa maneira a maternidade deve ser pensada como um conjunto de articulações que vão definir-lhe o contorno, cujo traçado dependerá sempre do número de conexões que se poderá estabelecer ante as imposições que a resolução do problema apresenta.¹¹⁵

Pensava-se a maternidade vinculada à emancipação feminina. Segundo a jornalista, a mãe educadora devia ser ilustrada; se ela fosse ignorante seria por conta do egoísmo masculino. Egoísmo esse que deveria ser banido desde a tenra infância masculina por meio da educação materna, já que a mãe é que prepararia o homem para a vida.

Nesse sentido, embora a dominação masculina fosse hegemônica, ela era alvo de críticas e questionamentos. Abriam-se assim brechas para sua contestação, denotando um potencial de

¹¹⁴ BRESCIANI, Maria Stella. **O anjo da casa**. n.29. Campinas - SP: IFCH/UNICAMP, 1991. p.13.

¹¹⁵ MORAES, Mirtes de. **Tramas de um destino** – Maternidade e Aleitamento. São Paulo (1899-1930). Tese (Doutorado em História Social), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005. p.22.

liberdade por parte das mulheres de elite no século XIX, efetivado em certa medida por intermédio da imprensa.

Joana Paula Manso de Noronha entendia a emancipação moral da mulher como o direito feminino à instrução. Esse direito vinha sendo negado devido à tirania masculina, baseada no egoísmo do homem, que via a mulher como propriedade – egoísmo esse que deveria ser erradicado desde a infância pela educação materna.

Mas deixemos essas digressões; o que vem a ser essa tal emancipação moral da mulher?

Eu vo-lo digo.

É o conhecimento verdadeiro da missão da mulher na sociedade; é o justo gozo dos seus direitos, que o *brutal egoísmo* do homem lhe rouba, e dos quais a deserdar, porque tem em si a força material, e porque ainda se não convenceu que um anjo lhe será mais útil que uma boneca.

E um perigoso e terrível inimigo para a realização do nosso desejo, o *egoísmo* do homem!...

De que serve ilustrar o espírito da mulher, e desamparai-o sob as bases do progresso!

De que serve dizer isto tudo?

Convencidas estão elas que têm essa alma que Deus lhes doou, e que o homem lhes nega; convencidas estão que o emprego útil de suas faculdades morais completa a obra do Criador. Sim, a mulher conhece a injustiça com que é tratada e reconhece perfeitamente a tirania do homem; não são elas a quem temos de convencer de sua emancipação moral.

Mas enquanto a educação do homem se não reformar, enquanto ele considerar a mulher como sua propriedade, nada teremos feito.

Todas as mães devem mui seriamente desarraigar esse preconceito funesto do espírito de seus filhos; essa idéia de uma superioridade injusta deve desaparecer no homem, desde menino, porque é fatal a ele mesmo.¹¹⁶

¹¹⁶ O JORNAL DAS SENHORAS. Rio de Janeiro - RJ, 11/01/1852. p.12-3. Texto assinado por Joana Paula Manso de Noronha.

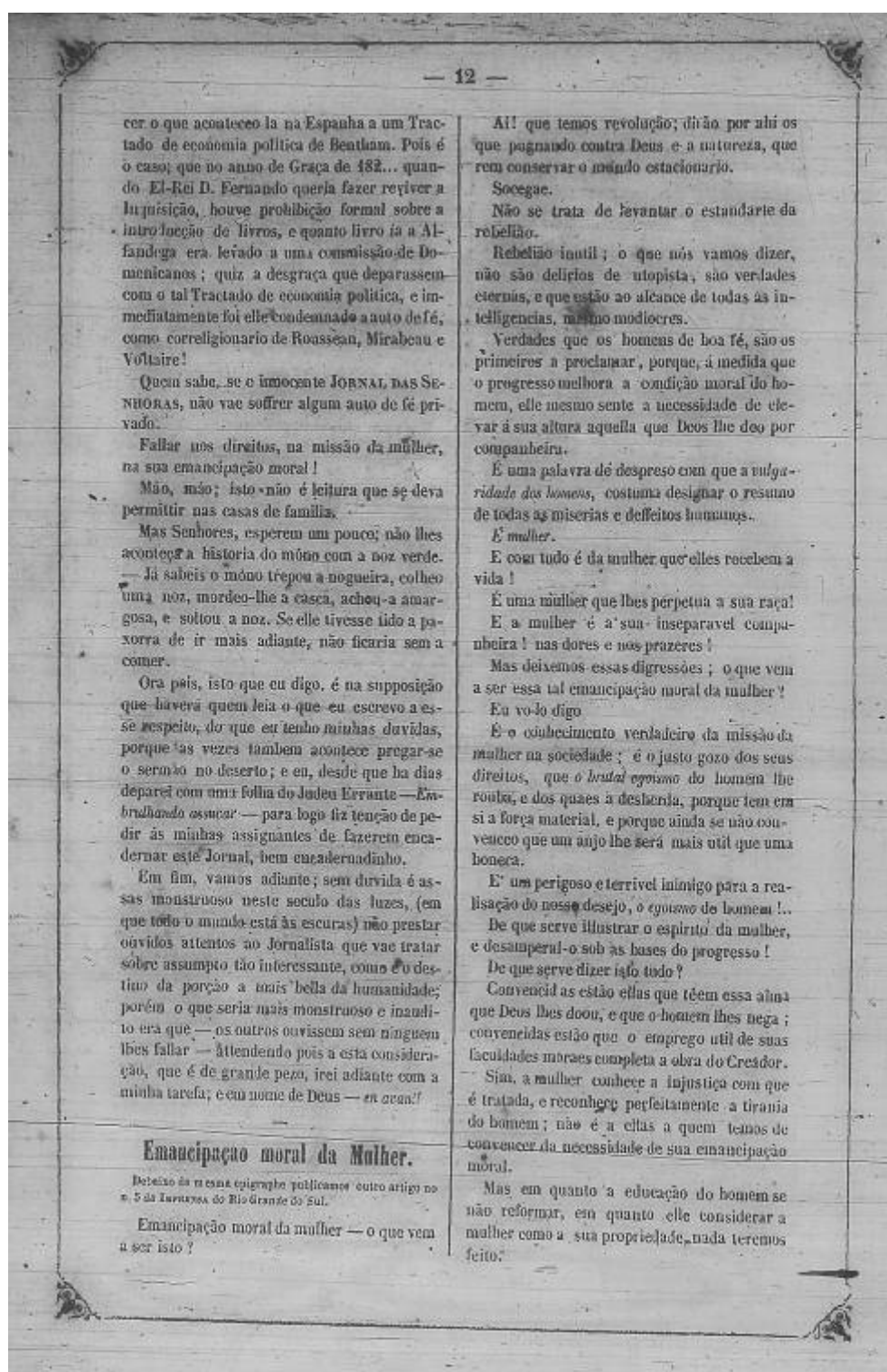


Figura 10 - O Jornal das Senhoras, 01/11/1852.

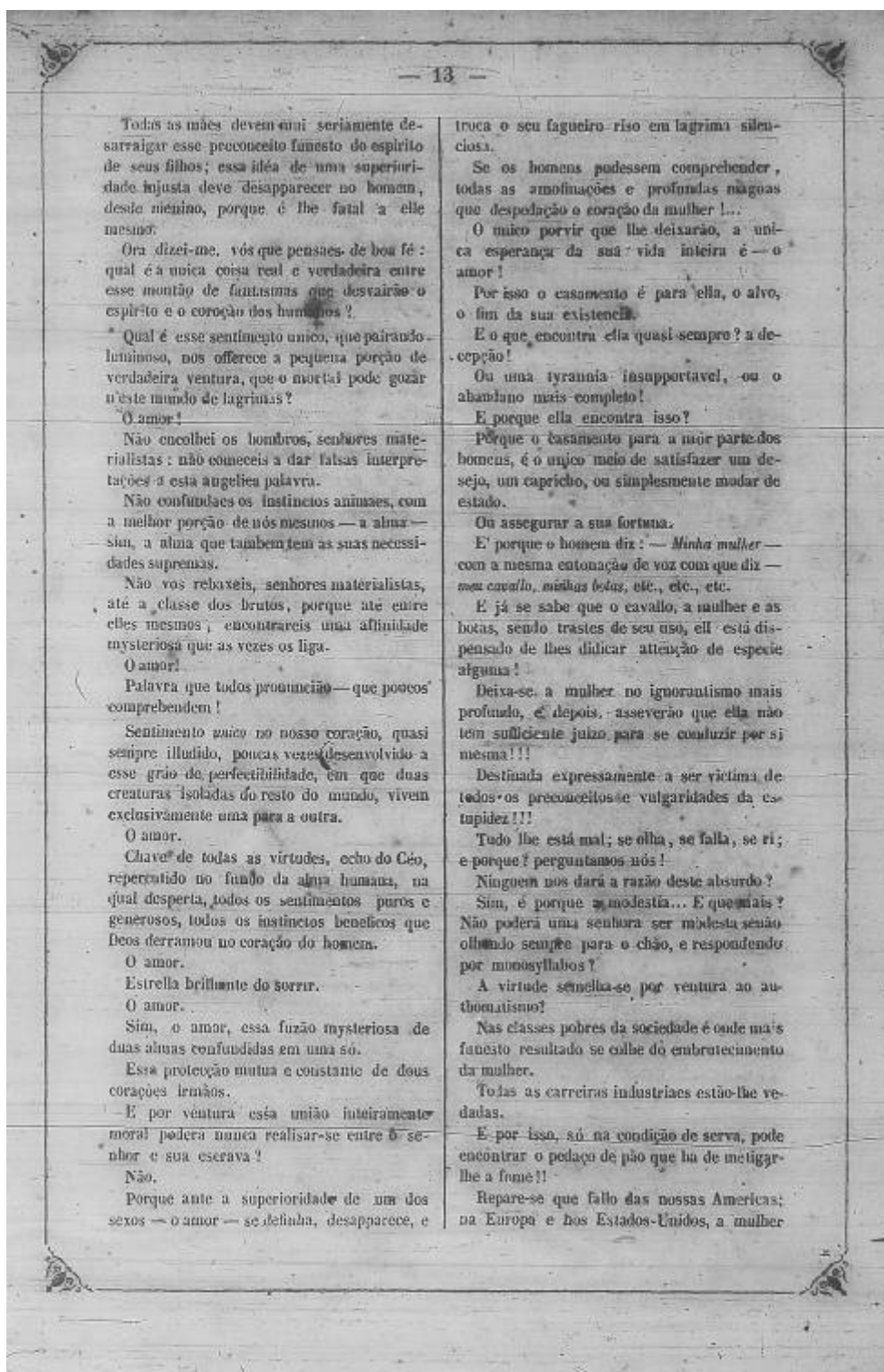


Figura 11 - O Jornal das Senhoras, 11/01/1852.

As mães eram promovidas à condição de regeneradoras da sociedade, responsáveis pela formação social dos filhos, criando as condições para o progresso e a evolução da humanidade.



Figura 12 - "A Pátria", de Pedro Bruno.¹¹⁷

A utopia cristã católica inspirou o positivismo e a Religião da Humanidade de Comte.

Mesmo antes do episódio do encontro com Clotilde de Vaux, em 1844, responsável por sua regeneração moral, o pensamento de Comte já exibía elementos que não provinham simplesmente de fontes científicas, ou positivistas, no sentido estrito do termo. A influência de Saint-Simon dos elementos utópicos de seu pensamento não deveria ser alheia a esta

¹¹⁷ Nos meados do século XIX, já estavam presentes as ideias positivistas que vingaram no período republicano no final do século XIX. CAFÉ HISTÓRIA. **A Pátria** - Pedro Bruno - 1905 - Museu Histórico-RJ. 03/09/2009. Disponível em: <http://cafehistoria.ning.com/photo/a-patria-pedro-bruno?xg_source=activity>. Acesso em: 28/02/2012.

tendência que se manifestava, sobretudo nas visões grandiosas de Comte sobre a evolução da humanidade e, talvez já na ambição de substituir a utopia católica da Idade Média pela utopia leiga da Idade Positiva.¹¹⁸

Assim, analisando seus textos, percebe-se que Joana Paula Manso de Noronha foi influenciada pelo cristianismo e pelo positivismo, advogando a causa da instrução feminina como base para o progresso social. A jornalista criticava o egoísmo masculino, já que para Comte, enquanto a mulher representava o lado afetivo e altruísta da sociedade, o homem representava o lado ativo e egoísta, que deveria ser persuadido pela mãe de família, responsável pela formação moral das crianças. Caberia à mãe de família ser dedicada, zelosa, solidária e altruísta no cuidado com o esposo e os filhos.

Joana Paula Manso de Noronha definia seu conceito de emancipação moral da mulher vinculando-o à necessidade da instrução feminina. Dessa forma, a redatora estava libertando o desejo e questionando o poder mediante o discurso jornalístico, pois a dominação masculina sobre a mulher não podia ser mascarada – "o brutal egoísmo masculino que prefere ter uma boneca ao invés do anjo" iluminado.

Partindo-se do princípio de que a mulher instruída era um importante pedestal para a família e toda a sociedade, e a mulher ignorante, por sua vez, estava submissa à tirania masculina, defendia-se a necessidade de minar, por intermédio da educação materna, o mito da superioridade masculina, considerado pela jornalista como injusto. Com

¹¹⁸ CARVALHO, José Murilo de. **A Formação das Almas**: o imaginário da República no Brasil. 20ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p.129-30.

essas constatações, ela liberava poder, esclarecendo para o público de leitoras seu ponto de vista sobre a condição feminina.

Como se pode perceber, a jornalista reivindicava a igualdade de direitos entre homens e mulheres em relação à instrução, em meados do século XIX, entendendo que a educação feminina seria a base do progresso social, inspirada nas teorias positivistas. Nesse sentido:

Também estarão presentes outros mitos, como o mito da mãe – figura altruísta, educadora, base da grande nação – reforçado pelos positivistas e presente em inúmeros momentos do mesmo período e o mito da nação.¹¹⁹

Investida pelo positivismo na missão da regeneração da humanidade, a mulher é, pois, elevada à condição de inspiradora e musa das virtudes que conduzirão os homens ao verdadeiro sentimento de solidariedade social. Sob o influxo dos sentimentos amorosos de Augusto Comte por Clotilde De Vaux, o positivismo atinge sua fase mística quando evolui para uma orientação de um culto em torno da imagem feminina [...].¹²⁰

Tendo em vista o papel regenerador da mulher na sociedade, Joana Paula Manso de Noronha destacava, no primeiro número do jornal, que as nações desenvolvidas marchavam para o progresso, demonstrando que a igualdade era fator de desenvolvimento social, já que nas nações mais adiantadas, como Estados Unidos e países europeus, a mulher exercia várias profissões.

¹¹⁹ ROCHA, Elaine Pereira. **Entre a Pena e a Espada** - A trajetória de Leolinda Daltro: 1859-1935 - Patriotismo, Indigenismo e Feminismo. Tese (Doutorado em História Social), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. p.15.

¹²⁰ TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. **Clotildes ou Marias: mulheres de Curitiba na Primeira República**. Coleção Farol do Saber. Curitiba: Fundação Cultural da Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996. p.115.

O papel da mulher para a boa formação da família e a importância do preparo profissional para assegurar sua sobrevivência constituem o cerne do argumento no qual, o desenvolvimento do país se torna impossível sem a colaboração da mulher emancipada. Nem sempre fica muito explícito o conteúdo da palavra emancipada. Às vezes, o contorno doméstico sobressai na figura da companheira à altura do marido, da administradora da casa e da responsável pelo lar estruturado como abrigo afetivo e tranquilo. A nítida divisão entre a vida profissional, sujeita à exibição pública da capacidade e a concorrência, onde só conta o desempenho e os objetivos alcançados, e a vida privada como seu avesso, o lugar onde o homem pode dar vazão aos seus afetos e demonstrar suas fraquezas e insegurança, é a todo momento lembrada.¹²¹

A redatora viveu no século XIX, na Era Vitoriana (1837 a 1901), quando havia a separação do espaço público, associado ao trabalho masculino, em oposição ao espaço privado do lar. Espalhou-se o mito do lar doce lar (home sweet home). Nesse sentido, a cultura elitista europeia definiu vários binarismos – homem/mulher, pai/mãe, superior/inferior, civilizado/selvagem –, debatendo a natureza feminina em oposição à cultura masculina.

A falsa universalidade dos limites entre o público e o privado fica mais se lembrarmos que estes foram mais definidos e precisos a partir da era vitoriana e construídos conjuntamente com a definição das esferas sexuais e da delimitação de espaços para os sexos. O século XIX representa o lar e a família em termos naturais e a esfera pública, ao contrário, como instância histórica. A moderna separação entre público e privado é algo histórico e, portanto, não inevitável ou natural, tendo brotado de uma forma de

¹²¹ BRESCIANI, Maria Stella. **O anjo da casa**. n.29. Campinas - SP: IFCH/UNICAMP, 1991. p.4.

organização social que, reafirmando o privado como espaço da mulher e a representando como vítima de sua própria natureza, destaca a maternidade como necessidade e o espaço privado como lócus da realização das potencialidades femininas.¹²²

Entretanto, as mulheres questionaram o *status quo*, na medida em que as jornalistas do periódico defendiam a instrução feminina e a necessidade de eliminar os preconceitos contra a mulher instruída, missão que caberia às mães, no ato de educar os meninos e meninas, retirando o sentimento de falsa superioridade masculina.

Assim a distinção entre o doméstico e o público é anterior à segmentação privado/público e baseia-se na separação entre a vida privada da família e do trabalho, do pessoal e do político relaciona-se diretamente com a política de construção das elites, em que a pureza sexual das mulheres tem implicações na posição e no poder dos homens.¹²³

Joana Paula Manso de Noronha defendia a emancipação da mulher por meio da educação, entendendo que ela seria o vetor civilizatório e progressista, enquanto mãe e esposa. Havia a necessidade da instrução materna para preparar as moças de família para serem melhores mães e esposas.

Em nenhum momento, se desfaz a imagem da mulher-esposa – preocupada com sua casa e a educação dos filhos, porém essas tarefas são

¹²² MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e Cultura: História, Cidade e Trabalho**. Bauru - SP: EDUSC, 2002. p.38.

¹²³ Ibidem. p.39.

recobertas com os atributos da dignidade, algo que se situa entre a missão feminina e a competência [grifos meus] para lidar com os problemas da vida moderna. A imagem do lar é reelaborada de forma a se relegar para um tempo passado aquela outra imagem forte e persistente, de mero lugar destinado a reprodução da espécie, cuja única relação com o espaço público se fazia através do homem. A mulher transpõe o limiar do campo da sociabilidade ultrapassando definitivamente os espaços das cozinhas e das salas nas casas senhoriais: ganha as ruas, os templos de consumo, as escolas [...], o campo de realização profissional e [...] as fábricas, lojas, escritórios e ateliers de costura.¹²⁴

A mulher passou a ser considerada a "rainha do lar", ganhando visibilidade no espaço público. Essa nova mulher passeava pelas ruas da cidade com elegância e desenvoltura. A família deixava de ser uma unidade de produção, como no tempo das famílias patriarcais, e passava a ser unidade de consumo, ou seja, surgia a necessidade de adquirir bens de consumo como tecidos, joias, livros etc. A Rua do Ouvidor e o Passeio Público tornavam-se espaços de circularização das famílias de elite.

A imagem feminina do positivismo tem um acento forte na condição materna que se torna a representação ideal da Humanidade [...]. Concretizada em pinturas, estátuas e monumentos pela figura da mãe com o filho nos braços, essa interpretação atinge sua forma mais perfeita no mito da Virgem-Mãe, por sugerir uma humanidade capaz de reproduzir-se sem a interferência masculina. Incluída na concepção comtiana de uma sociedade sem Deus, a imagem materna tem os traços

¹²⁴ BRESCIANI, Maria Stella. **O anjo da casa**. n.29. Campinas - SP: IFCH/UNICAMP, 1991. p.47.

fisionômicos de Clotilde de Vaux e opõe-se à representação católica da Virgem Maria [...].¹²⁵

As mulheres de elite adquiriram uma maior visibilidade social, já que passaram a frequentar os bailes da Corte, a tocar piano e a falar francês, embora sua missão maior fosse a maternidade, vista por Joana Paula Manso de Noronha como sagrada, exigindo paciência e sabedoria.

A educação moral do filho é a mais nobre tarefa que ela pode sonhar exercer. Fénelon, Rousseau ou Napoleão já o haviam dito, mas talvez não tivessem tido suficiente persuasão. Nos séculos XIX e XX, não se economizam adjetivos e superlativos. A educação moral é a tarefa mais elevada da mãe, sua missão providencial, sua obra prima absoluta. Faz dela a criadora por excelência ao lado de quem o artista mais consumado não passa de um aprendiz. [grifos meus] Melhor ainda, governando a criança, a mãe governa o mundo. Sua influência estende-se da família à sociedade, e todos repetem que os homens são o que as mulheres fazem deles.¹²⁶

A imagem social dos homens estava vinculada às mulheres que os cercavam, desde as empregadas domésticas, passando pelas agregadas, chegando finalmente às donas de casa, já que a esposa era

¹²⁵ TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. **Clotildes ou Marias**: mulheres de Curitiba na Primeira República. Coleção Farol do Saber. Curitiba: Fundação Cultural da Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996. p.116-7.

¹²⁶ BADINTER, Elisabeth. **Um Amor conquistado**: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. Apud: BICALHO, Maria Fernanda B. **O Bello Sexo** - Imprensa e Identidade Feminina no Rio de Janeiro em fins do século XIX e início do século XX. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988. p.129.

promovida ao status de "rainha do lar", deixando de ser somente serva da família.

E na família não é ela quem imprime na inteligência de seus filhos a primeira impulsão? E para dirigi-los nos anos da infância, não convém que seja instruída, que sua inteligência tenha sido formada por uma educação extensa, e que sua moralidade tenha sido fortalecida pelas luzes da razão e da fé, não dessa fé supersticiosa e ignorante, mas dessa piedade esclarecida e sincera, que nasce de uma instrução sólida e que fortifica a virtude?¹²⁷

Joana Paula Manso de Noronha advogava a causa da mãe instruída como fator de progresso social, baseando-se nas teorias positivistas em voga no século XIX.

Adepta de tais ideólogos, inclusive citando-os literalmente, a imprensa feminina do Rio de Janeiro afirma que a mulher só se tornará apta a desempenhar seu importante papel social – o papel de mãe – se for convenientemente instruída. A instrução da mulher ao possibilitar que ela exerça uma influência benéfica no interior da família – educando por sua vez seus filhos – é vista por esses jornais como fator de moralização da sociedade.¹²⁸

A instrução materna era colocada pela jornalista como tão necessária quanto o aleitamento materno para as crianças. No seu

¹²⁷ O JORNAL DAS SENHORAS. Rio de Janeiro - RJ, 08/02/1852. p.47. Texto assinado por Joana P. Manso de Noronha.

¹²⁸ BICALHO, Maria Fernanda B. **O Bello Sexo** - Imprensa e Identidade Feminina no Rio de Janeiro em fins do século XIX e início do século XX. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988. p.129-130.

entender, as mães deveriam ser pacientes, dedicadas, abnegadas e instruídas para realizar uma missão sagrada, de acordo com os preceitos positivistas.

Porventura para criar seu filho, forma-lhe a alma dia por dia, derrama-lhe não o leite do corpo, pois esse não é nada, mas o leite do espírito, será preciso à mulher menos inteligência do que o marido [...]?

Cremos que ninguém se atreverá a dizer que sim.¹²⁹

No viés da sacralização da maternidade encontra-se o discurso de Dona Violante A. Ximenes Bivar e Velasco. A primeira jornalista brasileira sacralizava a maternidade segundo a visão cristã católica.

[...] nesse sentido faz parte do núcleo de inquietações deste trabalho a idéia de perceber como estão conectados esses jogos de poder e como eles esquadrinham um modelo de mulher, enquanto mãe. Trata-se, de perceber os efeitos desses jogos de poder na constituição de um sujeito social.¹³⁰

3.2 SACRALIZAÇÃO DA MATERNIDADE

A maternidade torna-se um papel gratificante, pois está agora impregnado do ideal. O modo como se fala dessa "nobre função", com um vocabulário tomado à religião (evoca-se frequentemente a "vocação" ou "sacrifício materno") indica que um

¹²⁹ O JORNAL DAS SENHORAS. Rio de Janeiro - RJ, 08/02/1852. p.47. Texto assinado por Joana P. Manso de Noronha.

¹³⁰ MORAES, Mirtes de. **Tramas de um destino** – Maternidade e Aleitamento. São Paulo (1899-1930). Tese (Doutorado em História Social), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005. p.19.

novo aspecto místico é associado ao papel materno. A mãe é agora usualmente comparada a uma santa e se criará o hábito de pensar que toda boa mãe é uma "santa mulher". A padroeira natural dessa nova mãe é a Virgem Maria, cuja vida inteira testemunha seu devotamento ao filho. Teria sido por acaso que o século XIX a glorificou, criando a festa da Assunção?¹³¹

Violante Atabalipa Ximenes Bivar e Velasco foi a primeira jornalista brasileira, era baiana e foi educada por uma preceptora estrangeira. A jornalista falava francês, italiano e inglês, publicou traduções nesses idiomas e, além disso, foi redatora-chefe d'*O Jornal das Senhoras*. Nas suas primeiras semanas à frente do periódico, ela destacava a importância da emancipação feminina aliada à religiosidade cristã católica.

Nós que temos hasteado a bandeira – Religião e emancipação moral da mulher – e convencidas estamos que só essa é a base sobre a qual o edifício social se poderá erguer e sustentar-se inabalável, de cujo poder nascerão bons filhos, bons cidadãos, bons pais e bons maridos, exultemos de prazer vendo para esse fim começados os primeiros passos da Igreja, que os acompanharemos com as nossas débeis forças.

Unamo-nos a ela, queridas leitoras; com os nossos ardentes votos de mãe, de amiga, de esposa, incessantes cooperemos da nossa parte para o seu verdadeiro culto.

Encaminhando nossos filhos ao respeito a Deus, nós levaremos ao caminho donde suavemente partirão eles para uma nova era que lhes dará – forças e união.

E a mulher, sua mãe será então abençoada.¹³²

¹³¹ BADINTER, Elisabeth. **Um Amor conquistado**: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p.223.

¹³² O JORNAL DAS SENHORAS. Rio de Janeiro - RJ, 18/07/1852. Texto assinado por Violante A. X. de Bivar e Velasco.



Figura 13 - O Jornal das Senhoras, 18/07/1852.

Pensava-se que a religião cristã, no caso o catolicismo, era a base para a boa mãe de família. A figura da Virgem Maria, a pureza, o recato e o pudor eram o cerne do exemplo do mito mariano¹³³ em oposição a Eva, que introduziu o pecado original.

Manter-se casta, o que equivaleria a manter-se virgem, até o casamento e intocada por outro homem que não fosse o esposo. Os textos que assumiram esta interferência sobre o corpo feminino e enfatizaram a questão da maternidade se remeteram a este como tendo a finalidade maior de mantê-lo saudável para procriação. Beber, fumar ou qualquer outra atividade que pudesse comprometer a função reprodutora seria reprovada.

A castidade era uma virtude especialmente feminina pela moral cristã. Homens e mulheres deviam ter o mesmo comportamento, mas as conveniências sociais davam ao homem infiel maior indulgência. A castidade para a mulher era importantíssima para a formação da sua personalidade; por este motivo, ela deveria lutar pela permanência desta virtude no mundo [...].¹³⁴

A imagem da Virgem Maria dedicada e abnegada se faz presente no discurso da segunda redatora-chefe d'O *Jornal das Senhoras*. Violante publicava no jornal uma coluna intitulada "A mulher perante Deus e o mundo", na qual as mulheres do mundo bíblico eram destacadas como referências de boas mães, começando com Sara, mulher de Abraão e mãe de Isaque, chegando finalmente no maior exemplo de santidade e devotamento, a Virgem Maria. A maternidade era vista como uma sagrada missão feminina.

¹³³ Maria, mãe de Jesus, é citada nos quatro evangelhos como mulher virtuosa, mãe dedicada e amorosa. No século XIX, com a valorização da maternidade, a Igreja Católica criou o dogma da Imaculada Conceição, em 1854, e posteriormente da sua Assunção, em 1950.

¹³⁴ GOUDINHO, Liliane do Socorro Cavalcante. **Mulheres em ação (católica)**: Belém (1939-1947). Dissertação (Mestrado em História Social), Pontifícia Universidade católica de São Paulo, São Paulo, 2005. p.64-5.

podemos escrever da mesma maneira, sobre o mesmo assumpto, com a mesma arte e delicadeza, mentalmente havendo a pequena differença de escrevermos mais tarde, quando por cá nos chegarão as modas, e de modar-mos os nomes às modistas e aos armazéns de primeira ordem; e nada mais. Isto feito, temos panos para mangas; cada estampa fornecerá um artigo muito bonito.

Orn, por exemplo, a estampa que recebestes Domingo passado, se a Christina tivesse dois dedos de rhetorica para ajuntar aos dez dedos de boa vontade que Deus lhe deu, e que a respeito de costuras está no caso de poder, não ler, mas cozer de cadeira, era materia sufficiente para ella escrever um artigo lindissimo. Vamos lá. Principiaria descrevendo o pitoresco arrabalde sobre que está situado esse bello palacete que avistais ao longe, no fundo da estampa; entraria nelle; examinaria todos os móveis, todas as decorações, os estofos, os quadros, todas as disposições elegantes e caprichosas; e por fim daria um passeio até a esse lago tão romantico, tão a proposito ali disposto, e ficaria por muito tempo acolá parada... pensando... fruindo... vendo esses marrequinhos tenros e tão affeitos lançarem-se n'agua, acompanharem vivazes a sollicita mãe que os chama de biquinho aberto para espantarem-se todos na bacia commun... daria um suspiro destes que sahem do fundo do peito sem dor nem saudade, mas que docemente exprimem um gozo inexplicavel; e voltaria para relatar-vos tudo, e dizer-vos no meio da historia, que tambem lá encontrei duas elegantes.

E quem são ellas? Eis a pergunta que me farieis.

Uma era a feliz possuidora dessa bella Quinta, e a outra uma amiga que a visitava nessa occasião; ambas, levadas pelo passio e a viva conversação, foram ter ao mesmo lugar onde eu vi os marrequinhos.

Ah! essas são as duas figuras da estampa!

Sem tirar nem pôr: são ellas mesmas. A visita traja um *toilette* de passeio de campo. Vestido de *grenadine Bayadère*, ornado de tres largos folhos, em disposição, cada um dos quaes com tres listas assestadas, azul meia côr, que circundão a saia. Corpinho franzido e totalmente afogado. Collarinho de *galpane* de Veneza, de bicos, voltado sobre os hombros e delicadamente conchegado ao pescoço com uma gravatinha de larga fita azul. Chapéo de filó com quatro ordens de matames em blonde, sem mais enfeites que um crespo de setim azul em cada lado interior da aba, e preso por um laço de fita branca de setim, pontas volantes. Mantelete *jeane femme* de seda batida, azul meia côr, guardado completamente de um caprichoso crespo de fita e franja da mesma côr.

Estava ao lado direito da senhora da Quinta. Esta elegante revela uma distincção e novidade no seu *toilette*, que eu vos recomendo particularmente pelo magnifico effeito do seu simples ornamento. Repara! no seu vestido branco de corpo franzido, e de ~~casaco~~ mole com quatro folhos recortados e orlados a ponto de casear. Observai como deliciosamente vem descendo

dos hombros o cinto-manta de larga fita escoceza e fecha-se em acochado franzido para passar por baixo do estreito cinto de fita branca deixando depois desenvolverem-se as duas longas pontas em toda a sua largura. Vede o lindissimo e novo penteado como lhe vai bem. Este penteado forma-se de crespos rissados em cabellos curtos, repartidos em bico adiante, de maneira que os dos lados produzem as tufas, e os que vão da testa para cima ajudão a completar o resto dos crespos, os quaes devem guarnecer em duas ordens o cimo da cabeça, e descem em tufas de quatro para cada lado.

Concordareis conmigo que é um *toilette* novo, e um penteado de muito bom gosto, effectivamente proprio para substituir muitas vezes os bandós ondecados, que já vão passando da linha do moderno nos penteados descobertos.

As duas elegantes ainda ficarão ao pé do lago a conversar, e eu retirei-me para vir dizer-vos unsadens, até a proxima semana do mez de outubro, que será mais historiado.

23 de setembro.

Christina.



A MULHER

perante Deus e o mundo.

(Continuação.)

No berço da raça humana, na Palestina, mesmo das mais admiraveis antiguidades, quando o mundo a considerava mais incapaz de produzir, pela desmoralização a que tinham chegado os seus povos, preparava-se no recanto de uma simples casa a mysteriosa mudança do genero humano. A humidade devia apresentar-se como sempre, a vestimenta do pensamento divino; ella convém á resolução dos grandes phenomenos da humanidade, porque tambem a natureza é simples na explicação dos seus segredos, que parecem muita vez inextricaveis.

Naquelle época, como sempre desde o começo das cousas, quando as classes elevadas, encarrugadas de dar a educação ao povo, se desmoralizavam e esqueciam totalmente a sua predistinação superior de mestras dos ignorantes, um homem do povo, simples e virtuoso, entretinha-se em sonhos com a Divindade, e cheio de fé pora pensava nas horas do silencio no que ia pelo mundo. Elle era tão pequeno, tão pobre! Pedia apenas pensar nas desgraças que corrompião os homens, e fastidias; mas não se podia atrever a impôr-lhes uma barreira.

José, o simples, o bom carpinteiro, era na sua profissão um homem assás conhecido pela sinceridade das suas praticas religiosas; alguns dos seus o ouviam com dedicação e respeito, e os grandes da terra nem o conheciam. Elle vivia santamente na honestidade do seu trabalho; ia ao templo e cantava os psalms; mas nutria na

Figura 14 - O Jornal das Senhoras, 26/09/1852.

alma uma esperança, esperança inexplicável, que o fazia adormecer gostosamente: elle não a declarava, vivia mudamente com ella, como se fôr um sorriso interno, que devesse sempre occultar-se bem dentro do seu coração. Ha tanta vez esperanças para nós na mocidade, que por soberanamente doces, não as dizemos, de modo que os homens não as ridicularisem. Um dia elle suspirou, e na vibração desse som ella distinguio na vaga harmonia que produziu, um corpo de bellissima mulher. « Maria! » exclamárão seus labios religiosamente, e seus olhos se dirigirão com casta avidez para essa figura que abaxava o alvissimo rosto de lino ao passar por elle, e juntou por instincto as mãos ao Céu... e depois da sua oração e do seu sonho, Maria, a virgem inspirada, era sua mulher.

Da vida dos antigos, de toda essa historia que enche immensos volumes, nem um facto se mostra que seja superior aquelle; nas façanhas dos grandes Romanos e dos Gregos, nenhuma houve que accendesse mais o santo entusiasmo do que aquella inclinação tão simples e original: era uma virgem, um pensamento—mulher que magnetizara o espirito pudibundo de um homem nascido na mais modesta virtude.

José e Maria vivião nessa mysteriosa existencia, que não podia ser comprehendida pelos homens, mas que Deus fazia sentir claramente ao coração da mulher, predestinada ao progresso e melhoramento da humanidade. O Espirito Santo, isto é, a elevada sabedoria que inspira uma intelligencia que faz a sua primeira educação na religião, ou antes a pura intelligencia junta ao amor concedido pela razão e pelo coração innocente, predisse a mulher—esposa que teria de ser mãe. Oh! qual é a mãe, que não dará de antemão toda a pureza, toda a belleza espiritual ao filhinho que tem de nascer? qual a mulher que não ache na sua vida de esperanças maternas, uma grinalda de merecimentos para o infante que terá de ser homem?

Maria guardou o segredo do que o seu espirito sonhando lhe havia dito, e José recebia no beijo casto de sua esposa essa santissima candura que transluzia debaixo de seus vestidos simples, na sua physionomia expressiva e melancolica—risouba, ornada apenas de uma seriedade invejável.

A profecia dos tempos annunciava a chegada do Messias ha tanto esperado, a estrella do Oriente o prognosticava, os estados se revolvião espantados, e os povos obedecendo ao mandado de Deus comêrão admirar a florinha, que brotava linda e resplandecente da haste de David—linda e resplandecente como lagrima em prazer brotada dos olhos da mulher original, que de baixo de humilde tecto mostrava aos que se chegavam, trasbordando de alegria, a criancinha que acabava de dar aos homens, filho da união com o espirito reformador de Deus sobre a terra.

O menino brincava estendido e sorria-se; o filho volvia seus pequenos olhos brilhantes para a mãe; o Homem-Deus encarnava-se no corpinho gentil de um recém-nascido, tão alvo como a espuma do Jordão. Quando as gerações que o procuravão para curvarem-se diante d'elle o mi-

ravão, seus olhos parecião fallar, seus labios parecião abençoal-as.

Com elle foi então verdadeiramente a mulher constituída. As atenções, os cuidados, as caricias de Maria-Mãe erão inimitáveis, e José em pé, em frente ao pobre berço de seu filho contemplava a mulher com admiração e veneração, e o filho com um amor intimo. Essa santa familia viveu na mais completa paz domestica até que a maldade dos homens se acendeu contra ella, e o Homem Santo declarado impostor, por que queria reformar o que havia de mau, destruiu a superstição, illustrar a intelligencia, fazendo os homens pensar; mas como uma tal tenção era tão alta e soberana que o seu desinteresse espantava os homens, martyrisarão o Sabio e derão-lhe em recompensa uma Cruz para expiar o seu attentado.

Elle veio, appareceu entre a humanidade, soffreu como um athleta e morreu como justo, depois de haver contemplado tristemente sua mãe e tel-a feito sentir toda a superioridade do seu sexo.

Maria foi apresentada aos seculos do porvir, como uma mulher exemplar.

Continua.



A MODESTIA.

POESIA

OPERAÇÃO

A' SYMPATHICA E AMAVEL MENINA

D. Maria Ignez da Silva Torres.

Gentil—gentil menina, ah! quanto és bella!
Nessa modestia que te faz mais linda,
E's qual mimosa, e casta violeta

Que na belleza
Da singelleza,
Vencendo a rosa,
E as mais flores,
Tão melindrosa
Tão vergonhosa
A face esconde
Entre os verdores!

No Céu limpo e sereno desses olhos
Os raios se reflectem da candura!
Mansas—doças palavras de meiguice
Correm pelo rubim desses teus labios!
Nã angustias brincões, com brando riso
Branças—puras boninas d'innocencia
Pelas douradas tranças te pendurão!

Figura 15 - O Jornal das Senhoras, 26/09/1852.

A mulher porém, sempre firme na sua sagrada missão foi sempre a mesma mãe para todos os filhos para todas as idades, e em todos os tempos: ela, a sábia e eloqüente mestra do homem, nascera com o espírito cultivado para o seu fim.

Assim aparecia ela sempre à frente da criação, porque era; por assim dizer, o espírito puro de Deus de amor, quando cansado de criar só matéria, criara-a com mais abundância do espírito.

Em Agar experimentara o Senhor o puro amor maternal.

Em Sara, o amor maternal toda dedicação e sacrifício, vê-se agora nela, que não acompanhou Abraão ao sacrifício de Isaque,¹³⁵ desobedecendo tão virtuosamente a Deus!

Deus é clemente e sábio, e não imporia de certo a uma mãe um sacrifício tão tremendo.¹³⁶

A essência do feminino para a redatora Violante era a sagrada missão materna, pois a mulher nascia para ser mãe. Segundo seus ideais, Deus foi generoso desde a criação, dando em abundância do espírito para as mulheres., para serem boas mães.

As duas mulheres de Abraão citadas no artigo do jornal, Sara e Agar, eram modelos de mãe. Agar, serva de Sara, mãe de Ismael, era lembrada como boa mãe. Sara, que tempos depois deu à luz Isaque, era reverenciada como uma mãe zelosa. Para Violante, Abraão era testado na sua fé, enquanto Sara fora poupada, pois Deus saberia que o amor materno é superior ao amor paterno.

Assim, pode-se perceber que o amor materno, tanto para Violante como para Joana Paula, fazia parte da “essência do feminino”, da

¹³⁵ Segundo a Bíblia, no livro de Gênesis, a fé de Abraão é testada por Deus, que exige que Abraão sacrifique Isaque – seu filho. Porém, na hora do sacrifício, Deus envia um anjo que mostra o cordeiro a ser sacrificado em lugar de Isaque.

¹³⁶ O JORNAL DAS SENHORAS. Rio de Janeiro - RJ, 05/09/1852. p.77. Texto assinado por Violante A. X. de Bivar e Velasco.

missão sagrada maternal, sendo que a instrução seria necessária para a formação saudável dos filhos e das mães de família.

Entretanto, ao contrário de Joana de Noronha, que via a maternidade sagrada segundo os preceitos positivistas, Violante via no cristianismo católico as bases da sociedade e da família. Violante destacava em seu discurso que a mulher nascia com o espírito cultivado para seu fim, sendo sábia e eloquente, mestra do homem.

Assim, o discurso que faz inscrever o amor materno na essência do feminino, bem como as práticas que lhes são conseqüentes, transita não em uma única célula, mas num sistema de relações entre instituições em que cada unidade complementa e reforça a outra, estabelecendo um desenho complexo para o conjunto: da cidade à família, da família à medicina, da medicina à escola, da escola às leis, das leis às artes e novamente à família. Eis um possível percurso.

Dessa forma, o contexto desde o qual o amor materno emerge como texto – com força e peso suficiente para conferir-lhe uma dimensão política – não é aquele da família isolada e pensada em si mesma, mas o da família em suas relações com uma série de outras instituições.¹³⁷

No que se refere à Igreja e suas implicações, vê-se como a religião serve de sustentáculo na formação do mito do amor materno.¹³⁸

¹³⁷ MORAES, Mirtes de. **Tramas de um destino** – Maternidade e Aleitamento. São Paulo (1899-1930). Tese (Doutorado em História Social), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005. p.21.

¹³⁸ Segundo Badinter, viu-se no século XIX a dignificação da maternidade, com a valorização do sofrimento materno e do devotamento feminino aos filhos. Usavam-se expressões religiosas como vocação, sacrifício e santidade para dignificar a maternidade, e em 1854 criou-se o dogma da Imaculada Conceição de Maria. BADINTER, Elisabeth. **Um Amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

José e Maria viviam nessa misteriosa existência que não podia ser compreendida pelos homens, mas que Deus fazia sentir claramente ao coração da mulher, predestinada ao progresso e melhoramento da humanidade. O Espírito Santo, isto é, a elevada sabedoria que inspira uma inteligência que faz a sua primeira educação na religião, ou antes a pura inteligência junta ao amor concedido pela razão e pelo coração inocente, predisse a mulher – esposa que teria de ser mãe. [...]

Maria foi apresentada aos séculos do porvir como uma mulher exemplar.¹³⁹

Maria era o exemplo de boa mãe: carinhosa, devotada, abnegada, fiel a Deus, zelosa e principalmente casta. Maria servia como bom exemplo para a juventude cristã: “A juventude feminina estava sob a proteção da Virgem, pois o desafio destas jovens era renunciar ao mundo e os pecados da carne.”¹⁴⁰

Assim, percebe-se a relação do culto mariano e do amor materno. A Igreja Católica colocava como exemplo de mãe Maria, mãe de Jesus, o salvador do mundo.

Para muitos, a educação feminina não poderia ser concebida sem uma sólida formação cristã, que seria a chave principal de qualquer projeto educativo. [...] o catolicismo [...] permaneceria como dominante a moral religiosa, que apontava para as mulheres a dicotomia entre Eva e Maria. A escolha entre esses dois modelos representava, na verdade, uma não-escolha, pois se esperava que as meninas e jovens construíssem suas vidas pela imagem de pureza da Virgem. Através do símbolo mariano se apelava tanto

¹³⁹ O JORNAL DAS SENHORAS. Rio de Janeiro - RJ, 26/09/1852. p.98. Texto assinado por Violante A. X. de Bivar e Velasco.

¹⁴⁰ GOUDINHO, Liliâne do Socorro Cavalcante. **Mulheres em ação (católica)**: Belém (1939-1947). Dissertação (Mestrado em História Social), Pontifícia Universidade católica de São Paulo, São Paulo, 2005. p.119.

para a *sagrada missão* da maternidade quanto para a manutenção da pureza feminina. Esse ideal feminino implicava o recato e o pudor, a busca constante de uma perfeição moral, a aceitação de sacrifícios, a ação educadora dos filhos e filhas.¹⁴¹

Entende-se que os discursos jornalísticos e religiosos colocavam a maternidade como parte integrante da "natureza feminina", estando vinculada aos jogos de poder. Entretanto, esse potencial abriu brechas para que a mulher fosse valorizada enquanto mãe e "rainha do lar".

Portanto não se pretende trabalhar acompanhando o poder na sua forma jurídica, médica ou então pedagógica, mas sim buscá-lo no cruzamento dos discursos. Trata-se de buscar as extensões mais sutis do poder, suas dimensões menos explícitas cuja operação se dá através da constituição de corpos, gestos e subjetividades afins que possam lhe servir de ponto de apoio.¹⁴²

Nesse sentido, as mães deviam seguir o exemplo de Maria, em santidade e dedicação aos seus filhos, sendo, portanto, abençoadas e criando um lar aconchegante para o marido e seus descendentes. Assim ditava o século XIX, baseando-se no positivismo e no cristianismo.

Essa doutrina positivista também via na instrução feminina um fator de melhoramento social, já que a mãe instruída formaria bons patriotas para a nação.

¹⁴¹ LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del; BASSANEZI, Carla (Coords.). **História das Mulheres no Brasil**. 8ª ed. São Paulo: Contexto, 2006. p.447.

¹⁴² MORAES, Mirtes de. **Tramas de um destino** – Maternidade e Aleitamento. São Paulo (1899-1930). Tese (Doutorado em História Social), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005. p.18.

É o que levou Zaira Americano a ensinar em 1853 que "a educação primeira que o homem recebe de sua mãe, é o que faz bom ou não". A linguagem expressa por esta mulher, cujo maior dever é o de ser mãe, "tem no coração do filho uma grande força e lhe causa profunda impressão".¹⁴³

O discurso positivista e religioso reforçava a importância do amor materno na formação do caráter do indivíduo. A mãe era responsabilizada pelo destino da humanidade. Os positivistas e as mulheres de elite católicas pressionavam a sociedade na defesa da instrução materna para formar uma mãe melhor.

Dessa forma, existia uma pressão social para que a mulher fosse uma boa mãe de família, disciplinada e instruída, pois das mulheres, enquanto mães, dependeria o futuro da nação, daí a necessidade de que a mulher reinasse no lar.

A boa mãe deveria ser generosa, abnegada, atenciosa, inteligente, sensível às necessidades dos filhos e do marido. A boa mãe se sacrificaria pela sua prole, seria zelosa e devotada a Deus, seguindo o exemplo de pureza e castidade da Virgem Maria.

¹⁴³ AMERICANO, Z. A missão social do médico e da mulher no Brasil. **Boletim do Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância**. Vol.6, 1921. p.313. Apud: MALUF, Marina; ROMERO, Mariza. A sublime virtude de ser mãe. **Projeto História**. n.25 - Corpo & Cultura. Revista do Programa de Pós-Graduação em História e do Departamento de História da PUC-SP, São Paulo, 2002. p.228.

Tal preceito em nada difere do discurso assentado no determinismo biológico, que encara a mulher como mais próxima da natureza que o homem [...] a criança está nas mãos da mãe como uma matéria transformável de que se pode fazer um herói ou pulha. O Dr. Antônio Epaminondas de Gouveia denuncia o nível intelectual da mulher brasileira que é ainda desolador, e confrange a alma de um patriota a sua deficiência mental. São em geral completamente jejunas no conhecimento das aspirações de sua raça; nem mesmo suspeitam o valor da sua contribuição no nosso desenvolvimento para que o filho seja salvo, insiste o doutor é preciso atingir a mãe, é por aí que devemos começar do contrário seria como dizia causticamente Euclydes da Cunha "começar a construir pela cimalha".¹⁴⁴

Destarte, a instrução feminina se fazia necessária para a formação de bons cidadãos, já que o papel de mãe instruída era de vital importância na família, tanto para os religiosos católicos como para os positivistas. Sendo assim, o preparo educacional da mulher ganhava vários adeptos, uma vez que, na falta do marido, haveria a possibilidade da improvisação de papéis no caso das elites – em que as mulheres comandaram fazendas e outros negócios da família – e, no caso das classes despossuídas, poder-se-ia diminuir o risco da perdição.

¹⁴⁴ BOLETIM DO PRIMEIRO CONGRESSO BRASILEIRO DE PROTEÇÃO À INFÂNCIA. Vol.6, 1921. p.322 Apud: MALUF, Marina; ROMERO, Mariza. A sublime virtude de ser mãe. **Projeto História**. n.25 - Corpo & Cultura. Revista do Programa de Pós-Graduação em História e do Departamento de História da PUC-SP, São Paulo, 2002. p.228.

3.3 SER MÃE E CHEFE DE FAMÍLIA: ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO

Esta preocupação em preparar as mulheres para a vida conjugal e familiar, dando-lhes, ao mesmo tempo, condições para sobrevivência a partir de um trabalho digno e honesto, ou em outras palavras, livrando-as da exploração sexual e da prostituição, eram preocupações pertinentes no final do século XIX, quando as oscilações da economia e a urbanização expunham-nas a situações de miséria e exploração.¹⁴⁵

A instrução materna era vista como necessidade em meados do século XIX, uma vez que a emancipação moral da mulher requeria que ela possuísse um grau de saber, pois, como mãe, dela dependia a formação do cidadão. As mulheres de elite já debatiam sobre o assunto, denunciando o fato de a mulher ser considerada propriedade masculina e de ser importante para a representação “androcêntrica que se reproduz biológica e socialmente com objetividade do senso comum”¹⁴⁶ – segundo a qual a mulher não precisaria ser instruída, bastaria ter uma noção de prendas domésticas para orientar bem a criadagem.

É porque o homem diz: – *Minha mulher* - com a mesma entonação de voz com que diz: – *meu cavalo, minhas botas etc., etc., etc.*

E já se sabe que o cavalo, a mulher e as botas, sendo trastes de seu uso, ele está dispensado de lhes dedicar atenção de espécie alguma!

¹⁴⁵ ROCHA, Elaine Pereira. **Entre a Pena e a Espada** - A trajetória de Leolinda Daltro: 1859-1935 - Patriotismo, Indigenismo e Feminismo. Tese (Doutorado em História Social), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. p.57.

¹⁴⁶ BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. p.45.

Deixa-se a mulher no ignorantismo mais profundo, e depois, asseveram que ela não tem suficiente juízo para conduzir por si mesma!!!

Destinada expressamente a ser vítima de todos os preconceitos e vulgaridades da estupidez!!! [...]

Nas classes pobres da sociedade é onde mais funesto resultado se colhe do embrutecimento da mulher.

Todas as carreiras industriais estão lhe vedadas.

É por isso, só na condição de serva, pode encontrar o pedaço de pão que há de mitigar-lhe a fome.

Repare-se que falo das nossas Américas; na Europa e nos Estados Unidos, a mulher exerce quase todas as profissões que entre nós a preocupação lhe nega.

Quantas vezes este erro funesto leva uma desgraçada até a borda do abysmo, onde cai e do qual só se levanta no seio de Deus!...

Nós sabemos perfeitamente que toda a família necessita de um chefe, e que o chefe natural da família, é o homem.

Sem duvida, que há deveres naturais que prendem a mulher ao lar doméstico, porém é precisamente desde o seio de sua família que ela pode ter uma influência direta, sobre essa mesma família, sobre a nação, e sobre a humanidade inteira.

Perguntar-me-eis:

Como? Pois a mulher pode ter outra influência que não seja sobre as panelas? Outra missão além das costuras, outro porvir que não seja fazer o rol da roupa suja?

Pois escutai-me: E a educação de seus filhos? [grifos meus]¹⁴⁷

A ignorância não permitia a emancipação da mulher, para que tivesse uma vida independente se viesse a perder o companheiro, geralmente o marido, no caso das elites. Além disso, minava a possibilidade de a mulher instruir os futuros cidadãos, dificultando o acesso ao conhecimento e ao progresso.

¹⁴⁷ O JORNAL DAS SENHORAS. Rio de Janeiro - RJ, 11/01/1852. p.13-4. Texto assinado por Joana Paula Manso de Noronha.

Contudo, em meio à dominação masculina, senhorial e cristã do século XIX, abriu-se um espaço de liberdade para as mulheres de elite transitarem, e em seus limites esse potencial de transformação foi transmitido por intermédio da imprensa feminina durante aquele século.

Os periódicos femininos constituíram-se em espaços de táticas de resistência ao controle masculino, pois não há poder sem potencial de contestação, há sempre um meio de liberdade com múltiplas articulações no social. Não existem os polos do poder dominador e do dominado, mas sim uma série de poderes pulverizados em jogos e articulações que transitam no meio social, consentindo e se revoltando.¹⁴⁸

Joana Paula defendia, em nome da maternidade, a instrução da mulher. Entendia que a boa mãe deveria cuidar não só dos afazeres domésticos, como também da instrução das crianças, da qual dependeria o futuro da nação.

Todavia, é em nome do lar, é em nome da grandeza do amor, é em nome do altruísmo da mulher, que todo homem sensato deve premunir suas filhas com uma educação sólida e uma profissão que garanta sua subsistência independentemente ao casamento.

[...]

Eduquemos nossas filhas com a sobranceira coragem para viverem por si. [...]

Demais, a mulher feliz, a mulher casada por amor, não está sujeita a enviuvar, a ter de sustentar com seu trabalho os filhos estremecidos?¹⁴⁹

¹⁴⁸ Segundo a análise foucaultiana acerca do poder presente nas obras aqui mencionadas. FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 8ªed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. Idem. **Vigiar e Punir**. 3ªed. Petrópolis - RJ: Vozes, 1984.

¹⁴⁹ A MENSAGEIRA. Edição fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1897. p.3 – “Com ares de chronica”, texto escrito por Maria Emília. Apud:

Joana Paula Manso de Noronha, Violante A. Ximenes Bivar e Velasco e Gervásia Neves compreendiam a necessidade da ilustração feminina como fator de segurança familiar. Nesse sentido, em caso da falta do marido, a mulher poderia exercer a chefia da família dignamente, administrando os bens deixados pelo falecido, no caso das elites, ou tendo uma profissão digna, no caso das mulheres pobres.

Faz-se oportuno lembrar que Joana Paula Manso de Noronha era separada do marido, e Violante A. Ximenes Bivar e Velasco era viúva – portanto, duas mulheres chefes de família.

O casamento, ao lado da maternidade continuava, naquele final de século a ser defendido como finalidade natural para as mulheres, que possuíam o direito de serem sustentadas por seus cônjuges. Entretanto, ao examinarem processos judiciais em que as mulheres eram acusadas de prostituição, historiadoras encontraram no abandono, na pobreza e na falta de opções profissionais a principal causa para a utilização do corpo feminino como mercadoria.¹⁵⁰

As questões historiográficas¹⁵¹ colocadas sobre a condição feminina apontam evidências de uma vinculação entre prostituição e pobreza na *Belle Époque*.

BRESCIANI, Maria Stella. **O anjo da casa**. n.29. Campinas - SP: IFCH/UNICAMP, 1991. p.57.

¹⁵⁰ ROCHA, Elaine Pereira. **Entre a Pena e a Espada** - A trajetória de Leolinda Daltro: 1859-1935 - Patriotismo, Indigenismo e Feminismo. Tese (Doutorado em História Social), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. p.57, 59.

¹⁵¹ SOIHET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil Urbano. In: PRIORE, Mary del; BASSANEZI, Carla (Coords.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006. RAGO, Margareth. **Do cabaré ao Lar**: A utopia da cidade disciplinar. Brasil (1890-1930). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. Idem. **Os Prazeres da Noite**: Prostituição e códigos de sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

As condições de vida das mulheres no Brasil não podem ser definidas de maneira uniforme ou linear, nem mesmo em relação ao seu espaço geográfico ou quanto à condição social.

Autoras têm estudado as diferenças de gênero e as condições de vida das mulheres em diferentes sociedades, encontrando tanto a exploração de seu trabalho e a total submissão de suas vontades por seus senhores ou parentes do sexo masculino, quanto a presença de mulheres chefes de domicílios, fossem livres ou escravas, que procuravam organizar suas economias de modo a sustentar sua prole.¹⁵²

Pesquisas¹⁵³ demonstram a capacidade de improvisar papéis por parte das mulheres chefes de família, tanto nas elites como nas camadas populares. Como se vê, há uma série de estratégias de sobrevivência do gênero feminino, na falta da figura masculina como provedora dentro do lar.

No caso das elites havia também a emancipação mediante a ilustração e o bom gosto. A moda ditada na França e seguida pelas brasileiras era fator de libertação, tanto que o figurino do “colete de emancipação” se difundiu na Corte, por intermédio d’O *Jornal das Senhoras*. Havia toda uma etiqueta que demonstrava poder e distinção no caso das elites, âmbito em que o papel da mulher emancipada – “rainha do lar” – era valorizado, como veremos no capítulo seguinte.

¹⁵² ROCHA, Elaine Pereira. **Entre a Pena e a Espada** - A trajetória de Leolinda Daltro: 1859-1935 - Patriotismo, Indigenismo e Feminismo. Tese (Doutorado em História Social), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. p.59

¹⁵³ SAMARA, Eny Mesquita. **As mulheres, o poder e a família** – São Paulo no século XIX. São Paulo: Marco Zero/ Secretaria Estadual de Cultura de São Paulo, 1989. Idem. Mulheres chefes de domicílio: uma análise comparativa no Brasil do século XIX. **Revista Brasileira de História**. Vol.15, n. 29. São Paulo: Contexto, 1995. DIAS, Maria Odila Silva. **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX**. São Paulo: Brasiliense, 1984. RAGO, Elizabeth Juliska. **Outras Falas: feminismo e medicina na Bahia (1836-1931)**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2007. TELLES, Norma. **Encantações: Escritores, imaginação literária no Brasil, século XIX**. Tese (Doutorado em História), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1987. Idem. Escritoras, escritas, escrituras, In: PRIORE, Mary del; BASSANEZI, Carla (Coords.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto/ UNESP, 1997.

CAPÍTULO 4 - CORPO, BELEZA E MODA



Figura 16 - O *Jornal das Senhoras*, 04/04/1852.

Este quarto capítulo tem por temática os padrões de beleza feminina vigentes e difundidos durante o século XIX no Brasil Imperial, padrões esses que tiveram n' *O Jornal das Senhoras* um veículo de propagação. Discute-se o uso dos espartilhos e das crinolinas, elementos fundamentais na moda da época, defendidos nos jornais femininos, mas condenados por vários médicos.

A imprensa foi fundamental para a difusão da moda europeia no Brasil Imperial, podendo ser considerada um vetor civilizatório.

4.1 CORPO FEMININO

Neste item se discute a moda e sua influência no corpo feminino, modelando as cinturas e alargando os quadris pelo uso de espartilhos nos meados do século XIX.

Tendo a moda como único meio lícito de expressão, a mulher atirou-se à descoberta de sua individualidade, inquieta, a cada momento insatisfeita, refazendo por si o próprio corpo [grifos meus], aumentando exageradamente os quadris, comprimindo a cintura, violentando o movimento natural dos cabelos. Procurou em si – já que não lhe sobrava outro recurso – a busca de seu ser, a pesquisa atenta de sua alma. E aos poucos, como artista que não se submete a natureza, impôs a figura real uma forma fictícia, reunindo os traços esparsos numa concordância necessária.¹⁵⁴

¹⁵⁴ SOUZA, Gilda de Mello. **O Espírito das roupas**. A moda no século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p.100.

O *Jornal das Senhoras* fazia menção à utilização do espartilho como sinal de elegância e distinção social, item indispensável do vestuário feminino. Portanto, eram necessários sacrifícios corporais para uma mulher se tornar refinada, emancipada e civilizada.

E já que tenho falado em esparrrtilhos, dirvos-ei de passagem que ele é o mais importante objeto para o toailette de uma senhora: com um mau espartilho não há vestido bem talhado que preste, não há elegância que realce. Ensino-vos um meio de escolherdes sem receio de escolherdes mal. Quando fordes a modista, prová-lo, se depois de atacado, ele, em vez de vos contrafazer e molestar-vos der um certo ajuste ao corpo que vos torne mais ágil e fiquem vossos movimentos inteiramente livres, aceitai-o, que esse é o melhor espartilho. O arrochamento em tal caso prova seu péssimo talho e pouca habilidade da modista.¹⁵⁵

O uso do espartilho era, na época, de primordial importância para a elegância feminina, peça fundamental no guarda-roupa da mulher, segundo a jornalista, pois a moda ditava a cintura fina.

Modelar o corpo se fazia necessário, pois uma mulher vistosa e elegante era sinal de prosperidade familiar e refinamento social, favorecendo o status social do marido, pois seria admirada socialmente.

¹⁵⁵ O JORNAL DAS SENHORAS. Ano 1, nº. 43. Rio de Janeiro - RJ, 24/10/1852. Apud: RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. **A Cidade e a Moda**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002. p.124.

De certo! Uma mulher é indispensável, e uma mulher bonita. É o meio pelo qual um homem se distingue no “grand-monde”. Um círculo de adoradores cerca imediatamente a senhora elegante e espirituosa, que fez a sua aparição nos salões de uma maneira deslumbrante! Os elogios, a admiração, a consideração social a acompanham na sua ascensão esse astro luminoso, cuja cauda e uma crinolina e cujo brilho vem da casa Valais ou de Bérat, á custa de alguns contos de réis! Ora, como matrimônio existe a comunhão de corpo e de bens, os apaixonados da mulher tornam-se amigos do marido e vice-versa: o triunfo que tem a beleza de um lança reflexo sobre a posição do outro. E assim consegue-se tudo!¹⁵⁶

Observavam-se mudanças nos espaços de sociabilidade da Corte e de presença feminina. Assim, a mulher deveria saber se vestir, se apresentar e participar.

Percebe-se, então, a importância da aparência feminina no mundo dos salões. Por isso era tão necessário o uso do espartilho, signo de prosperidade, de educação e refinamento social.

¹⁵⁶ ALENCAR, José de. *Diva*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1984. p.48. Apud: SOUZA, Gilda de Mello. **O Espírito das roupas**. A moda no século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p.223.

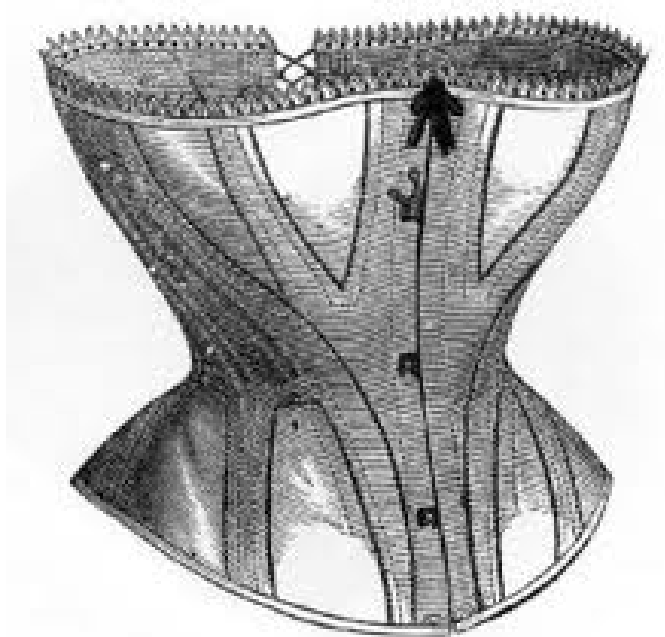


Figura 17 - Corset ou espartilho.¹⁵⁷

Na Enciclopédia da Moda o verbete “espartilho” é assim descrito:

Usado para conseguir a cintura fina que estava em moda no século XIX, descendia do corpete do século XV, que era endurecido por dois pedaços de linho colados. Usado sob o vestido, mas freqüentemente sobre uma bata fina de algodão ou de musselina, o espartilho costumava ser feito de pedaços de *barbatana de baleia* inseridos como armação numa peça de tecido. Era amarrado com firmeza na frente ou atrás da cintura, tendo sido assunto de grande controvérsia a partir de mais ou menos 1850, quando grupos reformistas dos dois lados do Atlântico protestaram contra os danos físicos causados pela roupa excessivamente apertada. Apesar desses protestos, no final do século XIX foram produzidas as mais complicadas formas de espartilho. A silhueta em S tornou-se popular criada por espartilhos que

¹⁵⁷ SISI COUTINHO. Disponível em: <<http://sisicoutinho.blogspot.com/2010/04/corset-corselete-corpete-espartilho.html>>. Acesso em: 28/02/2012.

desciam pelos quadris e projetavam o busto para frente. No início da década de 1900, POIRET afirmou ter libertado as mulheres do espartilho; LUCILLE e VIONNET alegaram a mesma coisa. Nessa época, o espartilho com barbatanas foi substituído por um tecido elástico que achatava a cintura, em vez de apertá-la. [...] ¹⁵⁸

A cintura moldurada pelo espartilho completava-se com o uso da crinolina, o que às vezes era um martírio necessário para a mulher elegante. Cristina, colaboradora de Dona Violante n' *O Jornal das Senhoras*, falava da antiga moda dos espartilhos de cintura baixa e dos espartilhos mal talhados como um sofrimento para a mulher elegante. O corpo da mulher era martirizado para ser considerado belo, ficando arrochado.

[...] o espartilho moderno se ele for habilmente talhado, do contrário é antes um insuportável martírio muito principalmente porque deixa revelar toda a graça de um corpo elegante, o qual arrochado entre os cruéis espartilhos de cintura baixa tornava-se dolorosamente contrafeito.

Esses antigos espartilhos felizmente devem já ter acabado para todas as senhoras em geral: [...] estou que de uma vez serão banidos de todos os guarda-roupas de bom tom. ¹⁵⁹

¹⁵⁸ CALLAN, Georgina O'Hara. **Enciclopédia da Moda** - de 1840 à década de 90. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p.123.

¹⁵⁹ O JORNAL DAS SENHORAS. n°. 43. Rio de Janeiro - RJ, 24/10/1852. Texto assinado por Cristina.

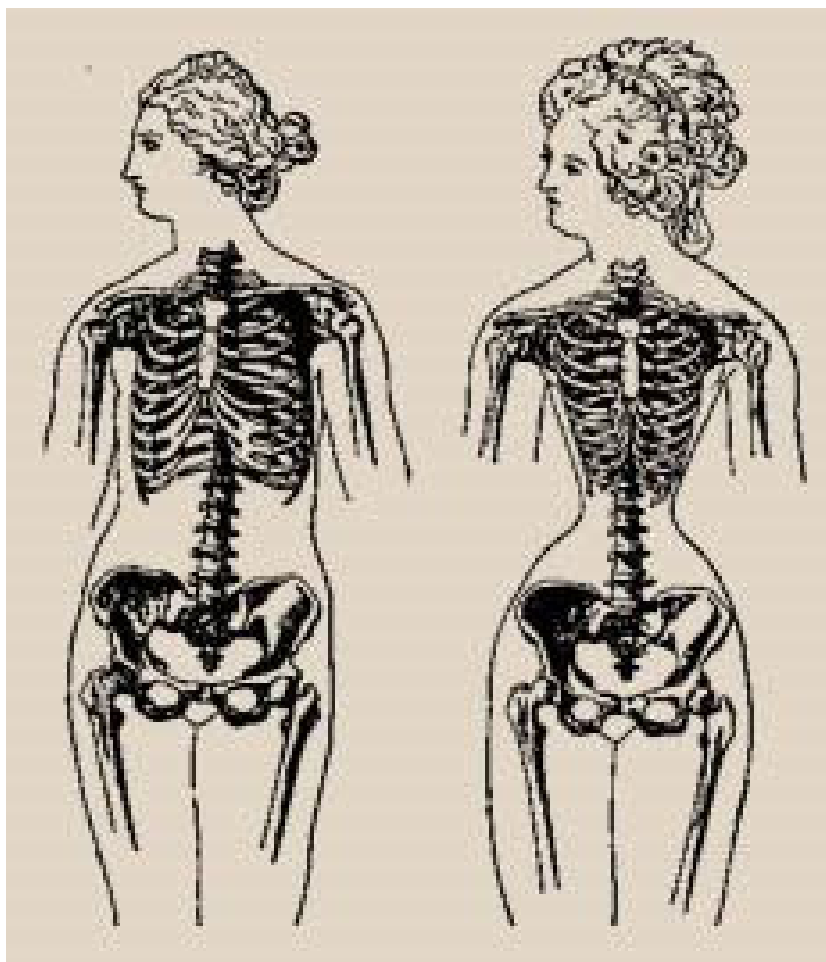


Figura 18 - Resultado corporal do espartilho.¹⁶⁰

Mesmo se reconhecendo que a moda do espartilho provocava sofrimento, esse item era considerado necessário, já que indicava civilidade e fineza de trato.

¹⁶⁰ HISTÓRIA DA MODA. **Espartilhos**. 09/07/2008. Disponível em: <<http://modahistoria.blogspot.com/2008/06/espartilhos.html>>. Acesso em: 28/02/2012

Essa criação artística, poderoso elemento na luta entre os sexos, em que se realiza a procura de seu ser é ainda o elemento de diferenciação pessoal dentro do grupo. Pois não tanto o vestido – a opulência dos tecidos e a exuberância dos folhos –, mas a maneira de usá-lo, de fazê-lo concordar com seu corpo e a sua alma, de imprimir o movimento à estrutura total, distingue as mulheres entre si. Não tanto o quadro estático, mas toda essa ritmia de gestos que se revela no arrepanhar das saias, no xale, no alçar sobre si languidamente a umbrela.¹⁶¹ Pois assim como aceitou a moral relacionada com os hábitos do corpo, a mulher desenvolveu ao infinito as artes relacionadas com a sua pessoa criando um estilo de existência – talvez a sua única contribuição original á cultura masculina.¹⁶²

A cultura constrói o corpo. Dessa forma, no século XIX, o espartilho tornou-se fundamental.

Assim, não se pode isolar corpo de cultura. Sem abstrair fatos (como nascimento, crescimento, alimentação, práticas sexuais e reprodutivas, doença, dor, emoções, movimentos, trabalho, aprendizagem, vestuário, morte, elementos) que compõem a vida e seu ordenamento social, pode-se perceber a construção do corpo como sustentáculo de princípios éticos (contenção, abstinência, moderação, disciplina, frugalidade, persistência) sobre os quais foram erguidos princípios estéticos (como bom gosto, elegância, beleza, saúde, limpeza, moral, higiene, sexualidade, prazer, erotismo e naturalidade).¹⁶³

¹⁶¹ CUNNINGTON, C. Willett. *The Perfect Lady*. London, New York: Max Parrish, Chanticleer Press, 1948. p.66. Apud: SOUZA, Gilda de Mello. **O Espírito das roupas**. A moda no século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p.106.

¹⁶² SOUZA, Gilda de Mello. **O Espírito das roupas**. A moda no século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p.106.

¹⁶³ MATOS, Maria Izilda Santos de. **Âncora de Emoções** - Corpos, Subjetividades e Sensibilidades. Bauru, SP: Edusc, 2005. p.41.



Figura 19 - Mulher usando espartilho.¹⁶⁴

A cultura ditava a moda dos espartilhos, do afilamento da cintura, e as mulheres de elite seguiam os ditames da moda, visando à elegância.

E acrescentando o gesto à composição de linhas e de cores, a mulher transforma-se numa escultura fantasmal que não contém em si apenas “o esboço do movimento”, “o começo da ação” das esculturas reais, mas vive na plenitude da conquista do espaço, comunicando-se com o ambiente numa ligação necessária.¹⁶⁵

¹⁶⁴ ENTENDA DE MODA. **Curiosidade do dia**. 16/12/2010. Disponível em: <http://www.entendademoda.com.br/2010_12_01_archive.html>. Acesso em: 28/02/2012

¹⁶⁵ HEGEL, G. W. F. Esthétique. Tomo III, 1ª Parte - A Escultura. Paris, 1944. p.106. Apud: SOUZA, Gilda de Mello. **O Espírito das roupas**. A moda no século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p.101.

Nesse sentido, era preciso uma dose de sacrifício corporal para se tornar bela e atraente.

As jornalistas do periódico, ao mesmo tempo que recomendavam a utilização do espartilho, tendo em vista o embelezamento feminino, por outro lado, contraditoriamente, ressaltavam que o elemento causava desconforto e sofrimento. Joana Paula Manso de Noronha advertia:

Sufrimento, digo eu, porque não entendo que a cintura de maior parte das moças possam descer do seu natural três ou quatro dedos, sem que eles sofram e sofram muito, o arrocho do seu espartilho, o qual se não for ajustado ao corpo guardando-lhes as formas naturais, certo que as deixará ficar comprimidas em todos os seus movimentos. Um mal feito espartilho também contribuirá muito para este estado mortal.¹⁶⁶

As jornalistas recomendavam o uso do “bom” espartilho, aquele que não causaria sofrimento, devido ao seu bom talhe. O espartilho que comprimia demais a cintura deveria ser banido do guarda-roupa feminino.

¹⁶⁶ O JORNAL DAS SENHORAS. Rio de Janeiro - RJ, 15/02/1852. Texto assinado por Joana Paula Manso de Noronha.



Figura 20 - Desenho ilustrando o uso da crinolina e do espartilho.¹⁶⁷

Como já observado anteriormente, se percebe uma apropriação da moda pela mulher.

Na hora de vestir seus espartilhos, as mulheres eram aconselhadas a não dar ouvidos às opiniões das criadas negras, já que elas não teriam discernimento suficiente para orientar a senhora em termos de vestuário, pois não possuíam refinamento social.

¹⁶⁷ CHEZ CROQUE. **Chez Cultura**. s/d. Disponível em: <<http://www.chezcroque.com.br/cultura/196/A%20Dan%C3%A7a%20Retro>>. Acesso em: 28/02/2012.

As nossas criadas, que em geral são pretas, também cooperam em grande parte para isso: sem nenhuma experiência e sempre materiais, elas não sabem distinguir com olhar caprichoso o vestido bem feito do mal feito, e quando são consultadas ao toucador, onde muitas vezes sua senhora não se pode ver por detrás, respondem com todo seu materialismo - *está bem bom sim senhora*, e a moça sai dali convencida de que está bem vestida, porque só se preparou por diante, e o resto confiou aos cuidados da mucama.¹⁶⁸

Nota-se certo preconceito racial com relação às escravas negras. Elas eram consideradas pela jornalista embrutecidas, materialistas, sem requinte social para opinar sobre o vestuário das senhoras elegantes.

Observa-se ainda que, ao mesmo tempo que incentivava a vaidade de suas leitoras, a imprensa feminina também defendia que o corpo da mulher deveria ter recato, ser puro e casto. Ou seja, a futilidade era condenada pelas jornalistas, e as leitoras deveriam se mirar no exemplo da sagrada família, no mito mariano, da boa, casta e devotada mãe, Maria.

¹⁶⁸ O JORNAL DAS SENHORAS. Rio de Janeiro - RJ, 15/02/1852. Texto assinado por Joana Paula Manso de Noronha.

A mulher demônio impera nas salas, encontra em todos os olhos expressões de amor, em todos os lábios sorrisos forjados pela adulação. A sua desenvoltura excita a admiração pública; os seus ditos repetem-se com prazer. Todos lhe mendigam um olhar, um suspiro, um sorriso. [...]

Nestes triunfos efêmeros e passageiros, cifra-se sua ventura.

A mulher anjo, pelo contrário, goza prazeres mais íntimos, mais doces, mais santos, mais duradouros. Não procura a palma da vitória nesse torneio da formosura, a que arena o passeio, o teatro, o baile. Não procura lisonjear a sua vaidade com os aplausos públicos; dedica os seus carinhos ao esposo e a sua vida desliza-se entre flores... Não aspira a lisonjas pueris, prefere carícias do coração.

Não almeja despertar a admiração no galanteio; para ela não há amantes que não sejam seus filhos, nem delícias que não as do lar doméstico. Despreza as intrigas das salas e vive tranqüila, sem pesares e sem disabores.

Se sofre – há maridos tão infames! – procura na resignação lenitivos á sua dor, e a resignação enxuga-lhe as lágrimas. [...]

A mulher demônio só pensa em jóias e luxos, em rivalizar nos vestidos com as outras, em arruinar o marido, em enfeitar a cabeça (tão despida de juízo), em passear, dançar e gozar essa vida buliçosa das salas, que enche depois de tédio e embota-lhe os sentimentos.

A mulher anjo dedica-se exclusivamente aos deveres domésticos; só se enfeita para o esposo, para conservar acesa em seu coração a chama do amor, e consagra-se a seus filhos com sublime abnegação.¹⁶⁹

¹⁶⁹ O SEXO FEMININO. Ano I, nº. 44. Rio de Janeiro, 30/08/1874. Apud: BICALHO, Maria Fernanda B. **O Bello Sexo** - Imprensa e Identidade Feminina no Rio de Janeiro em fins do século XIX e início do século XX. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988. p.174-5.

A dicotomia entre a mulher anjo e a mulher demônio aparece no imaginário da época, podendo-se encontrar representações na Literatura Romântica. Fazia parte de um discurso pedagógico sobre as mulheres que circulava na segunda metade do século XIX. Como exemplo na Literatura Romântica pode-se citar a obra de José Alencar “Lucíola”.¹⁷⁰

Assim, o corpo feminino teria de ser preservado para a maternidade. Já a mulher rainha do lar, deveria almejar, acima de tudo, ser uma boa esposa, se enfeitar e usar espartilho para manter acesa a chama do amor conjugal. Deveria ainda ser contra o divórcio; cabia a ela tolerar o marido infame, já que o matrimônio era visto como indissolúvel pela Igreja Católica Romana. A mãe de Jesus é o símbolo das virtudes apregoadas pelo jornal.

Observa-se na figura seguinte a imagem do modelo feminino da mãe, com olhar angelical, requintada e discreta, usando elegantemente espartilho e crinolina, como também a jovem. Nota-se, além disso, o uso da mantilha como sinal de recato e religiosidade.

¹⁷⁰ “*Lucíola*”, publicado em 1862, insere-se na ficção alencariana nas obras que denunciam a mercantilização das relações humanas, levada a cabo na sociedade e que tem no tema da prostituição do corpo feminino a extrema coisificação da pessoa transformada em mercadoria.

Trabalha as idéias da mulher incompreensível, da duplicidade do feminino com o demoníaco e o divino, da degradação humana imposta pelo dinheiro, da dissolução da família e do amor aferro às mercadorias representado na figura da prostituta.” BORGES, Waldecy. **Histórias românticas na Corte Imperial**: o romance urbano de José de Alencar (Rio de Janeiro, 1840-1870). Tese (Doutorado em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004. p.346-7.

Contudo, desde o século XIX o uso de espartilhos era condenado pelos médicos da época, que, entretanto, não eram levados em consideração, pois a vaidade imperava.

4.2 OS CUIDADOS, BELEZA E A SAÚDE DA MULHER

A limpeza e a ordem eram indispensáveis para uma boa aparência. A ponto de *O Jornal das Senhoras* dedicar um item do periódico a expor os benefícios do banho diário.

De todos os cuidados que exige o toilette, o mais agradável, o mais natural, o mais simples, é o banho, que além disso é o que exerce sobre a saúde uma influência mais imediata.

[...]

Os banhos, por isso têm a força de abrir poros, aceleram a circulação, facilitam [...] a transpiração e limpam a pele de todas essas escamas, por assim dizer, que cobrem a epiderme do nosso corpo.¹⁷¹

Como se pode perceber, beleza, higiene e saúde estavam interligadas. Os cuidados com a higiene pessoal eram considerados fundamentais para marcar uma presença social maravilhosa nos salões e em casa. Sinal de civilidade e saúde.

¹⁷¹ O JORNAL DAS SENHORAS. Rio de Janeiro - RJ, 05/02/1854. Texto assinado pela colaboradora Ritinha (redatora-chefe Gervásia Neves).

Sempre que examinamos as pessoas de nosso conhecimento ou aquelas que encontramos involuntariamente, as classificamos em duas categorias: as que têm boa aparência e as que não têm.

Para que se tenha boa aparência não é preciso trazer vestidos caros e jóias, mas é preciso que tudo quanto tenhamos em cima de nós seja limpo e correto; nada de manchas, nem mesmo amarrotado; dessa maneira o toilette conservará até o fim de seu uso, um aspecto irrepreensível. [...]

Mas é preciso ir além das aparências. O asseio é uma meia virtude. A ordem é uma virtude inteira. Para ter o espírito puro e bem ordenado, é preciso que uma mulher tenha não somente o gosto e a necessidade de asseio, mas ainda o horror pelas manchas e pela desordem, para evitar um aspecto desagradável de vestidos amarrotados, de flores enxovalhadas; é necessário que ela seja dotada de perseverança e de atividade.¹⁷²

A roupa da família deveria ser bem limpa, bem passada e bem conservada. Cabia à senhora da casa zelar para que o lar fosse um local ordenado e limpo, verdadeiro refúgio do homem, que encontrava o apoio necessário na esposa responsável e diligente. A verdadeira senhora deveria ser uma administradora dos afazeres domésticos da criadagem, para que tudo se mantivesse em ordem.

A aparência de limpeza e ordem era motivo de admiração e respeito. Ganhava valor tanto nos modos de vestir como no cuidado da administração do lar, que se tornava indispensável nas famílias de elite.¹⁷³

¹⁷² REVISTA FEMININA. Ano III, nº. 27. São Paulo, ago./1916. Apud: BICALHO, Maria Fernanda B. **O Bello Sexo** - Imprensa e Identidade Feminina no Rio de Janeiro em fins do século XIX e início do século XX. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988. p.173-4.

¹⁷³ As criadas eram responsáveis pelo cuidado com a roupa. "A lavagem de roupa era uma das principais ocupações na organização de qualquer lar. As famílias ricas usavam com

Os médicos da época também ressaltavam a importância da limpeza e higiene para manutenção da saúde familiar, louvando a mulher virtuosa, responsável pela casa em ordem e limpa, livre de miasmas. O jornal repetia esses preceitos médicos visando a educar as mulheres.

Sujeita às limitações da menstruação e da gravidez, a mulher, tanto física como economicamente, teria que depender do homem e ser por ele tutelada. Ao homem se reservava a esfera pública, e a mulher, o mundo privado, a representação do lar e da família era feita em termos “naturais”, enquanto a esfera pública, em oposição, era apresentada como instância histórica. Esta separação entre o público e o privado não pode ser identificada como algo inevitável ou natural, tendo sido construída conjuntamente com a definição das esferas sexuais e a delimitação de espaços para os sexos. Sabendo-se que esses elementos são social, cultural e historicamente construídos, pode-se perceber um movimento progressivo de privatização do espaço, concomitantemente com o fortalecimento do Estado e o processo de urbanização, em que a esfera pública, cada vez mais voraz, estende seus tentáculos até o domínio das intimidades. Desta forma, pensar a família, e nela a mulher, como uma esfera separada do mundo público é passar por alto as formas pelas quais as dinâmicas sociais das duas esferas se afetam mutuamente, bem como ocultar a existência de uma dinâmica de poder que age em ambos.¹⁷⁴

liberalidade toda forma de roupa branca: fronhas simples ou bordadas, toalhas de mão, guardanapos de linho, panos de prato, panos para dar brilho à louça, às xícaras e aos copos. Os que ministravam conselhos nesses assuntos recomendavam que se tivesse em casa panos, em quantidade suficiente para dar conta dos imprevistos- uma doença ou tempos chuvosos, quando ‘as lavadeiras faltavam’. Cada almoço e jantar requeria toalhas e guardanapos impecáveis, e o chá, uma toalha colorida e alegre. Uma mesa digna era posta sempre com ‘indefectível toalha branca adamascada’, que demandava ‘trabalho especial das lavadeiras’. Lavar, alvejar, secar e passar consumiam a maior parte das muitas horas de trabalho doméstico.” GRAHAM, Sandra Lauderdale. **Proteção e Obediência** - Criadas e seus patrões no Rio de Janeiro - 1860-1910. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.54.

¹⁷⁴ MATOS, Maria Izilda S. de. Corpos numa paucicéia desvairada: mulheres, homens e médicos – São Paulo, 1890-1930. **Projeto História**. Revista do Programa de Estudos Pós-

Voltando ao assunto dos espartilhos, cumpre lembrar que a maioria dos médicos se opunha ao seu uso, indicado como responsável por trazer malefícios à saúde feminina, causando doenças.

Alguma coisa diremos acerca dos males que podem provir do vestuário ao desenvolvimento da puberdade; porém deixando de falar a respeito das matérias que entram em sua formação, como muito conhecida, só trataremos dos abusos que uma idéia falsa de beleza e um requinte insuportável de garridice arrastam após si. [...] Que uma moça nesta época da vida procure ajuntar aos ornamentos de que a dota a natureza outras que as vestes possam fornecer nada é mais natural [...], mas que se torture em espartilhos ou coletes guarnecidos de barbatanas, e algumas vezes de lâminas de ferro, somente para apresentar um corpo esbelto e uma cintura fina, alheia á verdadeira, nada é mais ridículo e digno de lástima! Mas é tão poderoso sobre elas o ascendente da moda que, apesar dos mais sábios conselhos, não podem corrigir-se, mesmo à vista dos mais funestos exemplos. Rousseau, com dialética mais pura e enérgica, mostrou quanta atenção se deve prestar a este objeto a bem da humanidade inteira, mas os esforços deste filósofo parecem nenhum efeito ter produzido; porquanto, nas grandes cidades, onde este uso é sem limites, os males que daí provêm crescem espantosamente.¹⁷⁵

Os próprios médicos, todavia, não eram unânimes – alguns defendiam o uso do espartilho, porque ele poderia proteger o corpo “frágil” das mulheres. Em contrapartida, nos manuais de etiqueta aos

graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. nº. 25. São Paulo: Educ, dez. 2002. p.384.

¹⁷⁵ TEIXEIRA, Antonio Pedro. A puberdade em geral. Tese, Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1845. Apud: RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. **A cidade e a moda**. Brasília: Universidade de. Brasília, 2002. p.123.

espartilhos eram atribuídos diversos males, até mesmo a tuberculose. Dizia-se que causava doenças e mortes.

Os quatros quintos de jovens de Paris que morrem de moléstia de peito a si o devem, por pretenderem fazer a cintura fina com o colete. Quando se vir uma senhora que padece dores de estômago, com o nariz vermelho, a pele esverdeada, a respiração oprimida e a voz áspera e aguda, nenhuma dúvida pode haver de que ela adquiriu tudo isso pelo costume de se apertar.¹⁷⁶

Vê-se como era complexa a utilização do espartilho: afetava a respiração, causando doenças respiratórias, além de males do intestino, da coluna, abalando muito a saúde da mulher. As moças por vezes chegavam a desmaiar e a ficar com a pele esverdeada.

Com algumas ressalvas, porém, era permitido o uso do espartilho para as senhoras, mas seria terminantemente proibido para as adolescentes e mulheres grávidas. As meninas deviam usá-lo somente quando fosse para tratamento ortopédico.

Segundo o discurso científico da medicina, as funções tradicionais atribuídas aos gêneros estavam iniludíveis e irreversivelmente enraizadas na anatomia e na fisiologia. Os médicos viam a mulher como produto do seu sistema reprodutivo, base de sua função social e de suas características comportamentais: o útero e os ovários determinariam a conduta feminina desde e a puberdade até a menopausa, bem como seu comportamento emocional e moral, produzindo um ser incapaz de

¹⁷⁶ VERARDI, Luís. Novo Manual do bom tom. 6ª ed. Rio de Janeiro: Laemmert, 1900. Apud: RAINHO, op. cit., p.124.

raciocínios longos, abstrações e atividade intelectual, mais frágil do ponto de vista físico e sedentário por natureza, sendo que a combinação desses atributos, aliada à sensibilidade emocional, tornava as mulheres preparadas para a procriação e a criação dos filhos.¹⁷⁷

Quando se tratava de mulheres grávidas, o espartilho era terminantemente proibido pelos médicos, pois comprometia a saúde da mãe e a da criança em seu ventre.

A medicina propôs toda uma releitura do corpo feminino, uma ciência da mulher – a ginecologia-, que não encontrou correspondente para o masculino. Esta intensa medicalização do corpo feminino focalizou a pele, músculos, ossos, cérebro e órgãos procurando apontar as diferenças e as patologias femininas, criando polêmicas, formulando todo um conjunto de teorias e práticas, pressupostos, teses, normas de comportamento, visando ao adestramento dos corpos das mulheres, de seus desejos e sensibilidades.¹⁷⁸

Enquanto os médicos e intelectuais do século XIX polemizavam acerca dos malefícios dos espartilhos, *O Jornal das Senhoras*, reconhecendo o sofrimento causado pelo colete, prescrevia seu uso desde que fosse bem talhado e bem ajustado. O periódico inclusive fazia propaganda da loja que vendia bons espartilhos – estes sim defendidos por alguns médicos, por serem bem talhados e ajustados no corpo feminino. A loja em questão era a casa de Madame Sophia Dumoulin, de Paris.

¹⁷⁷ MATOS, Maria Izilda Santos de, **Âncora de Emoções** - Corpos, Subjetividades e Sensibilidades. Bauru, SP: Edusc, 2005. p.53.

¹⁷⁸ Ibidem. p.32.

[...] têm o privilégio de se prestarem sem esforço algum a todas as exigências da moda, vantagem que devem ao seu acertado corte e, particularmente, à presença de uma cintura, cuja combinação permite dar à vontade aos quadris todo o desenvolvimento de que são suscetíveis. Esta combinação, tão preciosa no ponto de vista da elegância, não o é menos no que respeita à saúde. Ela poupa às senhoras em geral e, particularmente, àquelas que se acham em estado interessante os perigos que podem resultar de uma pressão fatigante sobre os órgãos interiores. A higiene e a moda estão pois de acordo em recomendar estes espartilhos, e mais de um médico célebre tem receitado o seu uso e os considera como um dos melhores preservativos das moléstias intestinais, bem como das afecções pulmonares.¹⁷⁹

Observa-se uma articulação entre os artigos das redatoras e a publicidade veiculada n'O *Jornal das Senhoras*, no caso a publicidade da Casa Sophia Dumoulin, de Paris.

A moda ditava as regras do vestir durante o Império no Brasil, e ganhava inúmeras seguidoras mundo afora, mesmo desobedecendo aos preceitos médicos. A vitória do corpo ao natural sobre o espartilho somente aconteceria no século XX.¹⁸⁰

As mulheres o mais possível desembaraçadas de excessos moralizantes de vestes e de sapatos despoticamente inimigos de pernas e pés livres. São gostos que vêm representando protestos modernos contra tiranias moralizantes, de sabor arcaicamente vitoriano, no traje, dignamente burguês e supostamente de todo cristão, de senhoras e, até senhoritas. Talvez a primeira reação primitivista

¹⁷⁹ O JORNAL DAS SENHORAS. Rio de Janeiro - RJ, 16/09/1855. Apud: RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. **A cidade e a moda**. Brasília: Universidade de Brasília, 2002. p.127.

¹⁸⁰ FREIRE, Gilberto. **Modos de Homem e modas de mulher**. 2ª ed. São Paulo: Global, 2009. p.62.

nesse sentido possa ser a vitória do corpo natural, da mulher, sobre o espartilho, seguida anos depois, por outra vitória significativa: a atenuação no uso do salto excessivamente alto de sapato de mulher e da meia que resguardava de olhares fesceninos as pernas de mulheres.¹⁸¹



Figura 22 - Três moças elegantes no século XIX.¹⁸²

¹⁸¹ FREIRE, Gilberto. **Modos de Homem e modas de mulher**. 2ª ed. São Paulo: Global, 2009. p.62.

¹⁸² CHEZ CROQUE. **Chez Cultura**. s/d. Disponível em: <<http://www.chezcroque.com.br/cultura/196/A%20Dan%C3%A7a%20Retro>>. Acesso em: 28/02/2012.

4.3 MODA, VETOR CIVILIZATÓRIO

Articulando o pensamento de Norbert Elias e Pierre Bourdieu a propósito da moda e de seu papel no “processo civilizador”, temos algumas referências teóricas importantes para este trabalho.

Essas referências permitem que se compreenda a importância de que se revestiu a moda para a “boa sociedade” do Rio de Janeiro, especialmente na segunda metade do século XIX. Neste período, e dentro de um processo amplo de europeização dos costumes, a moda adquire uma função capital, tornando-se elemento caracterizador de uma sociabilidade moderna e marca de distinção social.

A europeização dos costumes foi, em linhas gerais, o processo no qual uma sociabilidade baseada na adoção de valores estrangeiros teve lugar no Rio de Janeiro, após a chegada da Corte. Nesse processo, os cuidados com a higiene, a correção dos modos, as boas maneiras à mesa e a adequação e distinção no vestir foram os elementos caracterizadores de uma etapa na qual a “boa sociedade” se civilizava.¹⁸³

Estudar o corpo feminino no século XIX pelo viés cultural da moda, sendo esta tomada, então, como foco de análise, se constitui num desafio na busca pelo entendimento das representações, vivências e experiências femininas mediante a análise do discurso – repleto de subjetividades – presente na imprensa dirigida à mulher.¹⁸⁴

¹⁸³ RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. **A cidade e a moda**. Brasília: Universidade de Brasília, 2002. p.44.

¹⁸⁴ “Habitus corporal designa disposições, ou seja, maneiras de fazer, duradouras e transferíveis, vinculadas a uma determinada classe de condições de existência, que atuam como fundamento para a produção e ordenamento de práticas e representações... e conformam uma dimensão fundamental de sentido e orientação social, bem como uma manifestação prática de experiência e da expressão do valor da própria condição social.” GOMEZ, Zandra Pedraza. Corpo, pessoa e ordem social. **Projeto História**. Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. n.º. 25. São Paulo: Educ, dez. 2002. p.87. Apud: MATOS, Maria Izilda Santos de, **Âncora de Emoções** - Corpos, Subjetividades e Sensibilidades. Bauru, SP: Edusc, 2005.

O *Jornal das Senhoras*, editado semanalmente, a cada mês publicava o molde de um figurino encomendado de Paris para suas assinantes. Já no primeiro mês da edição do jornal, mais especificamente em 18/01/1852, podia-se perceber o interesse feminino pelos figurinos.

Esta por tanto esgotada a edição toda dos nossos Figurinos, cujo número tínhamos calculado que seria mais que suficiente e não chegou! Ainda temos um considerável número de assinantes que por sua vez, mimia bondade esperarão até o trimestre de Abril, que é quando poderemos receber de Paris um dobrado número de estampas para satisfazer a todos quantos quizerem honrar.¹⁸⁵

A leitura do documento permite observar como era crescente o interesse pela moda entre o público feminino.

A figura apresentada a seguir mostra o traje adequado da senhora, possivelmente uma viúva, já que usa o negro. A jovem, provavelmente sua filha, tinha o corpo marcado pela cintura afilada, podendo-se verificar o uso do espartilho.

¹⁸⁵ O JORNAL DAS SENHORAS. Rio de Janeiro - RJ, 18/01/1852. Texto assinado por Joana Paula Manso de Noronha.



Figura 23 - O Jornal das Senhoras, 15/01/1854.

Para o grupo feminino, porém a moda continua sendo, no século XIX, a grande arma na luta entre os sexos e na afirmação do indivíduo dentro do grupo. Uma série de fatores como o advento da burguesia, a melhoria das vias de comunicação e o número crescente de figurinos – cujas pranchas de modas eram copiadas pelos jornais e revistas da província e de outros países – fizeram com que não fosse mais o apanágio de uma classe e se difundisse fora dos grandes centros de irradiação da cultura.¹⁸⁶

Havia influência francesa na moda, já que o modelo francês exprimia requinte e elegância.

Na seção “Modas” do dia 18/01/1852, *O Jornal das Senhoras*, mediante o texto de sua redatora, atestava a moda como uma arma da luta entre os sexos:

Dizia eu no meu último artigo de Domingo passado, que a moda do colete de emancipação fazia grande furor em Paris há meses, á esta parte, e que necessariamente teria o mesmo sucesso em todos os lugares onde ela aportasse, à vista das suas conveniências e da sua elegante novidade esta realizado o meu dito.

Assinantes [...] receberão com especial agrado o meu artigo e os competentes moldes e durante a semana tive o gosto de saber que muitos coletes já se estão fazendo pelas delicadas mãozinhas mesmo das nossas patrícias, além de outras muitas, que o mundo elegante confiou aos cuidados de nossas primeiras modistas, que não tem mãos a medir.¹⁸⁷

¹⁸⁶ MELLO E SOUZA, Gilda. **O Espírito das Roupas**. A moda no século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p.89. Ver ainda: BICALHO, Maria Fernanda B. **O Bello Sexo** - Imprensa e Identidade Feminina no Rio de Janeiro em fins do século XIX e início do século XX. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988. p.168.

¹⁸⁷ O JORNAL DAS SENHORAS. Rio de Janeiro - RJ, 18/01/1852. Texto assinado por Joana Paula Manso de Noronha.

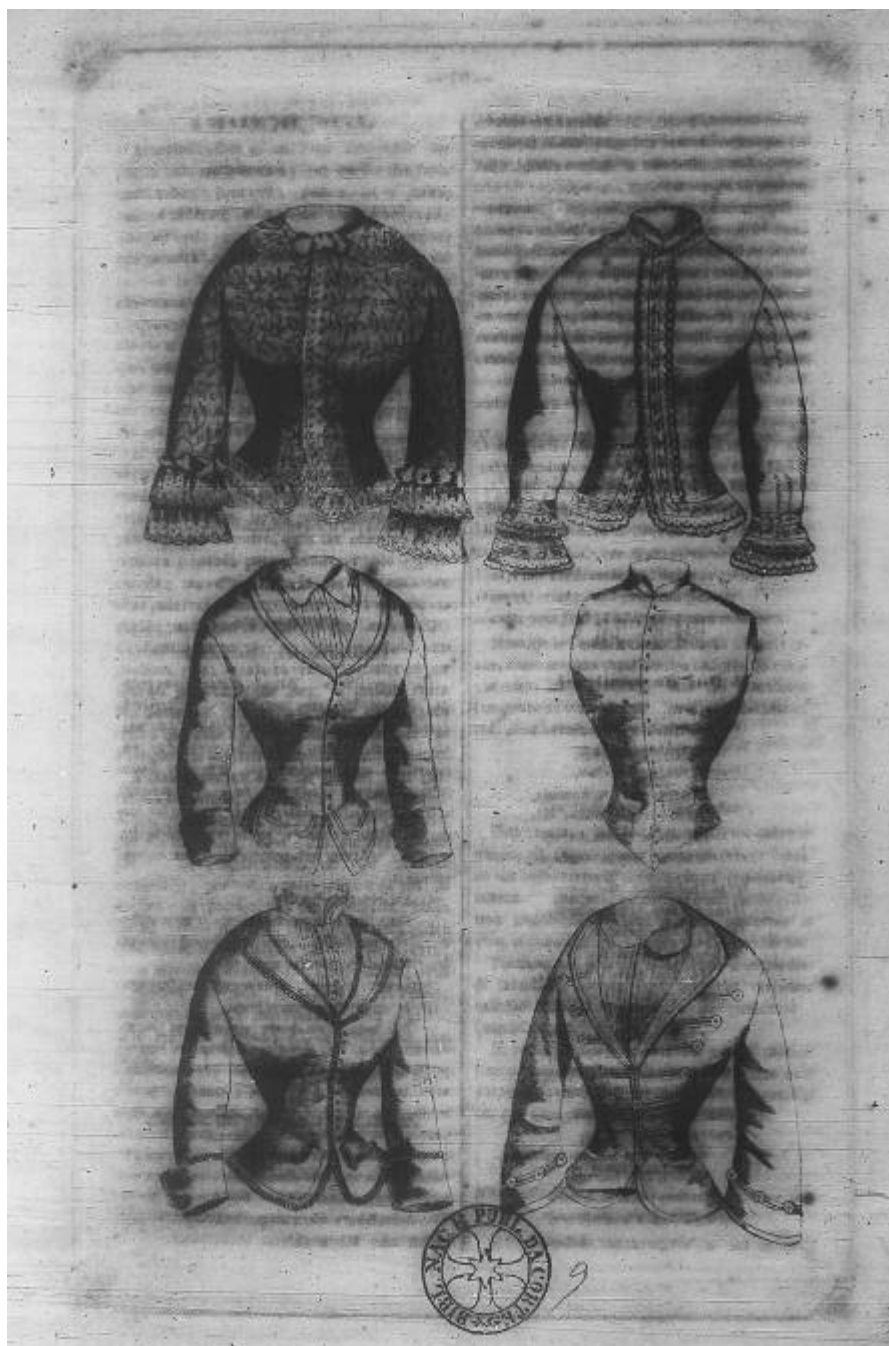


Figura 24 - “Colete de emancipação” - *O Jornal das Senhoras*, 21/03/1852.

As redatoras do jornal, além de divulgar um padrão de moda, também ensinavam a fazer os modelos e traziam moldes de peças consideradas elegantes e discretas, mostrando marcante influência francesa.

O colete de emancipação foi divulgado em uma semana, e na outra já havia moças usando a peça, graças ao trabalho das modistas.

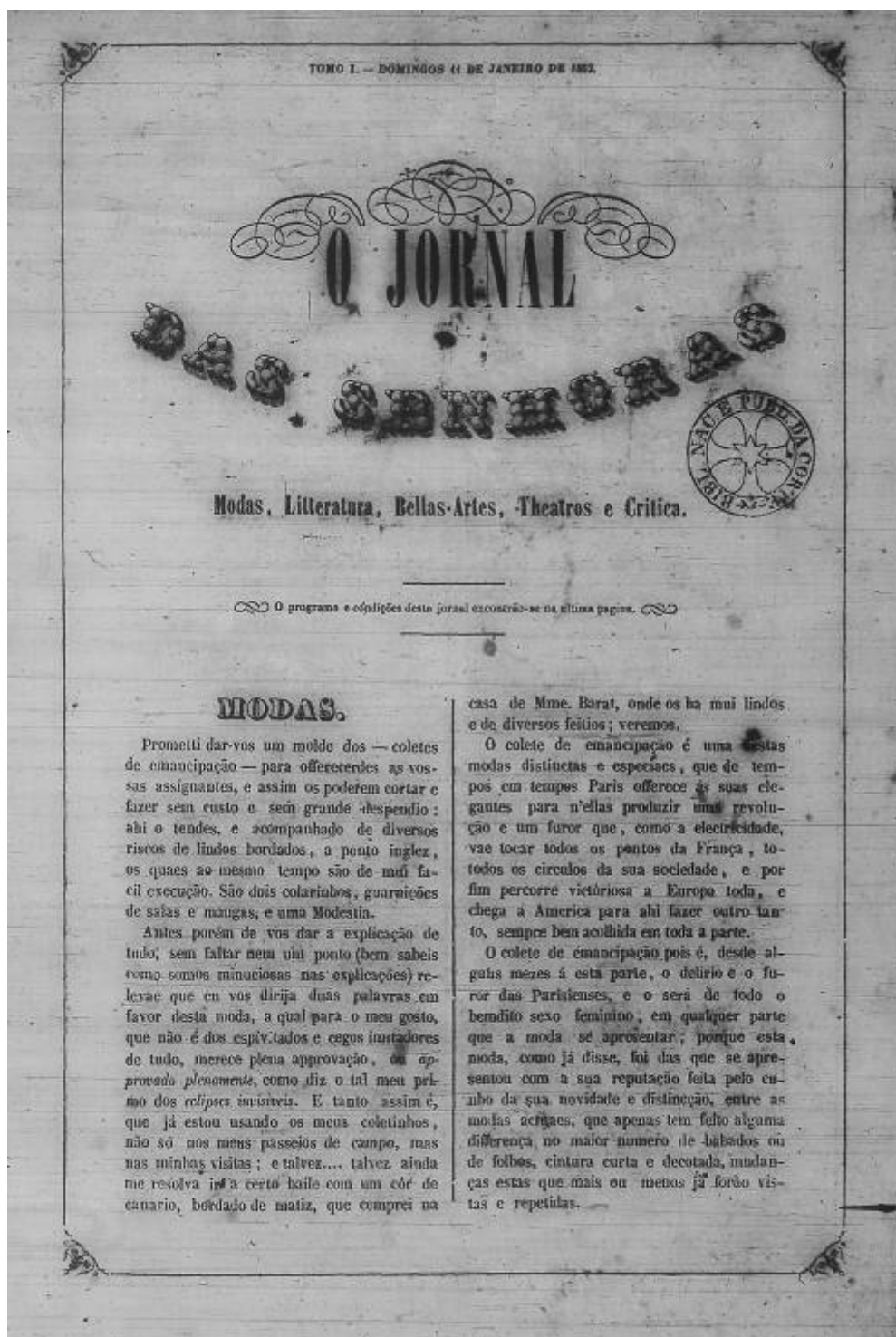


Figura 25 - O Jornal das Senhoras, 11/01/1852.

Se na primeira metade do século XIX as modistas eram negras livres que se ocupavam em costurar para a “boa sociedade” da Corte,

Observa-se também que na classe das negras livres, as mais bem educadas e inteligentes procuram logo entrar como operárias, por ano ou por dia, numa loja de modista ou de costureira francesa, título esse que lhes permite conseguir trabalho, por conta própria, nas casas brasileiras, pois com seu talento, conseguem imitar muito bem as maneiras francesas, trajando-se com rebuscamento e decência.¹⁸⁸

Na segunda metade do século XIX, havia um mercado consumidor da moda francesa e europeia na Corte Imperial, constituído por uma elite feminina. Havia também um conjunto de modistas francesas chegando à cidade. Isso já fazia parte do processo civilizador, como se pode perceber no relato de um viajante francês.

Segundo o depoimento do viajante, em meados do século XIX, havia dois tipos de mulheres de elite, no Brasil Imperial, na Corte: uma que seguia os padrões tradicionais; e outra que se modernizava tendo como parâmetro a civilização europeia, especialmente a moda francesa.

Embora seu posto de observação fosse a cidade do Rio de Janeiro, o viajante distinguia duas figuras femininas brasileiras diferenciadas: uma mulher tradicional, conservadora, fechada no lar; e a que se modernizava, segundo os moldes de comportamento europeu, a fútil que ele censurava.

¹⁸⁸ J. B. Debret, 1816. Cf.: LEITE, Miriam Moreira (Org.). **A Condição Feminina no Rio de Janeiro, século XIX**: antologia de textos de viajantes estrangeiros. São Paulo: Hucitec; Brasília: INL/Pró-Memória, 1984. p.111-2.

[...] ele diferenciava as mulheres que se modernizavam no início da década de 1860, no Rio de Janeiro, das que se mantinham presas aos padrões tradicionais de comportamento, isto é, a “verdadeira brasileira”. As primeiras saíam às ruas vestidas à moda francesa, com chapéus, crinolina e saias enfeitadas com muitos babados. A segunda, considerada no singular por definir uma essência, era “a senhora autêntica que permanece fiel aos antigos costumes”, deixando sua cabeça descoberta sem nenhum adorno além daquele conferido pela natureza. Enquanto as modernas usavam vestidos de seda, acompanhados por chapéus com plumas, enfeitados com flores, aquelas usavam roupas de cor sóbria e monástica e permaneciam fechadas em casa, ausentando-se apenas para as missas.¹⁸⁹

A partir de 1850, iniciou-se na cidade do Rio de Janeiro um processo de urbanização, incluindo melhorias de infraestrutura, que possibilitou uma maior visibilidade feminina. As mulheres passaram a frequentar bailes, teatros, confeitarias na Corte (ver capítulo 1). Principalmente a partir de meados do século XIX, quando ocorreu uma série de melhoramentos urbanos e socioculturais na Corte, houve uma europeização dos costumes na “boa sociedade”, que viveu um processo civilizador.

Nesse momento, a difusão da moda esteve intimamente associada ao desenvolvimento urbano. Ao promover a circulação das pessoas em espaços que surgiam, como teatros, os restaurantes e, principalmente, os bailes e as festas que proliferavam na Corte, a vida na cidade vai exigindo maiores cuidados na apresentação pessoal e uma adequação das roupas às circunstâncias. Os trajes da moda tornam-se então indispensáveis, pois, ao contrário

¹⁸⁹ EXPILLY, Charles. **Le Brésil tel qu'il est**. Paris: E. Center, 1862. p.76. Apud: RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite**: prostituição e códigos de sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. p.59.

das roupas simples do dia a dia, esses locais exigiam roupas especiais para aqueles que desejavam ser reconhecidos como membros da boa sociedade.¹⁹⁰

Assim, o Rio de Janeiro possuía várias facetas: havia, de um lado, a civilização e, de outro, problemas de higiene e saneamento básico, como nos cortiços onde moravam os populares (ver capítulo 1).

A face do Rio de Janeiro que se identificava com a difusão da moda era a da cidade que, beneficiada pela urbanização e pela europeização da vida social, permitia aos seus habitantes mais privilegiados o passeio pela rua do Ouvidor, reduto dos elegantes que se extasiavam com as vitrines da Notre Dame ou da Casa Wallerstein. Era também a da cidade das festas – como as que ocorriam no Cassino Fluminense –, dos saraus e dos bailes nos salões do senador Nabuco ou do barão de Cotegipe, ou ainda a cidade dos arrabaldes pitorescos, como a Tijuca e o Andaraí, onde a “boa sociedade” se refugiava em chácaras em busca de alívio para os rigores do verão, abandonando temporariamente o Flamengo, Botafogo e Laranjeiras.¹⁹¹

A moda no século XIX fazia sucesso nas cidades que viam crescer a circulação urbana, e esta exigia da mulher a apresentação de um traje condizente com a sua posição social. A vida na Corte dava à mulher de elite uma maior visibilidade, por sua presença no salão e seu papel nos negócios do marido. Assim, os pequenos comércios da rua requeriam a sua atenção.

¹⁹⁰ RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. **A cidade e a moda**. Brasília: Universidade de Brasília, 2002. p.58.

¹⁹¹ Ibidem. p.59.

As novas obrigações da mulher da “boa sociedade” incluíam então a promoção e a participação nas festas e nos salões, das quais muitas vezes dependia o prestígio da família.¹⁹²

Da maneira como a mulher se portava socialmente – como se vestia, se enfeitava, como recebia as visitas em sua casa ou como se insinuava junto a pessoas de influência – dependia a carreira política e econômica do marido. Por conseguinte, ela ganhou visibilidade ao sair à rua em busca de apetrechos para se embelezar, como os artigos de luxo da rua do Ouvidor.

Destarte, os mascates e vendedores ambulantes foram aos poucos perdendo sua freguesia, uma vez que esta, depois de 1850, deixava o hábito de adquirir artigos de beleza feminina e masculina comprando de mercadores que iam de porta em porta. Com o processo civilizador, as mulheres se europeizavam nas compras, passando a almejar os artigos de luxo importados comercializados na supracitada rua.

Um último aspecto importante dessa conjuntura que propicia a difusão da moda no Rio de Janeiro se refere ao surgimento da imprensa feminina e de seu papel na formação de estruturas mentais favoráveis à moda. Mais do que descrever trajes ou reproduzir figurinos estrangeiros, os jornais que possuíam colunas sobre o tema se dedicaram, desde o seu surgimento, a justificar a importância da moda e discutir sua adoção, tornando um espaço fundamental não só para sua divulgação, mas

¹⁹² RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. **A cidade e a moda**. Brasília: Universidade de Brasília, 2002. p.63.

principalmente, para transformar a moda em algo comum para a “boa sociedade”.¹⁹³

Fazia parte do cotidiano das elites, nos meados do século XIX, a leitura tanto de jornais femininos, com destaque para *O Jornal das Senhoras*, como masculinos, e foi mediante a leitura de jornais dedicados às mulheres que se difundiu a moda francesa e o uso do espartilho e da crinolina entre elas.

¹⁹³ RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. **A cidade e a moda**. Brasília: Universidade de. Brasília, 2002. p.65.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Rio de Janeiro passou, desde a vinda da família real portuguesa, por um processo civilizador, e gradativamente ampliou-se a visibilidade feminina. Não só a cidade e as mulheres mudaram, como também a família patriarcal transformou-se, desaparecendo lentamente o costume de dotar uma filha para o casamento. A prática do dote foi substituída aos poucos pela valorização da educação feminina, mais atrativa no mercado matrimonial.

A mulher instruída ganhou lugar de destaque no espaço público, sobretudo nos salões da Corte. A imprensa foi o vetor de difusão da moda e da necessidade de se educar as mulheres. Esse processo teve um segundo “boom” a partir de 1850, quando uma série de transformações urbanas movimentou o cotidiano da Corte Imperial.

Pensando os processos constitutivos do social, percebe-se como arcaica a prática do dote em meados do século XIX, mas havia o residual, ou seja, a endogamia dentro das elites, com a esposa valorizada no clã. Além disso, havia a defesa da instrução feminina e, paralelamente, havia também os que reforçavam a valorização masculina no espaço público, enfatizando a dominação do homem, já que à mulher cabia se realizar por meio da maternidade no espaço privado.

A educação feminina foi associada ao progresso rumo à civilização, não só pelas leitoras e jornalistas do periódico, como pela elite positivista. As jornalistas, por sua vez, também saudaram o progresso e, por exemplo, a iniciativa do Barão de Mauá de inaugurar a

primeira locomotiva do Brasil, num discurso nacionalista e ufanista marcado pelo romantismo da época.

As redatoras envolvidas com *O Jornal das Senhoras* entendiam que a mulher possuía uma sagrada missão: ser mãe. Joana Paula Manso de Noronha defendia a emancipação moral da mulher por intermédio da educação, revelando, no entanto, um conceito de emancipação feminina diferente daqueles vistos em outros momentos.

A imprensa teve papel importante na divulgação de novos modelos de comportamento e vestuário. Na seção de Modas do periódico analisado foi divulgada a moda dos espartilhos como fator de elegância, civilidade e bom gosto, apesar das recomendações médicas ditando que os espartilhos faziam mal à saúde.

O público de leitoras d'*O Jornal das Senhoras* tinha leituras plurais, responsáveis pela construção de representações, pois criavam uma expectativa do que gostariam de ler e, desse modo, impulsionavam os artigos, as tiragens, as vendas, compondo um mercado consumidor.

Apesar das dificuldades de se analisar o público d'*O Jornal das Senhoras*, tendo em vista as poucas cartas direcionadas ao jornal com comentários das leitoras, pode-se afirmar que a pesquisa contribui para a historiografia alargando horizontes da participação feminina no século XIX, um momento histórico em que se dividiram as esferas pública e privada, cabendo à mulher o espaço privado, e ao homem o espaço público.

Esta pesquisa buscou contribuir para demonstrar que os ideais positivistas de educação da população brasileira rumo ao progresso já se faziam presentes antes da proclamação da República, em 1889, nos inícios da década de 1850.

Foi possível notar que o diálogo entre a imprensa e a população feminina foi repleto de representações sociais, que, em geral, valorizavam a mulher como rainha do lar, não mais serva do lar, com direito a usar espartilhos para moldurar o corpo segundo a moda europeia.

O estudo da moda a partir d'*O Jornal das Senhoras*, apesar da dificuldade de se trabalhar esse viés do periódico, permitiu mostrar a europeização dos costumes, que levou as mulheres ao sacrifício corporal para serem consideradas belas, uma vez que, dentro da elite, uma mulher bonita poderia ser de fundamental importância para a carreira política ou pretensões econômicas do marido na Corte.

Restam muitas questões e possibilidades para analisar essa segunda metade do século XIX e a própria fonte central, *O Jornal das Senhoras*, sob novas perspectivas, como a rede de sociabilidade, os bailes, as tensões e os preconceitos no final da escravidão, entre várias outras.

Penso que assim contribuí para alargar os estudos de gênero e a respeito da imprensa no Brasil Imperial, fazendo notar que a relação entre homens e mulheres é permeada pela cultura e pelo momento histórico vivenciado pelos agentes históricos, no caso as mulheres de elite.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. Vida privada e ordem privada no Império. In: NOVAIS, Fernando; ALENCASTRO, Luiz Felipe de (Orgs.). **História da vida privada no Brasil**. Vol.2 - Império: a corte e a modernidade nacional. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ALVES, Gislene. **Nas Sendas do Progresso**: cidade, educação e mulheres (Pindamonhangaba - 1860-1888). Dissertação (Mestrado em História Social), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

ARAÚJO, Rosa Maria Barbosa de. **A Vocação do Prazer**: a cidade e a família no Rio de Janeiro Republicano. 2ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

BADINTER, Elizabeth. **Um Amor conquistado**: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BASSANEZI, Carla. **Virando Páginas, Revendo as Mulheres** - Revistas femininas e relações homem-mulher (1945-1964). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

BERNADES, Maria Thereza Caiuby Crescenti. **Mulheres de ontem?** Rio de Janeiro - século XIX. São Paulo: T. A. Queiroz, 1989.

BICALHO, Maria Fernanda Baptista. **O Bello Sexo** - Imprensa e Identidade Feminina no Rio de Janeiro em fins do século XIX e início do

século XX. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.

BORGES, Valdeci Rezende. **Histórias românticas na Corte Imperial**. O Romance urbano de José de Alencar (Rio de Janeiro - 1840-1870). Tese (Doutorado em História), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre: Zouk, 2008.

_____. **A dominação masculina**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BRESCIANI, Maria Stella. **O anjo da casa**. nº.29, Campinas-SP: IFCH/UNICAMP, 1991.

CAFÉ HISTÓRIA. **A Pátria** - Pedro Bruno - 1905 - Museu Histórico-RJ. 03/09/2009. Disponível em: <http://cafehistoria.ning.com/photo/a-patria-pedro-bruno?xg_source=activity>. Acesso em: 28/02/2012.

CALLAN, Georgina O'Hara. **Enciclopédia da Moda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CAMPOS, Raquel Discini de. **Mulheres e crianças na imprensa paulista (1920-1940)**: educação e história. São Paulo: UNESP, 2009.

CAPELATO, Maria Helena R. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto/Edusp, 1988.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil**. 20ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas de Leitura**. 4ª ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

CHEZ CROQUE. **Chez Cultura**. s/d. Disponível em: <<http://www.chezcroque.com.br/cultura/196/A%20Dan%C3%A7a%20Retro>>. Acesso em: 28/02/2012.

CONEXÃO Paris. **Museu Galliera, o museu da moda**. 02/12/2008. Disponível em: <<http://www.conexaoparis.com.br/wp-content/uploads/2008/12/crinoline1.jpg>>. Acesso em: 28/02/2012.

COSTA, Emília Viotti. **Da Monarquia à República: momentos decisivos**. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

DIAS, Maria Odila Silva. **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: PRIORE, Mary del; BASSANEZI, Carla (Coords.). **História das mulheres no Brasil**. 8ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

ELIAS, Norbert. **O Processo civilizador**. Vol.2 - Formação do Estado e Civilização. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

_____. **O Processo civilizador**. Vol.1 - Uma História dos Costumes. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ENTENDA DE MODA. **Curiosidade do dia**. 16/12/2010. Disponível em: <http://www.entendademoda.com.br/2010_12_01_archive.html>. Acesso em: 28/02/2012.

FALCI, Miridan Knox. Mulheres do sertão nordestino. In: PRIORE, Mary del; BASSANEZI, Carla (Coords.). **História das mulheres no Brasil**. 8ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Positivo, 2001.

FERREIRA, Tânia Tavares Bessone da Cruz. Os livros na imprensa, as resenhas e a divulgação do conhecimento no Brasil na segunda metade do século XIX. In: CARVALHO, José Murilo (Org.). **Nação e Cidadania no Império: novos horizontes**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. **Vigiar e Punir**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

_____. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 18ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

FREYRE, Gilberto. **Modos de Homem e Modas de Mulher**. 2ª ed. São Paulo: Global, 2009.

GOMES, Laurentino. **1808** - Como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a

História de Portugal e do Brasil. 2ª ed. São Paulo: Planeta do Brasil, 2007.

GOMEZ, Zandra Pedraza. Corpo, pessoa e ordem social. **Projeto História**. Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. nº. 25. São Paulo: Educ, dez. 2002.

GOUDINHO, Liliane do Socorro Cavalcante. **Mulheres em Ação (católica)**: Belém (1939/1947). Dissertação (Mestrado em História Social), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

GRAHAM, Sandra Lauderdale. **Proteção e Obediência** - criadas e seus patrões no Rio de Janeiro (1860-1910). São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

HAHNER, June E. **A Mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas**: 1850-1937. São Paulo: Brasiliense, 1981.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

HISTÓRIA DA MODA. **Espartilhos**. 09/07/2008. Disponível em: <<http://modahistoria.blogspot.com/2008/06/espartilhos.html>>. Acesso em: 28/02/2012.

HOBSBAWM, Eric J. **A Era do Capital** - 1848-1875. Tradução de Luciano Costa Neto. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

JANOTTI, Maria de Lourdes. O Livro Fontes Históricas como fonte. In: BASSANEZI, Carla (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

LEITE, Miriam Moreira (Org.). **A Condição Feminina no Rio de Janeiro, século XIX**: antologia de textos de viajantes estrangeiros. São Paulo: Hucitec; Brasília: INL/Pró-Memória, 1984.

LOURO, Guacira Lopez. **Gênero, Sexualidade e Educação** - Uma perspectiva estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary del; BASSANEZI, Carla (Coords.). **História das mulheres no Brasil**. 8ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

LUCA, Tânia Regina de. Fontes impressas - História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PRIORE, Mary del; BASSANEZI, Carla (Coords.). **História das mulheres no Brasil**. 8ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

MACEDO, Ragnaia Coutinho. **A mulher como produtora de arte**. Universidade Federal de Uberlândia, Festival de Arte 2005. Disponível em: <<http://www.festivaldearte.fafcs.ufu.br/2005/comunicacao-23.htm>>. Acesso em: 28/02/2012.

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: NOVAIS, Fernando A.; SEVCENKO, Nicolau (Orgs.). **História da vida privada no Brasil**. Vol.3 - República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____; ROMERO, Mariza. A sublime virtude de ser mãe. **Projeto História**. n.25 - Corpo & Cultura. Revista do Programa de Pós-

Graduação em História e do Departamento de História da PUC-SP, São Paulo, 2002.

MARQUES, Tereza Cristina de N. Elas também desejam participar da Vida Pública: várias formas de participação política feminina entre 1850 e 1932. In: PISCITELLI, Adriana (Org.). **Olhares feministas**. Brasília: MEC/ UNESCO, 2009.

MARTIM-BARBIERO, Jesús. Dos meios às mediações: Comunicação, Cultura e Hegemonia. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Por uma história da mulher**. Bauru - SP: EDUSC, 2000.

_____. **Cotidiano e Cultura: História, Cidade e Trabalho**. Bauru - SP: EDUSC, 2002.

_____. **Corpos numa paulicéia desvairada: mulheres, homens e médicos – São Paulo, 1890-1930. Projeto História**. Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. nº. 25. São Paulo: Educ, dez. 2002.

_____; ALVES, Gisele. As Mulheres: educação e progresso – São Paulo (1850-1900). **Revista Mackenzie**. Ano 3/4. São Paulo, 2003/2004.

_____. **Âncora de Emoções - Corpos, Subjetividades e Sensibilidades**. Bauru - SP: EDUSC, 2005.

MAUAD, Ana Maria. Imagem e auto-imagem do Segundo Reinado. In: NOVAIS, Fernando; ALENCASTRO, Luiz Felipe de (Orgs.). **História da**

vida privada no Brasil. Vol.2 - Império: a corte e a modernidade nacional. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. A Vida das Crianças de Elite durante o Império. In: PRIORE, Mary del (Org.). **História das Crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006.

MAURO, Frédéric. **O Brasil no tempo de Dom Pedro II: 1831-1889**. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

MELLO, Soraya Carolina de. **Feminismo de Segunda Onda no Cone Sul problematizando o trabalho doméstico (1790-1989)**. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Florianópolis, 2010.

MELLO E SOUZA, Gilda. **O Espírito das Roupas**. A Moda no Século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

MENDES JR., Antonio; RONCARI, Luiz; MARANHÃO, Ricardo. **Brasil História: Texto e Consulta - Império**. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

MODASPOT.COM. **Filme vencedor do Oscar de melhor figurino retrata a moda do século 19**. 08/06/2010. Disponível em: <<http://modaspot.abril.com.br/cultura-fashion/cultura-cinema-e-tv/filme-vencedor-do-oscar-de-melhor-figurino-retrata-a-moda-do-seculo-19>>. Acesso em: 28/02/2012.

MORAES, Mirtes. **Tramas de um destino** – Maternidade e Aleitamento. São Paulo (1899-1939). Tese (Doutorado em História Social), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

NAZZARI, Muriel. **O desaparecimento do Dote** - Mulheres, famílias e mudança social em São Paulo, Brasil (1600-1900). São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NUNES, Maria José Rosado. Freiras no Brasil. In: PRIORE, Mary del; BASSANEZI, Carla (Coords.). **História das mulheres no Brasil**. 8ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

O JORNAL DAS SENHORAS. Rio de Janeiro - RJ, 1852-1855 (vários números). Acervo da Seção de Obras Raras da Biblioteca Nacional - Rio de Janeiro.

PASTOR HAFNER. **Clotilde de Vaux, a virgem-mãe intercessora de Comte**. 18/05/2011. Disponível em: <<http://pastorhafner.blogspot.com.br/2011/05/clotilde-de-vaux-virgem-mae.html>>. Acesso em: 28/02/2012.

PEQUENA INFANTE. **Sublime piano**. 30/03/2011. Disponível em: <<http://www.pequenainfante.info/2011/03/sublime-piano.html>>. Acesso em: 28/02/2012.

QUEIROZ, Vera. **Crítica Literária e Estratégias de Gênero**. Niterói - RJ: EDUFF (Editora da Universidade Federal Fluminense), 1997.

RAGO, Elizabeth Juliska. **Outras falas**: feminismo e medicina na Bahia (1836-1931). São Paulo: Annablume/ FAPESP, 2007.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao Lar: A utopia da cidade disciplinar.** Brasil (1890-1930). 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

_____. **Os Prazeres da Noite:** Prostituição e códigos de sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

_____. Trabalho feminino e sexualidade. In: PRIORE, Mary del; BASSANEZI, Carla (Coords.). **História das mulheres no Brasil.** 8ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. **A Cidade e a Moda.** Brasília: Editora UNB, 2002.

RIBEIRO JR., João. **O que é positivismo.** 3ª ed. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1984.

RIOS FILHO, Adolfo Morales de los. **O Rio de Janeiro Imperial.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.

ROCHA, Elaine Pereira. **Entre a Pena e a Espada** - A trajetória de Leolinda Daltro: 1859-1935 - Patriotismo, Indigenismo e Feminismo. Tese (Doutorado em História Social), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

SAMARA, Eny de Mesquita. **Women's roles and work alternatives.** XVI International Congress - XIX, Century Brazil, LASA, Washington, 1991.

_____. **As mulheres, o poder e a família** – São Paulo no século XIX. São Paulo: Marco Zero/ Secretaria Estadual de Cultura de São Paulo, 1989.

_____. Mulheres chefes de domicílio: uma análise comparativa no Brasil do século XIX. **Revista Brasileira de História**. Vol.15, n. 29. São Paulo: Contexto, 1995.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. **Cultura e Sociedade no Rio de Janeiro - 1808-1821**. 2ª ed. São Paulo. Ed. Nacional, 1978.

SISI COUTINHO. Disponível em: <<http://sisicoutinho.blogspot.com/2010/04/corset-corselete-corpete-espartilho.html>>. Acesso em: 28/02/2012.

SOIHET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil Urbano. In: PRIORE, Mary del; BASSANEZI, Carla (Coords.). **História das mulheres no Brasil**. 8ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

SOUZA, Silvia Cristina Martins. Ao Correr da Pena: uma leitura dos folhetins de José de Alencar. In: CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Orgs.). **A História Contada: capítulos de história social da literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

SÜSSEKIND, Flora. **Cinematógrafo de Letras - Literatura, técnica e modernização no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

TELLES, Norma. **Encantações**: Escritores, imaginação literária no Brasil, século XIX. Tese (Doutorado em História), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1987.

_____. Escritoras, escritas, escrituras. In: PRIORE, Mary del; BASSANEZI, Carla (Coords.). **História das mulheres no Brasil**. 8ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

TERRA MAGAZINE. **A Corte no Brasil, luxo só**. 22/03/2008. Disponível em: <<http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI2698754-EI6581,00-A+corte+no+Brasil+luxo+so.html>>. Acesso em: 28/02/2012.

TRIGO, Maria Helena Bueno. **Os paulistas de quatrocentos anos**: ser e parecer. São Paulo: Annablume, 2001.

TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. **Clotildes ou Marias**: Mulheres de Curitiba na Primeira República. Coleção Farol do Saber. Curitiba: Fundação Cultural da Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996.

VENÂNCIO, Renato Pinto. Maternidade negada. In: PRIORE, Mary del; BASSANEZI, Carla (Coords.). **História das mulheres no Brasil**. 8ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.